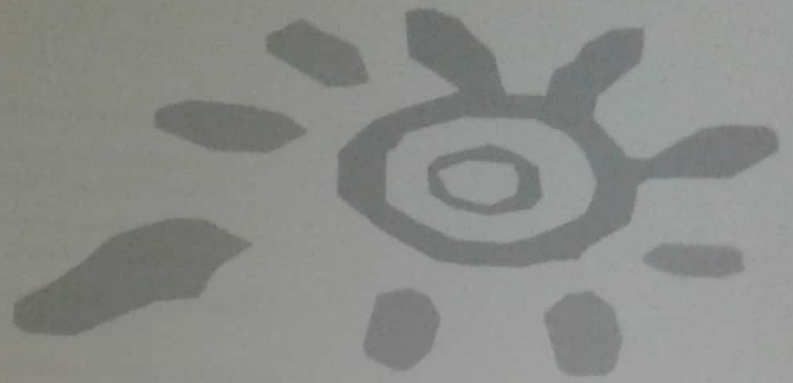
Kaka Werá Jecupé

Edição

OS MIL POVOS

rasil contada por um índio

O Brasil é a terra dos mil povos.
O seio que abrigou os filhos de
muitas terras estrangeiras e que
alimentou, com amor de mãe
genuína, os milhares de povos
indígenas que aqui habitavam
há cerca de 15 mil anos. Quem
eram e o que pensavam os
primeiros habitantes desta terra?
Antropólogos se debruçaram
sobre essa questão e deixaram
contribuições definitivas para a
compreensão desse capítulo
da nossa história.
A maioria das nações indígenas,
no entanto, permaneceu
calada, sofrendo passivamente
as influências da civilização
do homem branco, que chegou
tão perto e, no entanto, optou
por manter-se distante, atirando
no esquecimento toda a riqueza
da tradição, do pensamento e
da espiritualidade indígenas.
Mas um olhar renovado,
às vésperas do aniversário de
500 anos do descobrimento
do Brasil, pode nos revelar o
caráter absolutamente universal
dessas tradições.
Por que teimamos em conservar
o mesmo ponto de vista que os
portugueses tinham sobre a
cultura indígena quando
aportaram no litoral brasileiro?
Por que adotamos com tanto
fervor hábitos e valores europeus
e – mais do que isso – herdamos
sua maneira de olhar o Brasil?

A TERRA DOS MIL POVOS

A TERRA DOS MIL POVOS

História indígena brasileira contada por um índio

Kaka Werá Jecupé

Esta obra foi escrita com o objetivo de contribuir
para a consolidação do Instituto Nova Tribo, voltado para o resgate
e a difusão da sabedoria ancestral indígena brasileira.

Série educação para a paz

MAG

Editora responsável
Renata Farhat Borges Zanchi

Coordenação editorial
Rosania Mazzuchelli

Preparação de originais e revisão
Mineo Takatama

Projeto gráfico e editoração eletrônica
AGWM Artes Gráficas

Capa e ilustrações
Taisa Borges

Impressão
Gráfica Palas Athena

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Jecupé, Kaka Werá
A terra dos mil povos : história indígena brasileira contada por um índio / Kaka Werá Jecupé. – São Paulo : Peirópolis, 1998. – (Série educação para a paz)

ISBN 85-85663-24-3

1. Índios da América do Sul – Brasil – Cultura 2. Índios da América do Sul – Brasil – História I. Título. II. Título: História indígena brasileira contada por um índio. III. Série.

98-1679 CDD-980.41

Índices para catálogo sistemático:

1. Brasil : Índios : História 980.41

Editora Fundação Peirópolis Ltda.
Rua Girassol, 128 – Vila Madalena
05433-000 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3816-0699 e fax: (11) 3816-6718
e-mail: editora@editorapeiropolis.com.br
www.editorapeiropolis.com.br

A Tamãi Werá Poty, pelos ensinamentos ancestrais guaranis.
A Pehon e Pohi, pelos ensinamentos krahôs.
A Apoena, pela sabedoria xavante do Tempo e do Sonho.
A Tujá, meu Avô, pelo Amor que provê a Terra.
A Nandejara, pelos ensinamentos do Coração.
À tribo de Yvy Mara Ey, por sustentar meus passos.
Lua, Sol, Conselho das Estrelas e minha família deste chão de três faces.
Aos quatros cantos sagrados; à terra, à água, ao fogo, ao ar e à chama de três fogos.
Às árvores que se ofereceram em sacrifício para que estas palavras pudessem ser impressas.
E a todos os que trabalharam na confecção deste livro.

"Eu tive um sonho.
O Criador do Mundo apareceu e me disse que os animais
estão desaparecendo, morrendo ou fugindo.
Nós precisamos arrumar um jeito de aumentar os animais,
proteger o lugar onde eles vivem. Porque, se o povo indígena
deixar de comer carne de caça, vai deixar de sonhar. E são os
sonhos de poder que mostram o caminho que devemos seguir."

Sibupá Xavante

EU SOU KAKA WERÁ JECUPÉ

Kaka é um apelido, um escudo. De acordo com a nossa tradição, uma palavra pode proteger ou destruir uma pessoa; o poder de uma palavra na boca é o mesmo de uma flecha no arco, de modo que às vezes usamos apelidos como patuás. (Mais adiante falarei sobre isso.)

Werá Jecupé é o meu tom, ou seja, meu espírito nomeado. De acordo com esse nome, meu espírito veio do leste, fazendo um movimento para o sul, entonando assim um som, uma dança, um gesto do espírito para a matéria, que nos apresenta ao mundo como uma assinatura. Essa assinatura registrada na alma me faz algo como neto do Trovão, bisneto de Tupã. É dessa maneira que somos nomeados, para que não se perca a qualidade da Natureza de que descendemos.

Para a cultura guarani, na qual fui iniciado, em São Paulo, onde nasci, o ato da nomeação é a manifestação da parte céu de um ser na parte terra. O céu é o mundo espiritual, a raiz de todos nós. A terra é a contraparte material do espírito. Essa cultura se fundamenta em uma tradição que vem desde quando a noite não existia, chamada "Arandu Arakuaa", que se pode traduzir como "A Sabedoria dos Ciclos do Céu" ou "O Saber do Movimento do Universo". E é também sobre os fundamentos dessa tradição que vamos falar.

Na terra, meus pais não são Guarani – eles vieram das Minas Gerais, ladeando o São Francisco. Ficaram conhecidos no passado como Tapuia. No entanto, minha família se autodenomina "guerreiros sem armas", ou, como eu gosto de me apresentar: Txukarramãe. Os antepassados dos meus pais vieram do rio Araguaia. São clãs totalmente diferentes dos Guarani, povo no qual fui batizado. Devo, no entanto, dizer que não são os mesmos Txukarramãe presentes hoje no Alto Xingu, da família kayapó. Apresento-me como Txukarramãe pelo fato de ser um guerreiro sem armas, simplesmente. E, como meus pais já se foram para a Terra sem Males, comecei uma tarefa, a partir dos ensinamentos que me foram passados, de difundir a tradição, plantando agora, para o próximo Ciclo da Natureza Cósmica nessa terra chamada Brasil, sementes ancestrais para o florescimento de uma nova tribo.

Também passei por cerimônias de iniciação e reverência aos meus antepassados do Araguaia, banhando-me e cantando em suas águas, com o acompanhamento de parentes xavantes, seguindo um impulso do meu coração. Andei por cerrados, pela Mata Atlântica, pelas serras, de aldeia em aldeia, de norte a sul do país, colhendo sabedoria deixada por seres de cabeças brancas, seres de cabelos por nascer, pelas plantas, animais, pedras.

Mas nem sempre fui assim. Na minha infância, me distanciei da tradição quando fui estudar na escola pública, onde aprendi a arte de ler e escrever. Após quase quinze anos longe das minhas raízes, iniciei uma peregrinação à procura do meu espírito, que foi reencontrado novamente entre os Guarani e foi consagrado, depois de muitos atos de purificação de boa parte de minhas ignorâncias e mazelas, no belíssimo Tocantins pela cultura krahô, onde passei a ser conhecido como Txutk, "semente de fruto maduro".

Nessas andanças conheci mil povos, vivenciei suas riquezas: o pensamento, a sabedoria, os ritos, os mitos e a medicina sagrada nativa. No mundo espiritual reencontrei os ancestrais, os antepassados, as divindades anciãs, as entidades da natureza, e meu clã antepassado, em que busco, sempre que posso, sabedoria. A peregrinação na terra e o encontro espiritual me permitiram vivenciar a essência desses mil povos, a qual pretendo expor aqui, como parte da tarefa que desenvolvo atualmente, que é difundir os ensinamentos ancestrais: a Tradição do Sol, a Tradição da Lua e a Tradição do Sonho.

Meus pés percorreram serras, montanhas, florestas e rios que geraram os nossos antepassados. Meus olhos percorreram olhos de parentes desamparados de sua história devido à morte ou silêncio dos nossos velhos. Apalpei a terra estéril e a árvore seca pela raiz fraca em um poente que cobria a vida com um tom pálido. Era a alma do mundo dizendo que um ciclo havia terminado e que naquele instante, da soma das sabedorias das antigas tribos que o poente insistia em iluminar, mesmo que palidamente, uma nova tribo amanheceria como Sol. Para isso as raízes teriam que ser resgatadas, a terra precisaria ser recuperada e revitalizada. Foi assim que um menino buscou um guerreiro que buscou um clã que buscou o coração. E todos se puseram a trabalhar em um empreendimento: trazer a milenar sabedoria para as novas gerações, trazer de volta a ciência sagrada enquanto essência, para que seu aroma ampare e permeie como bálsamo os corações e as mentes das futuras gerações.

O QUE É ÍNDIO

O índio não chamava nem chama a si mesmo de índio. O nome "índio" veio trazido pelos ventos dos mares do século XVI, mas o espírito "índio" habitava o Brasil antes mesmo de o tempo existir e se estendeu pelas Américas para, mais tarde, exprimir muitos nomes, difusores da Tradição do Sol, da Lua e do Sonho.

Então, o que é índio, para o índio? Eu vou responder conforme me foi ensinado pelos meus avós, através do *Ayvu Rapyta*, passado de boca a boca com a responsabilidade do fogo sobre a noite estrelada, e através das cerimônias e encontros por que tenho passado com os ancestrais na terra e no Sonho.

Para aprender o conhecimento ancestral o índio passa por cerimônias, que são celebrações e iniciações para limpar a mente e para compreender o que nós chamamos de tradição, que é aprender a ler os ensinamentos registrados no movimento da natureza interna do Ser. O ensinamento da tradição começa sempre pelo nome das coisas e do modo pelo qual são nomeadas.

É dessa maneira então que começaremos.

Para o índio, toda palavra possui espírito. Um nome é uma alma provida de um assento, diz-se na língua ayvu. É uma vida entonada em uma forma. Vida é o espírito em movimento. Espírito, para o índio, é silêncio e som. O silêncio-som possui um ritmo, um tom, cujo corpo é a cor. Quando o espírito é entonado, torna-se, passa a ser, ou seja, possui um tom. Antes de existir a palavra "índio" para designar todos os povos indígenas, já havia o espírito *índio* espalhado em centenas de tons. Os tons se dividem por afinidade, formando clãs, que formam tribos, que habitam aldeias, constituindo nações. Os mais antigos vão parindo os mais novos. O índio mais antigo dessa terra hoje chamada Brasil se autodenomina *Tupy*, que na língua sagrada, o abanhaenga, significa: tu = som, barulho; e py = pé, assento; ou seja, o som-de-pé, o som-assentado, o entonado. De modo que índio é uma qualidade de espírito posta em uma harmonia de forma.

Cabe lembrar que tudo entoa: pedra, planta, bicho, gente, céu, terra. É assim, como foi ensinado pelos meus avós, que as vidas acontecem. E para existir uma harmonia de forma, para compor tudo o que entoa, grandes entidades da natureza, especialistas em escultura, arquitetura, engenharia, pintura, música, e operários da Criação trabalham incessantemente dirigidos por divindades anciãs, a que chamamos "Nanderus", e pela própria Mãe Terra, que por sua vez são dirigidos pelos mais antigos antepassados, que se tornaram estrelas, os anciães da raça. De acordo com a tradição, quando uma contraparte da humanidade se tornar estrela, a Terra alcançará sua meta de ser Estrela Mãe.

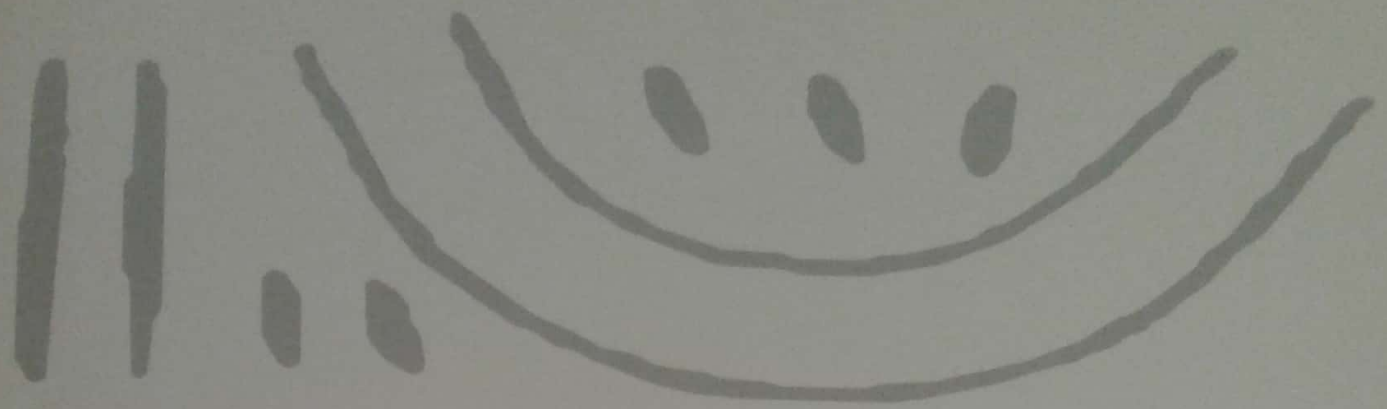
Os Nanderus são os ancestrais do ser humano. Essas divindades têm muitos nomes, pois somos muitas nações com muitas línguas diferentes, ou seja, muitas formas de perceber as realidades sagradas. Esses especialistas da natureza podem ser chamados de Entidades Sagradas, que, juntamente com as Quatro Divindades Dirigentes, formam o que o índio chama de Ancestrais Primeiros. É da natureza do índio reverenciar os ancestrais, os antepassados. Faz isso em sinal de gratidão, pois foram eles os artesãos, modeladores e moldes do tecido chamado corpo, feito dos fios perfeitos da terra, água, fogo e ar, entrelaçando-os em sete níveis do tom que somos, assentando o organismo, os sentimentos, as sensações e os pensamentos que comportam um Ser, que é parte da Grande Música Divina.

Em gratidão e memória dos que amalgamam o pote-corpo para que a palavra habite, expresse e flua, existem os ritos, as cerimônias, as danças e os cantos sagrados. Como a terra é a própria materialização da expressão de todos os espíritos, alguns povos de passado recente chamaram o conjunto de celebrações e ensinamentos de Tradição da Grande Mãe.

Em essência, o índio é um ser humano que teceu e desenvolveu sua cultura e civilização intimamente ligado à natureza. A partir dela elaborou tecnologias, teologias, cosmologias, sociedades, que nasceram e se desenvolveram de experiências, vivências e interações com a floresta, o cerrado, os rios, as montanhas e as respectivas vidas dos reinos animal, mineral e vegetal.

Há inúmeras características e formas de relações do índio com a natureza, o que provocou o florescimento de muitas etnias, muitas variedades de línguas, muitos costumes.

Estudos dos antropólogos registram atualmente 206 povos indígenas no Brasil. São povos que têm seus costumes e línguas. Por incrível que pareça, alguns deles nunca se encontraram, mesmo habitando aqui há milhares de anos. E, segundo ainda aqueles antropólogos, dos 206 povos ou nações indígenas, há quatro troncos culturais básicos, de onde se ramifica uma grande variedade de dialetos indígenas: tupi, karib, jê e aruak. Desses, o mais marcante foi o tupi, que ultrapassou os limites da floresta e penetrou na civilização ocidental que aqui se instalara no século XVI, influenciando hábitos, línguas e técnicas que até hoje persistem no cotidiano brasileiro.

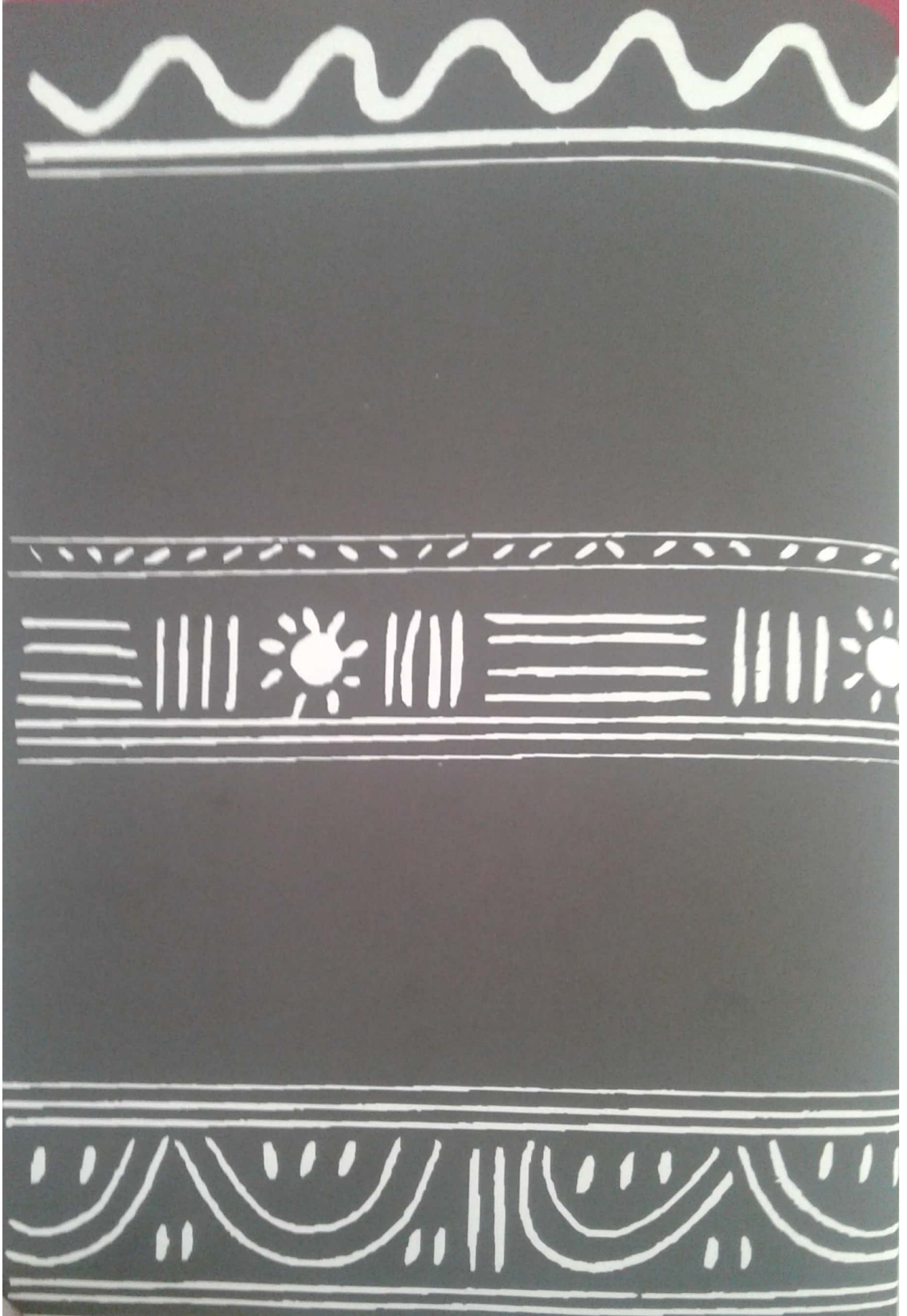
Ao contar a sua história, um índio, um clã, uma tribo parte do momento em que sua essência-espírito permeou a terra e relata a passagem dessa essência-espírito pelos reinos vegetal, mineral e animal. Há tribos que começam a sua história desde quando o clã eram seres do espírito das águas. Outras trazem a sua memória animal como início da história, assim como há aquelas que iniciam a sua história a partir da árvore que foram.

Nos milhares de anos que esses povos vêm se desenvolvendo por estas terras, fundamentaram-se três grandes tradições: Tradição do Sol, Tradição da Lua e Tradição do Sonho. Atravessaram três estações cósmicas: Jakairá, Karai e Tupã. Nessa quarta estação procuram fazer a síntese das tradições anteriores, que podemos chamar de Tradição da Grande Mãe, não porque essa variedade de povos aqui existentes assim a nomearam, mas porque, dentro da diversidade de ritos e culturas, têm em comum o culto e a reverência à Mãe Terra, que ofertava (e oferta) tudo de que necessitam.

A cultura de reverência à Mãe Terra foi se formando através dos ciclos das estações da natureza com os povos aqui existentes e houve um momento em que floresceu na região amazônica, onde a sabedoria deixou rastros através dos fragmentos da terra.

ÍNDIOS: OS NEGROS DA TERRA

Segundo os historiadores, quando Cristóvão Colombo saiu da Espanha com destino à Índia e chegou à América, enganou-se, chamando os filhos dessa terra de índios. E o termo "índio" acabou sendo com o tempo adotado para designar todos os habitantes das Américas.

No Brasil, no entanto, no início do chamado "descobrimento", os povos daqui eram chamados negros, por não serem brancos como os portugueses, franceses, holandeses e espanhóis que aqui transitavam, e por lembrarem os africanos, já conhecidos daqueles povos. Eram os negros da terra, assim conhecidos nos primeiros séculos após a chegada dos portugueses, principalmente na região de São Paulo. Contudo, a nomeação variava de lugar para lugar. Na região baiana, onde eram escravizados ou aliciados para tirar o pau-brasil, ficaram conhecidos como ***brasis****, ou* ***brasilienses.*** *Ou seja, gente da terra do pau-brasil. Os nomes variavam também de acordo com o povo, ou etnia. Por exemplo, o povo de Porto Seguro, na Bahia, segundo a descrição de Pero Vaz de Caminha, tinha a pele avermelhada, uma altura média de 1,60 metro, rosto cheio e arredondado, lábios finos, cabelos negros, lisos e compridos, pouca barba, dentes sadios e bem implantados. O povo "contatado" na região paulista tinha "corpo gigante", peito largo, pele escura, lábios grossos, cabelos curtos.*

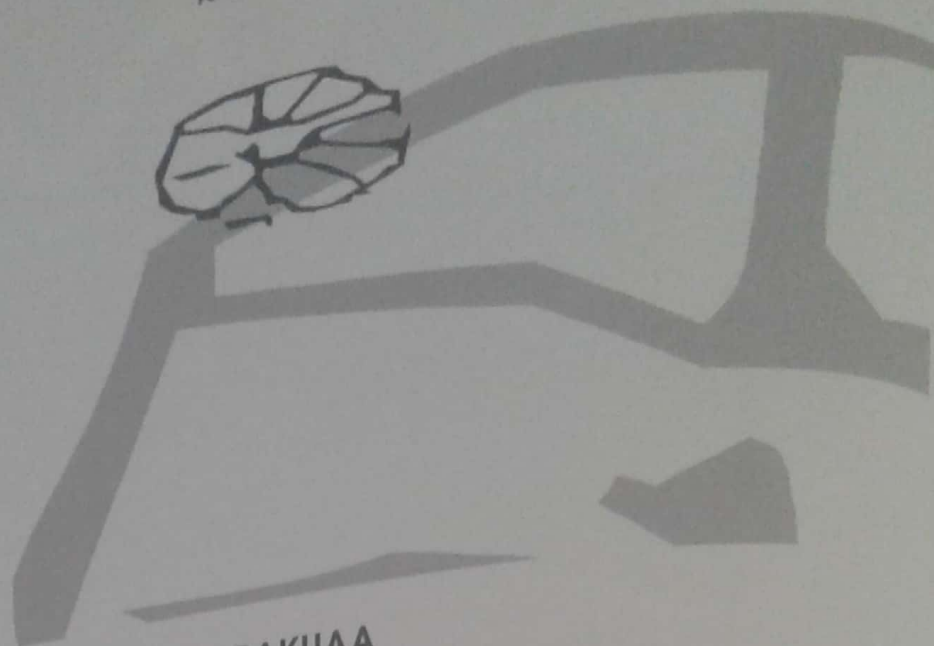
A TERRA DOS MIL POVOS

Tupi, Guarani, Tupinambá, Tapuia, Xavante, Kamayurá, Yanomami, Kadiweu, Txukarramãe, Kaingang, Krahô, Kalapalo, Yawalapiti. São nomes que pulsam no chão dessa terra chamada Brasil, formando suas raízes, troncos, galhos e frutos.

São raças? Nações? Etnias?

São a memória viva do tempo em que o ser caminhava com a floresta, os rios, as estrelas e as montanhas no coração e exercia o fluir de Si.

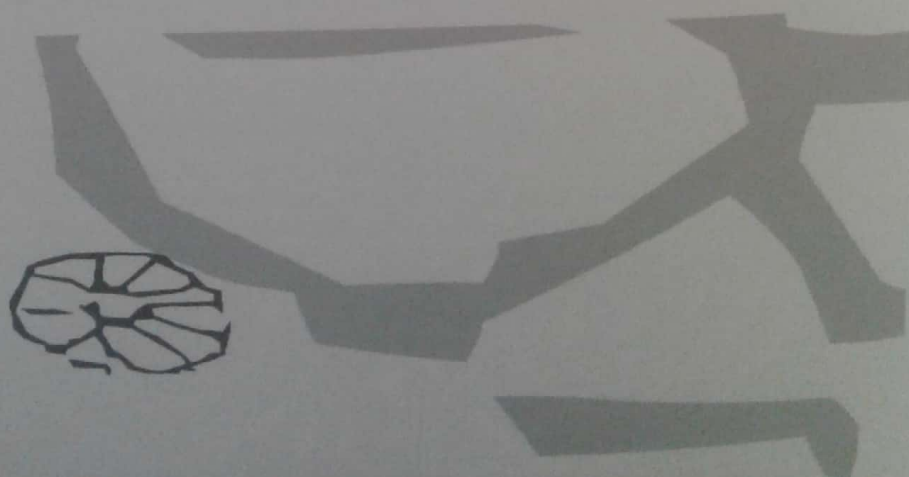
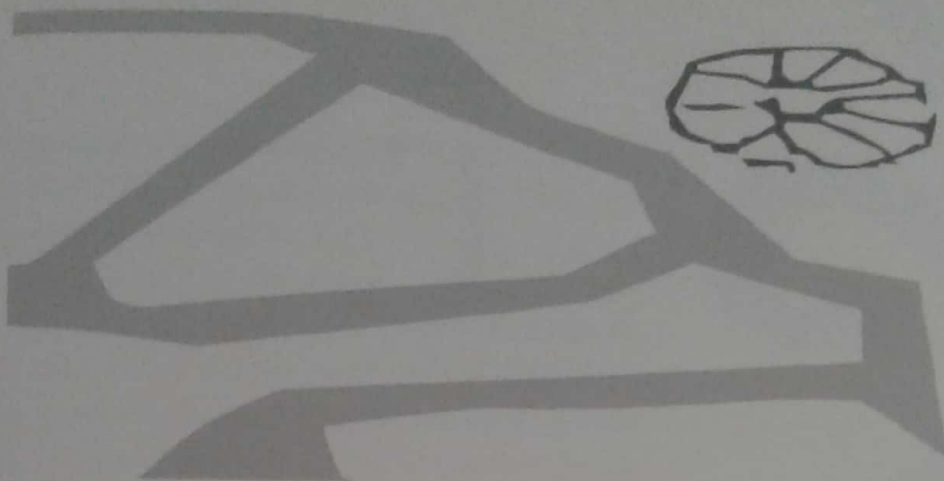
Esses clãs, tribos, povos têm uma árvore em comum que remete aos nomes: Tupy, Jê, Karib e Aruak. Mas, antes da chegada das Grandes Canoas dos Ventos do século XVI , o que podemos chamar de povo nativo era olhado e nomeado, do ponto de vista tupi, como Filhos da Terra, Filhos do Sol e Filhos da Lua. Na língua abanhaenga também dizia-se Tupinambá, Tupy-Guarani e Tapuia. Os povos Tapuia eram uma vastidão nômade, de muitos dialetos, que seguiram a Tradição do Sonho. Os Tupy dividiam-se em Tupinambá e Tupy-Guarani e trouxeram dos anciães da raça vermelha a Tradição do Sol e da Lua.

A história indígena do Brasil transcorre então com a germinação dessas três qualidades de povos: os povos da Tradição do Sonho, os da Tradição do Sol e os da Tradição da Lua.

A Tradição do Sol e a da Lua em um passado remoto eram uma só e foram ensinadas pelos anciães da raça vermelha como *Ayvu Rapyta*, que pode ser traduzido como "Os Fundamentos do Ser", ou "Os Fundamentos da Palavra Habitada", pois o termo *ayvu* significa "alma, ser, som habitado, palavra habitada". A raça vermelha é ancestral de todos os principais troncos culturais nativos e deixou como herança a Tradição Una, que com o tempo foi bipartida, tripartida, multiplicada, devido às ações humanas diante dos ciclos da natureza terrena e cósmica e suas respectivas leis. Já a Tradição do Sonho foi germinada pelos Filhos da Terra, ou seja, os povos que foram designados como Tapuia, pelos Tupy remanescentes da raça vermelha, depois do Grande Dilúvio da Terra, que, segundo a Sabedoria Sagrada, foi o encerramento do Ciclo de Tupã.

ARANDU ARAKUAA

Grande parte da cultura dos povos nativos brasileiros traz em seus mitos, cerimônias e filosofias (ligadas à Tradição do Sonho, do Sol e da Lua) um conjunto de práticas e ensinamentos que fizeram parte do Ciclo de Tupã. E foi no início desse ciclo que o *Ayvu Rapyta* foi disseminado entre os futuros Tupinambá e Tupy-Guarani.

Para entender o que é o Ciclo de Tupã torna-se necessário saber que os anciães da raça vermelha detinham uma ciência, a que chamamos "Arandu Arakuaa", que significa "A Sabedoria dos Movimentos do Céu", que trata da lei dos ciclos da Terra, do Céu e do Homem.

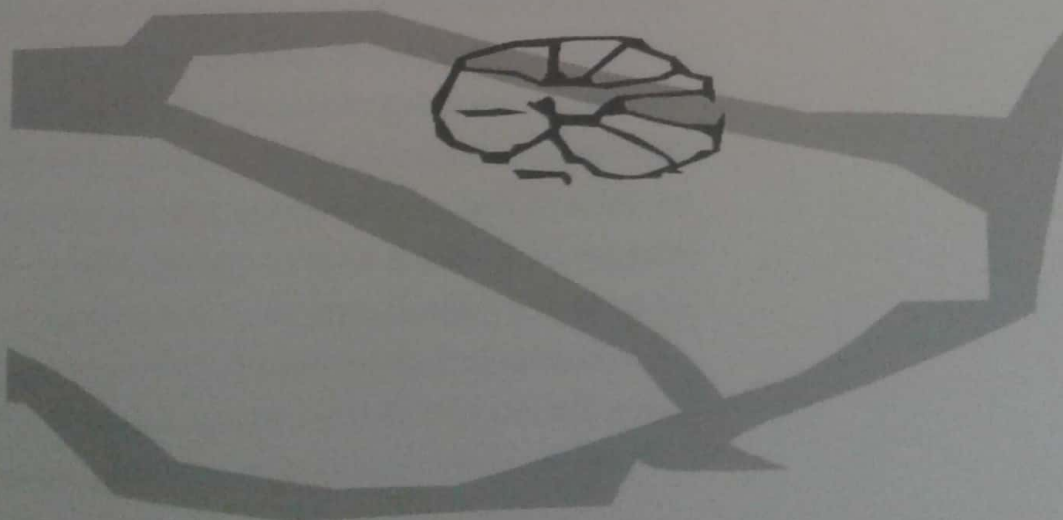
De acordo com a ciência sagrada, o Ciclo de Tupã faz parte de uma das quatro estações da natureza cósmica. Em cada estação reina um Nande Ru [pronuncia-se "Nhanderu"], que são quatro divindades que comandam os quatro cantos do espaço, que, por sua vez, comandam os quatro elementos sagrados do espaço: terra, água, fogo e ar, que interagem com o crescimento e desenvolvimento do ser humano, bem como de todo o conjunto de vidas. As estações estão representadas pelas quatro direções: leste, sul, oeste, norte.

Os ciclos ou estações movimentam-se, tendo no centro Nandecy, a Mãe Terra, que dança com a tarefa de tornar-se uma Estrela Mãe. Cada ciclo reflete-se em provas, desafios, aprendizados para todos os reinos.

O primeiro ciclo foi regido por Jakairá, a divindade responsável pelo espírito, pela substância, pela neblina e pela fumaça.

O segundo ciclo, por Karai Ru Ete, a divindade responsável pelo Fogo e pela Luz.

O terceiro ciclo, por Tupã, a divindade responsável pelos raios, trovões e águas.

O quarto ciclo, por Namandu, que se responsabiliza pela terra, mas que é O Grande Mistério. Namandu antecede todos os ciclos e permeia todos; é a Grande Unidade, embora seja um Ser Tribo.

Cada ciclo se entrelaça com todos os reinos de vida: mineral, vegetal, humano, supra-humano, divino, e se intercala em tons pelos três mundos que se entremeiam e formam o mundo que vemos. Pela leitura da natureza, a aranha ensina como funciona esse entrelaçamento e intercalação de mundos que é o Mundo. Na sua tecedura estão escritos os princípios da Tradição.

TUPÃ

Foi durante o Primeiro Grande Ciclo da Terra, através de Jakairá, que ela foi verdadeiramente povoada. Era a época das Tribos-Pássaros e dos Povos Arco-Íris.

As Tribos-Pássaros deixaram os Mistérios Sagrados para a humanidade que estava por nascer, já no Segundo Grande Ciclo, comandado por Karai Ru Ete, o Senhor do Fogo Sagrado, que criou a roça para o nascimento e desenvolvimento do Homem-Lua e da Mulher-Sol, que gerou a Tribo Vermelha, que por sua vez, dos mistérios herdados, principiou a elaboração do *Ayvu Rapyta*. É desse momento remotíssimo que vem a raiz das culturas dos Povos da Floresta.

Cada grande ciclo impôs desafios próprios para o amadurecimento das tribos humanas. O grande desafio do Ciclo de Jakairá, que se manifesta na Terra ora como neblina ou bruma, ora como "um grande amanhecer circundado de relâmpagos em vestes rosadas", foi a coragem para a liberdade. Coragem de penetrar em seu Sagrado Mistério. Aqueles das Tribos-Pássaros que não ousaram deixaram como herança para os futuros filhos da terra a qualidade do medo, que, com o movimento das estações, foi se tornando um espírito que se agarrou nos ossos do humano, gerando tempos depois as diversas formas de escravidão.

Já no tempo de Karai Ru Ete, o Senhor do Fogo Sagrado, o grande desafio foi a Descoberta da Noite, que gerou outros tantos, pois dela, quando se olha de um determinado ponto, parece que o Homem-Lua e a Mulher-Sol estão separados. E desse ponto nasceram três espíritos: o Espírito do Sono, o Espírito do Sonho e o Espírito da Ilusão. E cada um desses Filhos da Noite criou para as futuras gerações a sua realidade.

No tempo de Tupã, o Senhor dos Trovões e Tempestades, Comandante das Sete Águas, o grande desafio foi o Poder. Sua bênção colocada na orelha esquerda cha-

ma-se *arandukua* (inteligência), e na orelha direita, *mbaekua* (sabedoria). Na cabeça humana fez sua pintura, chamada pensamento, que não é outra coisa senão seus raios e trovões sagrados em ação, cujo corpo são as águas das emoções e dos desejos que se movimentam para o Criar e o Destruir. Esse foi o mais difícil ciclo para a Mãe Terra, pois a humanidade quase a extinguiu, colocando em risco a Dança Sagrada da Galáxia pelo mau uso que fez do poder de criar.

Isso ocorreu pelo fato de os povos dessa época terem acumulado em seu sangue as más sementes dos ciclos passados: os espíritos do medo, do sono, da ilusão, da escravidão, do sonho nublaram o Ser de esquecimento, o que gerou no Ciclo de Tupã a posse, a disputa, o apego, ampliados pela consciência do Poder.

Tupã reagiu limpando todo o mal com o Sal da Terra. As Águas abraçaram a Mãe, para que ela não morresse desse mundo. No ciclo anterior, de Karai, fora o fogo que separou o que tinha que separar e uniu o que tinha que unir. E no primeiro ciclo, de Jakairá, foram os Ventos.

Ao fim de cada estação, para aqueles que não haviam superado suas lições e desafios, foram deixados os meios para poderem vencer a si mesmos, separando as boas e as más heranças dos seus caminhos antepassados. Tupã deixou sua essência em nós para exercitarmos a arte de criar e destruir. Tupã significa Grande Som, na língua abanhaenga, a língua que originou o Tupi. *Tu* quer dizer som e barulho, e *pan*, expansão, fluir. Sua essência manifestada é a palavra, assim como sua contraparte não-manifestada é o pensamento. Os anciães da Grande Tribo Vermelha que venceram todos os ciclos anteriores deixaram então os meios, os fundamentos e a sabedoria extraída de cada tempo antigo para que seus netos possam se erguer e seguir a caminhada sagrada da Vida.

O CORPO-SOM DO SER

Os povos indígenas brasileiros, mais precisamente os Tupinambá e os Tupy-Guarani, descendem de ancestrais chamados pelos antigos de Tubuguaçu, que detinham uma certa sabedoria da alma, ou seja, do *ayvu*, o *corpo-som* do Ser. A partir dessa sabedoria ligada a uma ciência do sagrado, desenvolveram técnicas – na verdade, intuíram técnicas – de afinar o corpo físico com a mente e o espírito.

Os Tubuguaçu entendem o espírito como música, uma fala sagrada *(nê-enporã)* que se expressa no corpo; e este, por sua vez, é flauta *(U'mbaû)*, veículo por onde flui o canto que expressa o *Avá* (o ser-luz-som-música), que tem sua morada no coração.

Essa flauta é feita da urdidura de quatro angás-mirins (pequenas almas), que fazem parte dos quatro elementos: terra, água, fogo e ar. Eles precisam estar afinados para melhor expressar o *Avá*, que é a porção-luz que sustenta o corpo-ser, que, para os ancestrais é o fogo sagrado que move os guerreiros, dando-lhes vitalidade, capacidade criativa e realizadora.

Por isso fez-se o Jeroky, a dança, com o fim de afinar todos os espíritos pequenos do ser. Para que cante sua música no ritmo do coração da Mãe Terra, que dança no ritmo do coração do Pai Sol, que, por sua vez, dança no ritmo do Mboray, o Amor Incondicional, abençoando todas as estrelas. Dessa maneira, cada um pode expressar através de seu corpo a harmonia, entrando em sintonia com Tupã Papa Tenondé, o Grande Espírito que Abraça a Criação.

Compreendendo o ser como um *tu-py*, um som-de-pé, os antigos afinavam o espírito a partir dos tons essenciais do ser, tons que participam de todos os seres. Os tons essenciais que formam o espírito são o que a civilização reconhece como *vogal*.

Cada vogal vibra uma nota do espírito que os ancestrais chamavam de angá-mirim, que comporta o *ayvu*, estruturando o corpo físico. São sete tons, e quatro deles referem-se aos elementos terra, água, fogo e ar, coordenando a parte física, emocional, sentimental e psíquica do ser. E três desses sons referem-se à parte espiritual do ser.

Eis os tons: *Ÿ* (uma espécie de "u" pronunciado guturalmente), *U* (vibrando da mesma maneira que o U da língua portuguesa), *O, A, E, I* (vibrando da mesma maneira que na língua portuguesa), e, por último, o som "insonoro", que não se pronuncia, mas que, na antiga língua abanhaenga, mãe da língua proto-tupi, se pronunciava unindo aproximadamente os sons mudos da expressão *MB*, gerando palavras como Mbaekuaa, Mboray (sabedoria, amor).

O SER DE CADA TOM

Ÿ

Soa como um "u" gutural e é o tom do *angá-mirim raiz*; vibra o padrão terra do ser. Sua morada é na base da coluna. É o tom da vitalidade física, da concretização, da segurança, da determinação. Bater o pé direito no chão e liberar esse som é o ato guerreiro de estar firme sobre o caminho.

U

É o tom do *angá-mirim água* e vibra nessa direção. Sua morada é o umbigo. É o tom da vitalidade emocional. Quando ele está no seu fluxo natural, manifesta o bem-estar emocional e estimula a criatividade. Quando o corpo está preso, dançá-lo solta as más águas.

O

Vibra o tom do *angá-mirim fogo* e mora no plexo. Os antigos pajés chamavam-no Kuaracymirim, ou seja, pequeno sol do ser. Sua vibração irradia o *ayvu* e dançá-lo pode purificá-lo.

A

Vibra o tom do *angá-mirim ar* e mora no coração. Essa vibração faz a união do céu com a terra, ou seja, das partes interna e externa do ser. Seu tom vibra os sentimentos.

E

Vibra na altura da garganta. Ali esse tom faz sua morada. É a própria expressão da alma atuando na forma da palavra. Essa região é responsável pela liberdade da alma. É a *nêe-porã*, a fala sagrada do ser.

I

Este tom mora na gruta sagrada do ser, que se localiza no fundo da cabeça, na direção de entre os olhos. Ele estabelece ligação com o sétimo tom, que é o silêncio. Favorece a intuição quando dançado.

I
E
A
O
U
Ÿ

A MEMÓRIA CULTURAL

A memória cultural se baseia no ensinamento oral da tradição, que é a forma original da educação nativa, que consiste em deixar o espírito fluir e se manifestar através da fala aquilo que foi passado pelo pai, pelo avô e pelo tataravô. A memória cultural também se dá através da grafia-desenho, a maneira de guardar a síntese do ensinamento, que consiste em escrever através de símbolos, traços, formas e deixar registrado no barro, no trançado de uma folha de palmeira transformado em cestaria, na parede e até no corpo, através de pinturas feitas com jenipapo e urucum.

Um narrador da história do povo indígena começa um ensinamento a partir da memória cultural do seu povo, e as raízes dessa memória cultural começam antes de o Tempo existir. O Tempo chegou depois dos ancestrais que semearam as tribos no ventre da Mãe Terra. Os ancestrais fundaram o Mundo, a Paisagem e, de si mesmos, fundaram a humanidade. Foi nesse momento que o Tempo surgiu.

Para o povo indígena, a origem da tribo humana está intimamente ligada à formação da Terra, assim como o Tempo está intimamente ligado à formação da humanidade. O Tempo organizou o espaço dos ancestrais, do Homem, da Paisagem, das Tribos.

A formação da Terra está ligada ao coração do Sol, da Lua e das Estrelas. Na consciência indígena, tais seres também fazem parte do Grande Conselho dos Ancestrais, de maneira que pertencemos, pela memória e pelo sangue, também à parte descendente. Essa visão pode ser chamada de "cosmologia nativa".

OS ANCESTRAIS

Antes de prosseguir, convém saber mais sobre o pensamento indígena, baseado na síntese de sua memória cultural, acerca de "ancestrais", de "fundação do mundo" e de "humanidade". Ancestrais são também conhecidos como Trovões Criadores ou Anciães Arco-Íris, ou Pássaros-Guerreiros; as nomeações variam de povo para povo e dependem também da época dos ciclos imemoriais em que se ergueram. Mas, em essência, os quatro principais troncos culturais nativos – Tupy, Aruak, Karib e Jê – trazem essa definição como parte do que poderíamos chamar de "filosofia indígena", segundo a qual dentre os Trovões Criadores há os que são encarregados de criar "mundos" e os incumbidos de criar "humanidades". Fazem parte do poder criador dos ancestrais primeiros o Sol, a Lua, o Arco-Íris, a Terra, a Água, o Fogo e o Ar, regidos por Jakairá, Karai Ru Ete, Tupã, Namandu, e estes por sua vez colaboram para gestar a tribo humana. Para o povo indígena, a natureza não atua mecanicamente dentro da Mãe Terra.

Cada nação ou clã guarda em sua memória cultural a sua ascendência dentro do reino da natureza de acordo com o pensamento de ancestralidade. Guarda a memória dos pais e da interação desses, ou, como dizem, do namoro dos Pais Trovões com a Mãe Terra.

Alguns exemplos: o povo Karajá mantém através da sua memória cultural o reconhecimento de que veio do Espírito das Águas, ou seja, para ingressar no reino humano passou pelas Águas, reconhecidas como um Espírito-Mãe a que ele denomina Aruanã; o povo Tupy-Guarani mantém em sua memória o reconhecimento de que foram gerados pelo Sol e pela Lua quando estes habitaram a Terra como Homem-Lua e Mulher-Sol; o povo Xavante pinta em seu rosto um "girino" para referenciar a origem humana a partir das águas e pinta o seu corpo de vermelho e preto com traços que aludem à ancestralidade.

No passado era difícil compreender o conceito indígena de ancestralidade, mas hoje em dia, com o reconhecimento científico de que o ser humano passa por vários estágios evolutivos até chegar ao homem, talvez seja mais fácil reconhecer esse pensamento.

Houve um tempo em que a Tradição do Sol e a da Lua foram quebradas e o índio perdeu a consciência do sentido de suas duas partes antepassadas: Tupinambá e Tupy-Guarani. Naquele momento havia no Brasil algumas civilizações nativas, nomeadas Tapuia pelos Tupinambá.

Os dois clãs que se partiram eram mais velhos de espírito e herdavam um grande conhecimento quando seus antepassados habitavam terras anteriores a esta, que foram submergidas pelo ato de Tupã na mudança da estação passada da Terra.

Esses clãs desenvolveram uma medicina e uma tecnologia intimamente ligadas à Mãe Terra, porém tinham divergências entre si. Uma parte, o clã Tupinambá, tinha a ascendência ligada ao Sol e se tornou expansiva. A outra parte, os Tupy-Guarani, tinha a ascendência ligada à Lua e se tornou mais introspectiva. Os filhos da Lua continuavam o culto à Mãe Terra, pois sabiam-se intimamente parte dela. Os filhos do Sol desejaram se expandir pelos quatro cantos da Terra. Achavam que tinham que civilizar os clãs que eles nomeavam Tapuia, passando a ciência e a tecnologia das terras que as águas afundaram.

As diversas tribos se comunicavam, cada uma a seu modo, com os espíritos da natureza e suas divindades, ou seja, com as outras formas de vida: os seres da terra, da água, do fogo e do ar; os espíritos superiores: seres-trovões, seres-estrelas, seres-arco-íris; os espíritos intermediários: povo-planta, povo-pedra e os animais. Desenvolveram uma sensibilidade para sentir e contatar e interagir com as energias da terra, respeitando-a como uma divindade. Desenvolveram uma compreensão das polaridades que regem a vida presente em todas as vidas, que nomearam: sol e lua, o movimento e o repouso, o feminino e o masculino, o dia e a noite, o Jeguaka e o Jasuka (emblema feminino e emblema masculino), o Katamiê e o Wakmiê .

. Os Tupinambá saíram de suas aldeias sagradas e acabaram encontrando pelos caminhos que iam abrindo, fundando novas aldeias, as tribos da terra, os que estavam aqui desde antes do Dilúvio, a quem chamavam Tapuia.

Mas quem eram os Tapuia, filhos desse chão?

Não era um povo único. Eram muitos povos, brotados de diversos lugares: cerrado, litoral atlântico, serras. Que cresciam no ritmo da terra e que repentinamente acabavam se deparando com os filhos do Sol.

Desses povos, este solo guarda fragmentos milenares, que a arqueologia recompõe, revelando aos poucos sua caminhada no início de seu florescimento.

Os Tapuia, na visão dos Tupinambá, precisavam acordar seus nomes. Já os Tupy-Guarani acharam que eles precisavam recordar seus nomes. Aparentemente, não há muita diferença entre um termo e outro. Mas isso significou maneiras totalmente opostas de lidar com os filhos da terra.

Segundo a tradição, diz-se que nessa época os mil povos Tapuia tinham mais consciência da dimensão do sonho, e muitas tribos desenvolveram seu aprendizado a partir das lições que o sonho trazia. De modo que eles herdaram de ciclos imemoriais passados a Tradição do Sonho.

Os povos da tradição tupi chegaram a tecer templos-cidades chamados Paititi, Manoa, Uinani, que hoje se tornaram mistérios envoltos em brumas de Jakairá, enquanto os chamados Tapuia teceram cantos e danças que ligavam o Sonho com a Terra, no gesto das cerimônias. Ritos que servem até hoje para sustentar a fé da Mãe Terra em sua dança sagrada no universo, pois por esses caminhos ela sabe a profunda razão do seu vôo.

A MEMÓRIA DA TERRA

Do ponto de vista da arqueologia, considera-se grande civilização uma cultura que tenha adquirido um grande contigente populacional, que tenha desenvolvido técnicas para lidar no ambiente em que se tenha vivido ou vive, e uma arte ou uma forma de expressar o seu pensamento e idéias. A ciência considera a passagem do homem coletor, ou seja, o que vive de acordo com o que a natureza provê naquele momento, para o homem agricultor, ou seja, o homem que através do conhecimento dos ciclos da natureza passa a interferir e manejar seu próprio alimento; um grande passo civilizatório.

Pelos fragmentos espalhados através dos sítios arqueológicos de norte a sul do Brasil, esse imenso quebra-cabeça que a Mãe Terra nos legou claramente indica que um grande florescimento civilizatório ocorreu justamente na região amazônica por volta de 4.000 anos atrás. Se juntarmos a memória cultural dos povos às investigações da ciência, poderemos ter uma idéia do tipo de civilização que habitou ali por esse período.

DOS ANCESTRAIS AOS ANTEPASSADOS

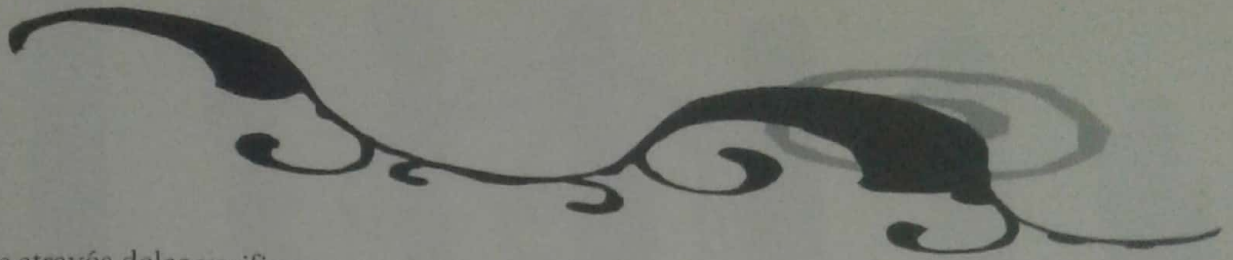
Até um passado recente, para se aprender a história de um período cultural empregava-se normalmente a averiguação de documentos escritos; contudo, a arqueologia é uma maneira de descobrir e reconhecer o passado através de objetos produzidos pelo homem, vestígios de suas casas, restos de alimentos, instrumentos de trabalho, armas, enfeites e pinturas. A esses objetos os arqueólogos chamam "cultura material".

A arqueologia tem como meta compreender a estrutura, o funcionamento e os processos de mudança das sociedades do passado a partir dos restos materiais produzidos, utilizados e descartados pelos indivíduos que compunham essas sociedades. A cultura material é o objeto de estudo da arqueologia. Os vestígios arqueológicos constituem documentos para o estudo da história social e material indígena.

Através da arqueologia podemos dar uma idéia de tempo para um povo que não contava o tempo. E pela medida desse tempo verificarmos diversas passagens dos antepassados dessa terra. Por exemplo, sabermos que há cerca de 14.000 anos uma parcela significativa do território brasileiro era ocupada por populações de caçadores e coletores. Segundo evidências que provêm de pesquisas feitas em regiões como as bacias do rio Madeira, em Rondônia, do rio Guaporé, em Mato Grosso, do rio Uruguai, no Rio Grande do Sul, na serra do Capivara, Piauí, regiões da Lagoa Santa, serra do Cipó, em Minas Gerais, vale do Peruaçu, em Goiás.

Caçadores, coletores, ceramistas, flecheiros, artistas são os personagens reais que os resquícios da terra vão recompondo para melhor compreendermos esse período da "Grande Mãe".

A tarefa principal do arqueólogo é fazer os objetos falarem, dizerem de si mesmos e dos homens que os fabricavam. E, através da arqueologia, é possível saber como se deu o desenvolvimento da tecnologia, os modos de adaptação da natureza, o aproveitamento dos recursos naturais, o desenvolvimento da arte, a dispersão de grupos, os contatos entre culturas diferentes. E isso acontece através da pesquisa em sítios arqueológicos.

Um pequeno objeto achado no chão pode contar a história de uma civilização inteira. Essa é a magia que a arqueologia nos propicia. Ao mesmo tempo, os estudiosos dessa ciência montam verdadeiros quebra-cabeças. A maior parte dos vestígios encontrados é composta de instrumentos de pedra lascada: raspadores, seixos, pontas de projétil, cacos de cerâmica. Descobrem-se também o clima, a vegetação e alguns dos animais de épocas remotas, como mastodontes e preguiça-gigante, que foram extintos como conseqüência da ação combinada de excessos de caça e do gradual aumento de temperatura que ocorreu nos períodos antigos. Essas pistas registram o movimento dos que ergueram a Tradição do Sonho, embora não expressem nem por um lapso o espírito desses povos, nem o rastro dos seus conhecimentos sagrados.

Mas através delas verifica-se que não houve um povo, mas muitos, e que cada qual se desenvolveu de diferentes maneiras. Se juntarmos a elas a memória cultural nativa, podemos vislumbrar a caminhada do pensamento, do sentimento, do conhecimento desses povos, sem nos limitarmos somente à evolução material e social, e ter uma idéia de tempo cronológico.

Podemos dizer que nossos ancestrais habitam o mundo espiritual e que o mundo espiritual também é dividido em quatro moradas, de acordo com a tradição tupi:

- Ambá Namandu – Morada dos Espíritos Anciães.
- Ambá Jakairá – Morada dos Espíritos Brumas.
- Ambá Karai – Morada dos Espíritos Fogos.
- Ambá Tupã – Morada dos Espíritos Trovões.

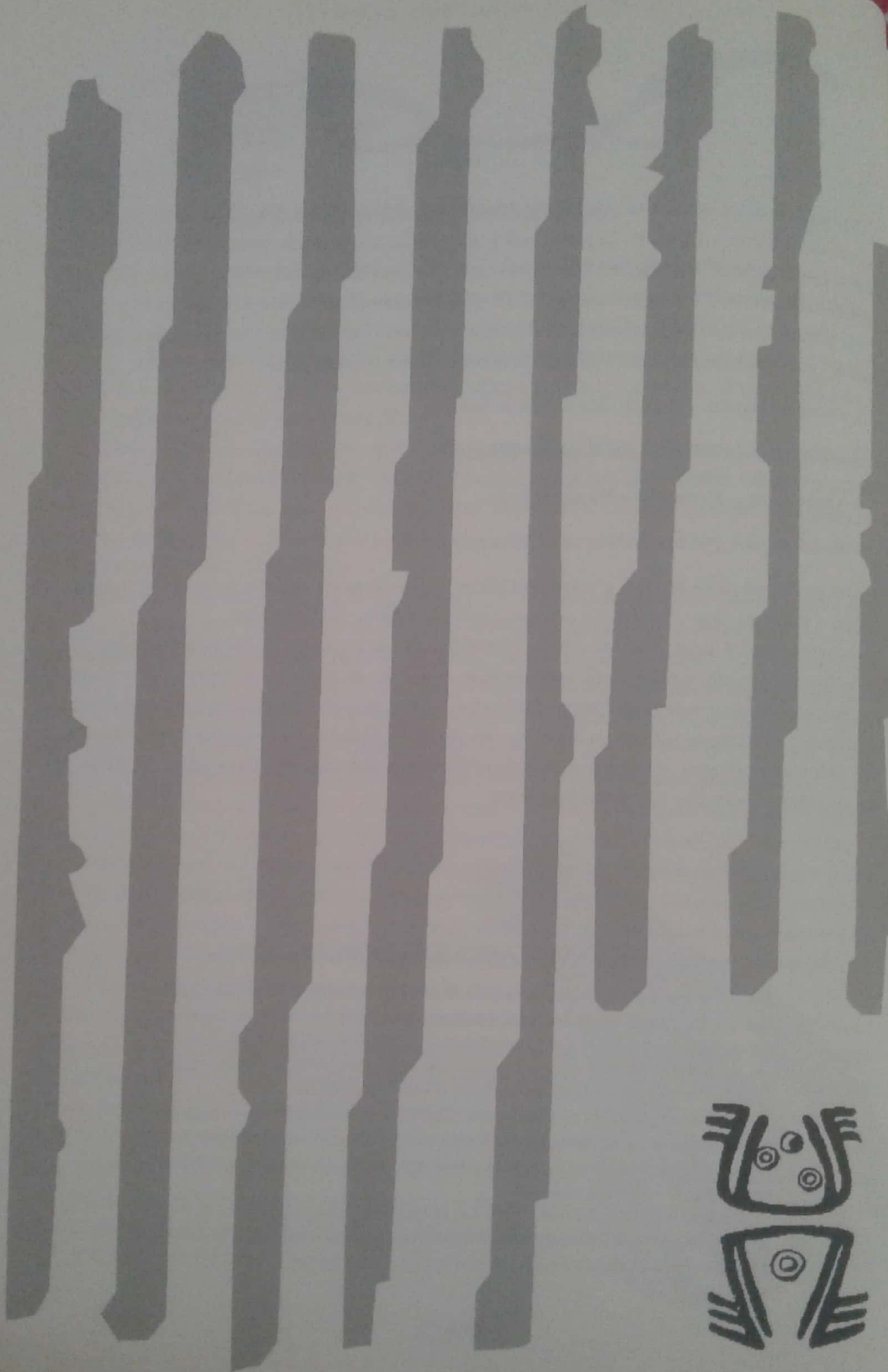
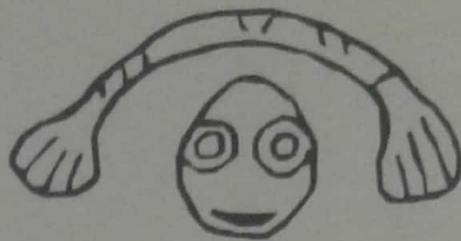
Abaixo dessas moradas, fica a Terra sem Males, o *Yvy Mara Ey*, que é a morada dos antepassados, o lugar em que o ser habita por um momento após a morte terrena.

Os antepassados Tupy, Tupy-Guarani e Tapuia tiveram seus registros feitos pela Mara ney, Terra de Provas, ou seja, o mundo em que estamos presentes, de maneiras diferentes. Dos primeiros, ficaram os registros principalmente das lendas e mitos, pois fizeram parte de povos que foram engolidos pelo Grande Dilúvio da Terra, no fim do Ciclo de Tupã. Já os Tapuia foram examinados pelos arqueólogos, divididos e classificados. Dessa maneira, podemos ter uma idéia de alguns antepassados das 206 etnias brasileiras.

OS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS

Sítio arqueológico é um lugar delimitado onde se realizaram atividades humanas. Pode ter sido um lugar onde moravam pessoas, como uma cabana de palha e madeira. Ou uma caverna, um monte artificial, um cemitério ou um depósito de lixo. Ou ainda um lugar ocupado provisoriamente para a realização de caçadas ou para pintar uma parede.

Quando se encontra um sítio arqueológico, o arqueólogo trata de investigá-lo com o maior cuidado. Os restos mais antigos costumam estar enterrados debaixo de várias camadas de terra, areia ou pedras, e o arqueólogo tem de escavá-las de um modo especial.

A arqueologia é a história contada pela própria terra, na forma de fragmentos, pedaços de um imenso quebra-cabeça, que aos poucos a humanidade vai recompondo.

A PAISAGEM DA MEMÓRIA TAPUIA

Enquanto as águas engoliam uma civilização e pajés da sabedoria se preparavam para levar o Arandu Arakua para Pindorama, o "lugar dos buritis", este já abrigava os antepassados Tapuia.

A terra diz aos arqueólogos que os primeiros povos brasileiros habitavam este solo entre 16.000 e 14.000 anos atrás. O clima era mais seco e mais frio, as florestas, pequenas, o mar estava bem mais distante das praias atuais e boa parte do Brasil era formada por cerrados e caatingas. Havia animais ditos pré-históricos, como mastodontes e preguiças-gigantes, e cavalos, entre outros.

Humanos dividiam cavernas com os animais e pássaros, assim como povos escavavam a terra em círculo e cobriam a cavidade com palha, fazendo moradas-ventres, buracos para o amparo do sono, cobertor-terra para o corpo de sonho.

A ciência concluiu que o fogo era muito importante para os primeiros habitantes, pois em suas habitações foram encontrados vestígios de fogueiras, que serviam para protegê-los do frio, dos animais selvagens, para cozer a caça e para fabricar instrumentos, embora não tenha conseguido sentir o cheiro da tradição contada tendo o fogo por testemunha, avô sagrado do registro da memória.

Houve povos que deixaram uma arte até hoje muito admirada pelo mundo, a arte da cerâmica, como a marajoara, a tapajoara, de Santarém, de Cuinani. Essa arte estimula o homem à raiz de si.

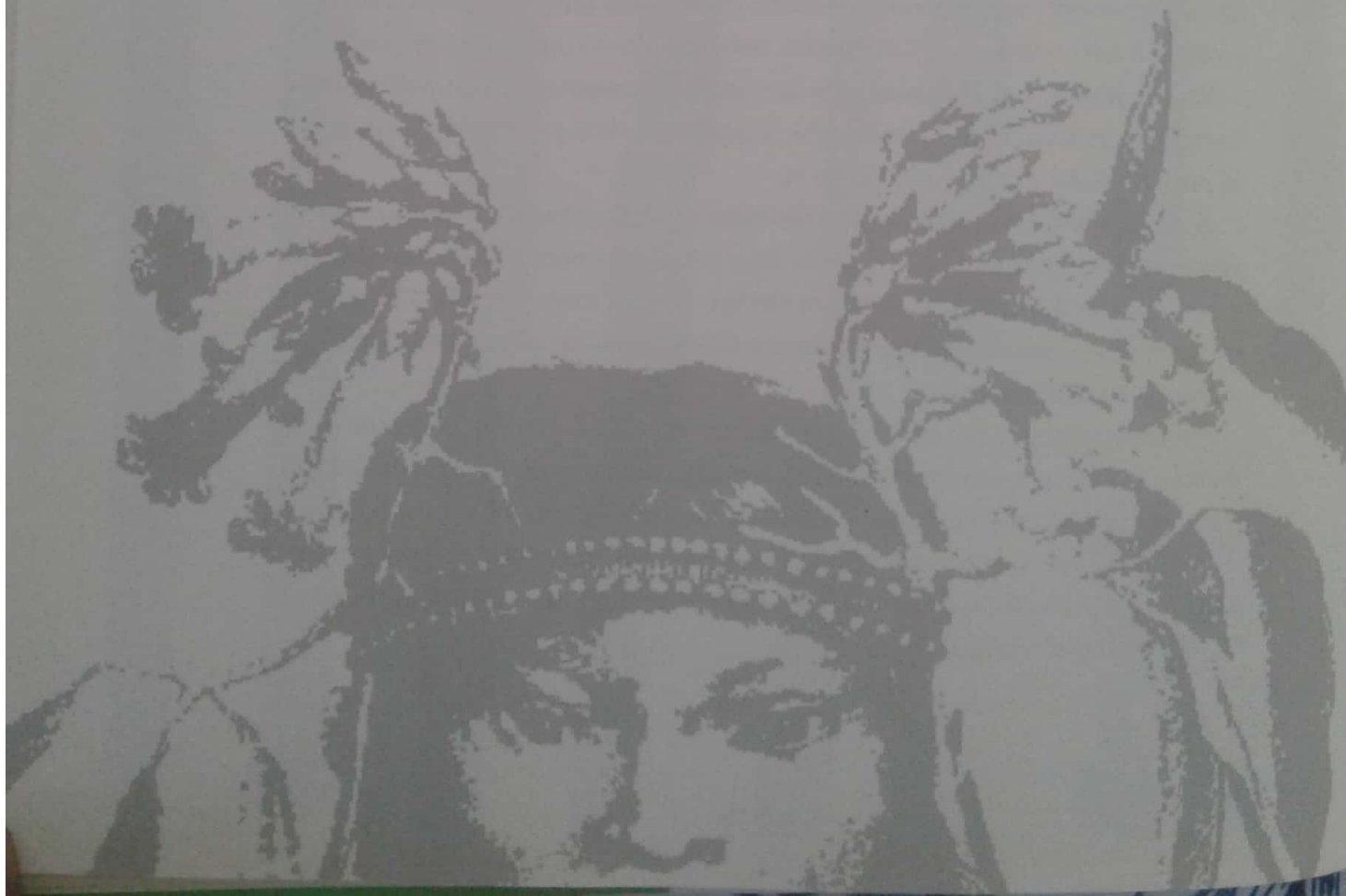
A ciência arqueológica propicia também o conhecimento de fragmentos de povos que deixaram cidades que até hoje não foram encontradas, inquietando a curiosidade humana pelos seus mistérios, como Paititi e Manoa. Civilizações incrivelmente desenvolvidas, presentes na memória de muita gente, mas que sumiram repentinamente.

Na terra também ficaram marcas escritas de povos vindos de outros continentes: maias, astecas, incas, vikings, fenícios, milhares de anos antes dos portugueses, assim como espanhóis e holandeses pouco antes do descobrimento.

Mas quando e como tudo isso ocorreu? Vamos verificar período por período. Como eram divididos os povos que aqui habitavam, de norte a sul do país, e de que maneira viviam.

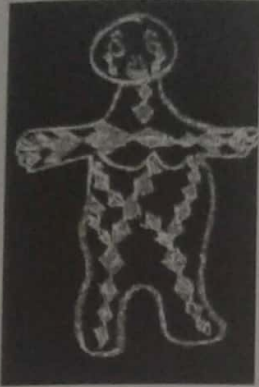
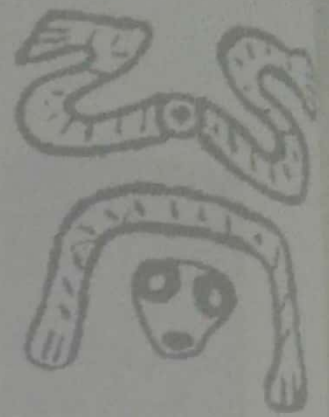
O POVO DE LAGOA SANTA

As pistas deixadas pela Mãe Terra contam que em Minas Gerais, mais precisamente na região de Lagoa Santa, há um sítio arqueológico muito importante para o conhecimento dos homens que viviam no Brasil entre 11.000 e 7.000 anos atrás. Descobriram-se nessa região cavernas com um grande número de sepulturas com mais de duzentos esqueletos. E por esses esqueletos ficamos sabendo que as condições de vida dessa época não eram fáceis. Um terço das crianças morriam ainda pequenas e os adultos raramente ultrapassaram os trinta anos de idade. A "raça" de Lagoa Santa, como é chamada pelos arqueólogos, era bem diferente dos índios posteriores: estatura baixa, corpo franzino e cabeça alongada.

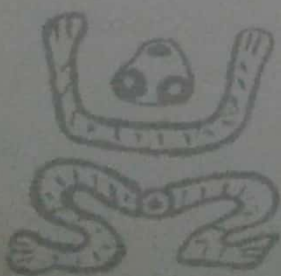
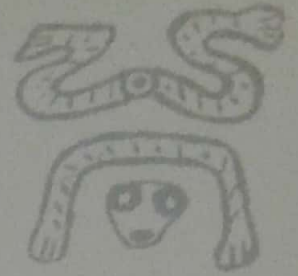
Os povos indígenas que habitaram essa região posteriormente tinham pele moreno-escura, cabelos enrolados e curtos, quase como os do povo negro, e foram conhecidos como Puris.

O POVO DA FLECHA

Há aproximadamente 6.000 anos as formações vegetais e as condições climáticas do Brasil já eram semelhantes às de hoje: campos extensos no sul, rodeados de floresta subtropical pela costa litorânea, cerrados no Brasil central e as grandes matas da floresta tropical amazônica. Nesse período, segundo a arqueologia, alguns povos se adaptaram particularmente aos campos que ladeiam as florestas no sul do Brasil.

Eram povos que utilizavam lascas de pedra para a confecção de pequenos objetos. Segundo a arqueologia, eram caçadores e, através dos achados, pode-se concluir que foram os responsáveis pela difusão de duas preciosas inovações tecnológicas: as boleadeiras e o arco e flecha, que permitiam caçar animais velozes. Boleadeiras eram armas de caça formadas por duas ou três bolas de pedra amarradas numa tira de couro. Atiradas com habilidade, prendiam-se às pernas dos animais, imobilizando-os. E as flechas, como é de conhecimento de todos, são pontas afiadas, feitas de pedras ou de cristal de quartzo, presas a uma haste de madeira e arremessadas por um arco, também feito de madeira vergada por um cordão.

Possivelmente eram antepassados dos Guaicuru, povos que habitavam o sul do Brasil, de extrema habilidade no uso da lança, da flecha e das boleadeiras; um dos raros povos indígenas que dominavam a arte da cavalaria. Eram caçadores e guerreiros, lutaram contra os espanhóis até serem extintos, mas sua presença cultural no sul é marcante até hoje, através da cuia do mate, das boleadeiras, do espírito guerreiro e do hábito carnívoro, característico daquela região.

O POVO DE HUMAITÁ, GUERREIROS DO BUMERANGUE

Nesse mesmo período, aproximadamente 6.000 anos atrás, um outro povo vivia no sudeste do Brasil. Desconheciam tanto o arco e a flecha como as boleadeiras, segundo pesquisas feitas em seus sítios arqueológicos. Esses grupos foram nomeados pelos pesquisadores "povo de Humaitá" ou "povo dos bumerangues", pois encontraram-se nessa região objetos lascados de pedra em forma de lua crescente, também conhecido como bumerangues.

Esse povo habitava a floresta, ocupando as matas próximas aos grandes rios. Não viviam somente da caça, mas coletavam moluscos fluviais e frutos silvestres.

O POVO DOS SAMBAQUIS

Sambaqui é um ajuntamento de conchas, restos de pontas de flechas, machados, cerâmicas, esqueletos, localizado em diversas regiões do Brasil, principalmente no sul.

Os sambaquis mostram aos historiadores (arqueólogos) a existência de comunidades constituídas possivelmente de caçadores e coletores, que detinham uma arte elaborada, expressa nos restos de cerâmica que contêm riqueza de símbolos e originalidade de formas.

De acordo com estudos arqueológicos, há cerca de 6.000 anos o mar começou a subir, até atingir o nível atual. Desde essa época, o litoral do Brasil atual, entre o Espírito Santo e o Rio Grande do Sul, começou a ser ocupado por povos que viviam dos recursos que o mar oferecia.

Embora também caçassem pequenos animais e coletassem alimentos vegetais, como coquinhos, a dieta principal desses habitantes era constituída de peixes e, sobretudo, de vários tipos de molusco.

O alimento era tão abundante que esses povos não precisavam, como os do interior, mudar constantemente de local. Escolhiam um lugar mais elevado, perto da praia, de preferência próximo a uma fonte de água doce, e aí se estabeleciam por muitos anos, às vezes por séculos, ou mesmo milênios.

Recolhiam as conchas à beira-mar, abriam-nas no fogo e comiam os moluscos. As conchas vazias eram deixadas no chão. Com o passar dos anos, acumularam-se de tal maneira que formavam verdadeiras montanhas de conchas, sobre as quais construíam-se cabanas, onde enterravam os mortos.

Os sambaquis devem ter abrigado uma população numerosa, que se expandiu e cresceu por quase 5.000 anos. Parece que, por reunir as características de coleta dentro da abundância em que viviam, era um povo extremamente pacífico, até o cruzamento com povos nômades e guerreiros que acabaram por encontrar também em remotas épocas.

A ARTE E A AGRICULTURA

Uma grande modificação em algumas tribos brasileiras se deu com a descoberta e a implementação da agricultura. Segundo a arqueologia, isso aconteceu há aproximadamente 4.000 anos. Com ela, o homem adquiriu a capacidade de controlar a produção de alimento, saindo da total dependência daquilo que a natureza espontaneamente lhe oferecia. Alguns dos vegetais plantados pelos cultivadores do Brasil, como o milho, o feijão, o tabaco e o algodão, foram certamente trazidos de outras regiões.

Os indígenas agricultores do Brasil, no entanto, desenvolveram seus próprios cultivos: corantes, plantas medicinais, palmeiras. Uma de suas descobertas mais grandiosas foi a do cultivo da mandioca, uma raiz de grande teor nutritivo, mas com algumas espécies venenosas. Os cultivadores indígenas descobriram o modo de extrair o veneno da raiz: prensando-a e torrando-a.

Outro grande marco da vida indígena data também dessa época: a cerâmica. Feitos de argila e cozidos no fogo, os objetos de cerâmica tinham formas variadas e tornavam-se impermeáveis e duros.

Em sambaquis do Estado do Pará, descobriram-se vasos de cerâmica datados de aproximadamente 4.000 a 5.000 anos, uma das cerâmicas mais antigas das Américas.

Os povos agricultores parecem ter se difundido ao longo das margens do grande rio Amazonas e de seus principais afluentes, sem nunca terem ocupado a mata mais espessa, fato comprovado pelos sítios arqueológicos desse período, encontrados às margens dos milenares rios amazônicos.

Quando os primeiros historiadores portugueses, franceses, alemães e holandeses passaram a noticiar os povos do Brasil, diziam que os índios do século XVI eram divididos em duas raças: os Tupinambá, povos que dominavam a agricultura e a caça, e os Tapuia, povos coletores. Voltando através da arqueologia alguns milhares de anos, podemos verificar dentro da extensão desse território o que ocorreu de fato.

A ARTE DA CERÂMICA E O MISTÉRIO DE SANTARÉM

Uma das principais tradições cerâmicas é chamada pelos arqueólogos de "inciso ponteada" e se desenvolveu sobretudo ao longo do rio Tapajós e Konduri. A mais notável civilização amazônica se desenvolveu na foz do rio Amazonas, na grande ilha de Marajó. Por volta de 3.500 anos atrás, um povo, chamado Ananatuba, ocupou as regiões entre as praias e a mata, construindo grandes casas isoladas, que talvez abrigassem 100 ou 150 pessoas cada uma.

Há aproximadamente 1.800 anos teve início um grande processo de inovação e mudança, que levou ao desenvolvimento de uma grande civilização, a chamada "cultura marajoara". Os marajoaras começaram a ser estudados há pouco tempo e ainda não conhecemos muito sobre eles.

Pelos restos das aldeias marajoaras, sabemos que se concentravam na parte ocidental da ilha, nos rios ao redor do grande lago Arari. Para fugir das inundações, construíram inúmeros morros artificiais, denominados "tesos". Era sobre esses terrenos elevados, alinhados em fileiras que seguiam as margens dos rios, que eles habitavam. Ao longo do rio Camutins viviam mais de 2.000 pessoas, formando verdadeiras cidades. A população total da ilha, no período de maior prosperidade, pode ter atingido mais de 100.000 habitantes.

O POVO DE ITARARÉ

Embora os sítios arqueológicos digam que a região amazônica tenha desenvolvido uma arte maravilhosa através da cerâmica e da riqueza de seus símbolos, os planaltos mais frios do sudeste brasileiro conheceram outro desenvolvimento cultural, também concentrado na agricultura e cerâmica, denominado pela ciência "cultura de Itararé". Entre 3.000 e 2.000 anos atrás, essa cultura tinha ligações com as culturas pré-históricas do Uruguai e da Argentina. O alimento principal desse povo parece ter sido o pinhão, mas plantavam milho e caçavam. Devido ao frio e para escaparem dos ventos do planalto, habitavam casas subterrâneas, agrupadas em conjuntos, às vezes formando grandes aldeias. As moradas eram escavadas no solo e cobertas por palha, sustentada por estacas. Algumas moradias tinham até 22 metros de diâmetro; outras, menores, entre 2 e 5 metros. As habitações se comunicavam por túneis subterrâneos de grande extensão, galerias complexas, com vários ramais. Algumas podiam ter mais de 60 metros de comprimento. Esses túneis podem ter servido também para armazenar alimentos ou como rota de fuga.

A cerâmica de Itararé tinha cor cinza ou marrom e era simples e sem decoração. Não havia urnas funerárias nem estatuetas. A maioria dos objetos era composta de vasos pequenos, de boca larga, usados para cozinhar ou guardar alimentos.

OS FILHOS DO SOL, OS FILHOS DA LUA E A GRANDE MÃE

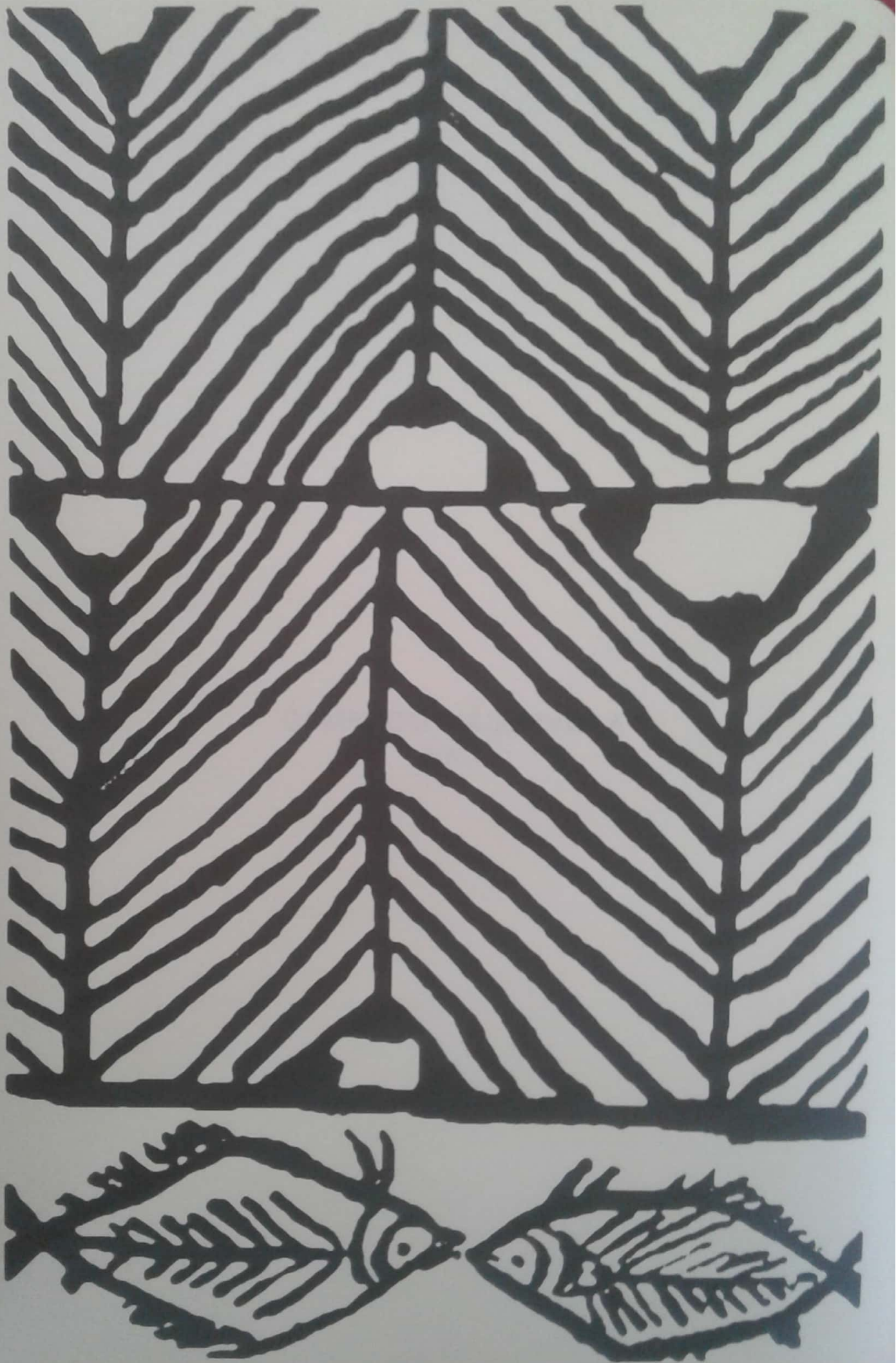
Símbolos serpentinos, triângulos, animais como a rã, a coruja, a onça, o gavião; símbolos do feminino, da gravidez, da abundância, da prosperidade; assim como símbolos do masculino, do sol, da flecha, da lança, da ação, estão presentes como códigos universais em todos os materiais achados em sítios arqueológicos. Na verdade, são fragmentos registrados da produção dos primeiros tempos após o final do Ciclo de Tupã.

Na região amazônica emergiram os antigos ensinamentos que são mantidos até hoje em ritos e mitos dos povos indígenas. Os antepassados Tupy atravessaram as águas que apagaram o passado da raça vermelha, gerando os futuros Tupinambá e Tupy-Guarani a partir do imenso Amazonas.

Os Tupinambá principiaram sua expansão, romperam o Brasil de norte a sul, influenciaram os nomeados como Tapuia, todo o povo bumerangue, o povo flecha, o povo dos sambaquis e outros. Deixaram o rastro da sua língua e cultura pelos quatro cantos. Expandiram-se ao norte pelo rio Amazonas, ao sul pelo Paraguai, a leste pelo Tocantins e a oeste pelo Madeira. Eram viajantes, navegadores e guerreiros.

Um grupo de tribos seguiu a Lua e teceu um conhecimento para o interior da Terra e o interior de si. Desenvolveu a medicina do sonho, da reflexão, da filosofia e da arte; buscou aprender com os espíritos da natureza os fundamentos da existência. O outro grupo seguiu o Sol e desenvolveu a arte da conquista através da batalha, da caça, da agricultura. Desenvolveu uma medicina a partir do controle dos espíritos da natureza, e passaram a manejar chuvas, plantas, culturas.

O povo bumerangue, o povo de Itararé, o povo dos sambaquis, com o passar do tempo, seriam renomeados tanto pelos seus futuros parentes como pelos seus futuros inimigos, daí florescendo em Goitacaz, Aymoré, Xavante, Krahô, Bororo, etc.

A INVENÇÃO DO TEMPO
1500

OS POVOS VISITANTES E A EXPANSÃO TUPINAMBÁ

Ao longo de cerca de 5.000 anos, até a época da chegada dos portugueses, muitos povos vindos do outro lado do oceano passaram pelo Brasil. Alguns vinham comercializar com os antigos daqui, outros vieram se aventurar, e outros ainda para realizar operações até hoje misteriosas para os estudiosos, além de colonizações esparsas. Por aqui aportaram egípcios, cananeus, tártaros, babilônios, fenícios, hititas, hebreus,

A presença deles está registrada em escritas rúnicas em pedras milenares, ou seja, a escrita dos vikings, assim também em escritas de características fenícias, hebraicas, tártaras.

Esses povos registraram sua passagem pelo litoral do sul do Brasil, desde Santa Catarina, passando pelo sudeste – São Paulo e Rio de Janeiro –, até o norte do país.

Povos de civilizações indígenas como os astecas, maias e incas também deixaram sua influência e presença no lado amazônico do Brasil nesse período; constituem também troncos distintos da remotíssima raça vermelha.

Na região amazônica é marcante a influência de outros povos da América, principalmente na arte e na filosofia nativa.

Há 3.000 anos houve uma série de acontecimentos que originou uma grande cisão. Pois foi nesse período que começou a dominação tupy. Os Tupy, grandes navegadores de rios, caçadores e agricultores, se imbuem de um espírito dominador: mudam, por exemplo, suas tradições de culto e reverência à Grande Mãe e à hierarquia dos Trovões e por algum motivo acham que o Pai Sol pede-lhes o domínio sobre os quatro cantos. É a partir desse período que a língua e a cultura tupi se expandem por muitos povos de norte a sul do país.

Segundo a memória cultural, os antepassados se dividiram entre os Filhos do Sol e os Filhos da Lua. Os Tupinambá seguiram um caminho guerreiro expansionista. Doutrinaram muitos povos, que se tornaram os Tupy-Guarani, e escravizaram outros tantos, que denominavam "Tapuia", por acharem-nos muito atrasados em relação à cultura tupi. Os Tapuia eram os povos das conchas, que habitavam cavernas, moravam em beira de rio e que se negavam a aceitar o Tupy como a língua oficial.

Os Tupy, em sua expansão, foram diversificando seus clãs: Tupinambá, Tupinikim, etc. Tiveram relações comerciais no litoral brasileiro com os visitantes dos oceanos, assim como relações culturais com outras civilizações indígenas.

Nesse período a ciência do sagrado sofreu um abalo. Esse período ficou conhecido nos mitos como o "Tempo do Esquecimento da Grande Mãe".

Muitos historiadores registram que há 2.000 anos os que seriam Tupy-Guarani desceram pelos vales do rios Madeira e Guaporé; os Tupinambá, pelas praias do oceano e os vales do rio Araguaia e Tocantins. Mil anos depois, Tupy-Guarani e Tupinambá se reencontraram entre os rios Tietê e Paranapanema. Fixaram-se entre o Pará e o litoral sul de São Paulo, levando muitos apelidos, com o passar do tempo: no nordeste brasileiro: Potiguar; na Bahia: Tupinambá a Tupinikim; do Espírito Santo ao Paraná: Tamoio.

O QUE NÃO FOI DESCOBERTO

Cabe lembrar que, na época em que Pero Vaz de Caminha escreveu a famosa carta ao rei de Portugal, no Brasil existiam, segundo estudiosos, de 350 a 500 línguas faladas e aproximadamente 20 milhões de habitantes. Era muito clara a influência do Tupy em grande parte dessas línguas. As outras predominantes eram: o Karib, língua presente nas Antilhas (América Central), na América do Sul e principalmente na região amazônica, no Alto Xingu. Segundo alguns estudiosos, o Karib e o Tupy podem ter o mesmo berço e sua origem ser justamente o Alto Xingu, pois conservam algumas palavras em comum. A língua aruak se faz presente em muitos dialetos indígenas brasileiros, nas Guianas, bem como nas Antilhas e na Flórida (Estados Unidos). A língua jê está presente no planalto central brasileiro e arredores, ou seja, mais no interior do Brasil, e só é falada dentro do território brasileiro, assim como muitas línguas, restritas a tribos pequenas.

Mas o Tupy serviu de exemplo para os colonizadores, uma vez que sua presença era muito atuante na sociedade brasileira. Os padres Anchieta e Luís Figueira trataram de organizar uma gramática tupi. Procuraram captar os vários dialetos para possibilitar uma comunicação com uma quantidade maior de povos. Assim nasceu o nheengatu, que significa "língua boa", uma espécie de esperanto indígena baseado na cultura tupi.

Dessa maneira, a cultura tupi continuou influenciando os costumes e a visão de mundo

depois da chegada dos colonizadores. Os portugueses, os mestiços e mesmo a Igreja Católica, no intuito de doutrinação, adotaram a língua boa e se aprofundaram no conhecimento da cosmogonia nativa. Com o tempo, a língua também incorporou vocábulos portugueses, tornando-se o que os jesuítas chamavam de "língua geral dos povos", ou "língua brasílica". Essa língua só não se fixou como língua brasileira porque em *3 de maio de 1757* o seu ensino e uso público foram proibidos por ordem real. A Corte começou a perceber que a cultura tupi era nacionalmente reconhecida e, apesar das investidas da doutrina religiosa e social, aos poucos os povos daqui iam incorporando a cultura local. Foi por essa época que Portugal providenciou uma grande leva de mulheres portuguesas para o Brasil. Além das famílias dos governantes e dos poucos colonos fazendeiros das capitanias hereditárias, quase não havia famílias portuguesas por aqui.

Na cultura brasileira dos dias de hoje, noventa por cento das fábulas, lendas e mitos conhecidos são de origem tupi, assim como os nomes dos seres da natureza: curupira, caipora, saci, etc., e muitos costumes medicinais e de alimentação.

A geografia brasileira – seu relevo, rios, vales e montanhas – foi nomeada por mestiços tupi-portugueses. Entre os chamados "bandeirantes", ou "desbravadores", não havia na verdade nenhum português em suas frentes, mas mestiços e indígenas aliciados ou escravizados, que falavam o nheengatu, embora adotassem nomes portugueses, que serviam aos interesses da "corte".

Nas tribos não-tupis, o modo de construir, a agricultura, os ritos e os conhecimentos tinham muita influência tupi.

TAPUIA, TUPINAMBÁ E AS CANOAS DOS VENTOS

Na época da chegada de Pedro Álvares Cabral, a visão de mundo predominante nessas terras era tupi. Todos os outros povos não-tupis eram chamados por eles de Tapuia, que na língua tupi significa "bárbaros". Os Tupy dividiam então essa terra em Tapuiretama e Tupiretama: lugar dos Tapuia e lugar dos Tupy.

Na época os antepassados dos Tupy já haviam deixado uma enorme herança cultural, de modo que havia duas línguas tupis distintas: Tupy-Guarani e Tupinambá, e em muitos dialetos de outros povos predominava o Tupy. Uma era característica das tribos situadas no sul, entre Paraná, Rio Grande do Sul, Argentina, Paraguai, Uruguai e parte do Mato Grosso, até Cananéia, em São Paulo. Era a língua tupi-guarani; porém, os vários grupos que também habitavam em torno dessa região eram ditos Tapuia. Os Tupinambá estão presentes em quase todo o litoral brasileiro, principalmente no litoral paulista, carioca, baiano e maranhense; não porque habitavam somente nessa orla, mas por ser essa a região em que se desenvolveu a maior parte da história do homem branco, e a mais documentada.

DA EXPANSÃO À ESCRAVIDÃO

Esse povo, cujos antepassados saíram há milênios do centro amazônico, expandiu-se ao norte pelo rio Amazonas, ao sul pelo Paraguai, a leste pelo Tocantins e a oeste pelo rio Madeira. Viajantes, navegadores e guerreiros, mantinham sua unidade cultural apesar da dispersão por esse imenso Brasil. Referiam-se às suas origens dando nomes de aldeias de sua origem aos novos locais por onde passavam, como uma ramificação do grande clã antepassado. Dessa forma eram reconhecidos seus parentes. Por exemplo: Tamoio significa "os mais antigos" (os avós); Tupinambá, "os primeiros descendentes dos Tupy"; Tupinikim, "os colaterais dos Tupy, os que vieram dos Tupinambá"; Tupy-Guarani, "Tupy guerreiros". E aos inimigos davam apelidos depreciativos, como Potiguar, que significa "comedores de camarão", pois esse povo não tinha uma tecnologia da terra desenvolvida e dependia exclusivamente da pesca; Goytacaz, "errantes, nômades, sem paradeiro certo", que faziam parte dos Tapuia.

A GRANDE NOITE DA TERRA

Segundo os historiadores, os portugueses de 1500 tinham colonizado alguns lugares da África e da Ásia. Eles chamavam de colonização o ato de se estabelecer em terras estrangeiras como se fossem deles, colocar nessas terras *feitorias* (sistemas encarregados de aquisição de bens para a corte real portuguesa) em lugares considerados importantes, geralmente próximos ao litoral, e a partir de seus *feitores* realizavam a exploração e o comércio de riquezas do lugar.

No Brasil, a partir de 1500, após a chegada de Cabral, os lugares escolhidos foram Bahia, Pernambuco e Cabo Frio, onde se estabeleceram os feitores, representantes do rei na colônia e intermediários encarregados do comércio, principalmente do ibirapitanga, o pau-brasil. Aos feitores cabia adquirir as mercadorias dos nativos e armazená-las.

Os indígenas aceitaram levar aos feitores o pau-brasil através da permuta, ou escambo, como escreveram os historiadores. Há um registro da época, escrito por um francês chamado Jean de Lery, que ilustra bem esse período inicial das relações nativas com os exploradores franceses e portugueses:

> *"Em troca de camisas, chapéus, facas e outros artigos como ferramentas, que se lhes davam, os índios cortavam, desbaratavam, serravam, falqueavam e toravam o pau-brasil. Depois levantavam nos ombros os toros e os conduziam, duas ou três léguas, por montanhas e terrenos acidentados até beira-mar, aos navios ali ancorados."*

Essa permuta era realizada tanto pelos feitores portugueses de Porto Seguro, Pernambuco e Cabo Frio como também pelos franceses que se achegavam das costas do Rio de Janeiro e negociavam diretamente com os Tupinambá.

Os portugueses, que haviam recentemente se apossado do Brasil, passaram também a ter como objetivo proteger as novas terras de outros exploradores. Mas não era possível naquele momento impedir a presença francesa no litoral carioca, a terra dos Tupinambá.

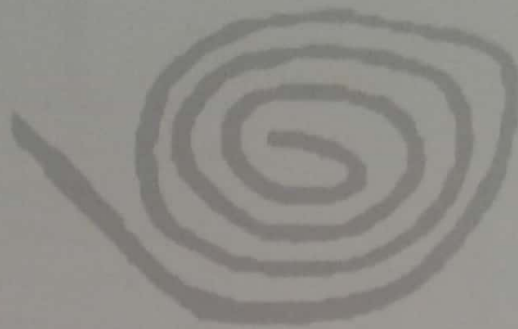
Nos primeiros anos, os indígenas aceitaram a idéia da permuta realizada com os portugueses e franceses. E não há registro de maiores problemas nos primeiros trinta anos depois da chegada de Cabral.

Mas a corte real portuguesa resolveu mudar o sistema de conquista e exploração da terra. Isso ocorreu com a vinda de Martim Afonso de Souza em 1531, com a nova idéia de divisão do Brasil em capitanias hereditárias e o estabelecimento de colonos fazendeiros que deveriam desenvolver plantações de cana-de-açúcar, algodão e a apreensão de escravos destinados à exportação. Para isso precisavam de trabalhadores para canaviais e algodoais, assim como de escravos. Os governos criariam um contingente de soldados, os Dragões da Coroa, dos quais sairiam as bandeiras de captura, os chamados "bandeirantes", na sua maioria índios aliciados ou mestiços.

Os Tupinikim e os Tupinambá, que habitavam a Bahia e Pernambuco, tinham a agricultura mais desenvolvida, eram hábeis caçadores e pescadores. Assim, não se interessaram por esse sistema de grandes fazendas onde eles seriam a mão-de-obra. Os alimentos abundavam nas aldeias e ainda tinham um excesso, que permutavam com os portugueses.

Num primeiro momento os nativos realizaram suas permutas por ferramentas e outros objetos que eram usados para preparar as roças enquanto construíam fortificações, derrubavam matas para a formação de lavouras das fazendas dos colonos que chegaram.

Como essas relações só poderiam ser efetivadas segundo a lei tupi, que consistia em fornecer sua mão-de-obra de acordo com a sua liberdade e disponibilidade de tempo, o que contrariava as intenções de grande produtividade canavieira e algodoeira dos fazendeiros, iniciaram-se as hostilidades.

Os colonos então tentaram aproveitar algumas particularidades dos descendentes dos Tupy para adquirir escravos. Assim, uma delas era o fato de os Tupinambá e Tupinikim terem inimigos milenares, aos quais eles chamavam pejorativamente Tapuia, Goytacaz, Potiguar, ou seja, bárbaros, errantes, comedores de camarão. E outra: mesmo se considerando parentes, algumas tribos descendentes dos Tupy tinham rixas familiares, origem de guerras periódicas pela posse de rios ou trilhas na mata e a captura de guerreiros inimigos, que eram comidos de maneira ritual. A idéia dos colonos era incitar guerras intertribais e capturar guerreiros para serem vendidos como escravos. Logo, os chamados Tapuia, os negros da terra, seriam os primeiros escravos da história do Brasil.

GUERRAS, GUERREIROS E ESCRAVOS

Essa primeira idéia para a captura de escravos não deu certo. Isso porque um guerreiro Tupinambá ou Tupy-Guarani não gostava de negociar um inimigo capturado, pois fazia parte de sua cultura comê-lo segundo os costumes rituais, e também porque para um capturado era uma honra ser comido e não escravizado.

A colônia, nessa época, achava que os índios deveriam ser doutrinados religiosamente. Nesse momento chegaram os jesuítas, cuja tarefa era convencer os índios a abandonar os costumes tidos como selvagens, os rituais profanos, a antropofagia, a nudez e a poligamia. Assim, em 1549 chega a primeira missão jesuítica chefiada por Manuel da Nóbrega, composta de oito missionários, entre os quais José de Anchieta.

A ALDEIA TUPINAMBÁ

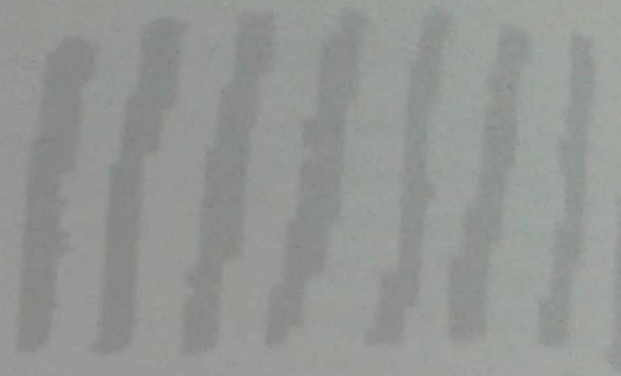
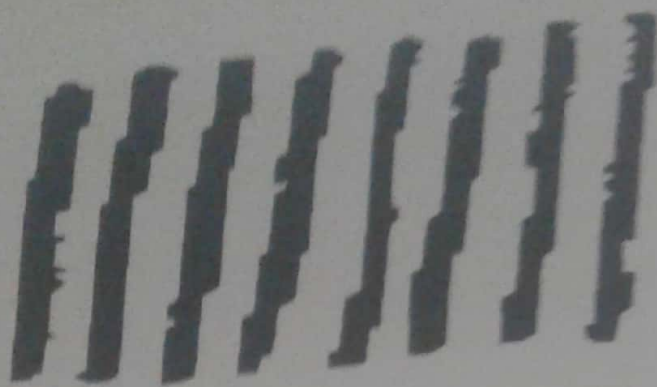
Destinada a durar cinco anos, a oca era erguida com varas, fechada e coberta com sapé. Seu tamanho dependia do número de pessoas que ali habitariam, que podia variar de cinqüenta a cem. Sem janelas, tinha uma abertura em cada extremidade. Estava repartida em nichos, um diante do outro. Para erguer uma maloca, ou seja, um conjunto de ocas, eram necessários de quarenta a cinqüenta pessoas. Em cada nicho pendurava-se uma ini, rede, ou esteira. Dentro de uma oca havia igaçabas (potes), cuias, nhempepó (panelas), gamelas, porongos, arco, flechas, bordunas, aves, animais, no centro a tatarendaba (fogueira) sempre acesa. No alto, o tipiti (espremedor de mandioca), a urupema (peneira grande). Puçá para pescarias e o induá (pilão).

Esses eram alguns dos costumes dos Tupinambá e dos Tupinikim da época.

Os Tupy-Guarani também em muitos aspectos praticavam os mesmos hábitos; no entanto, outros povos se entregavam a práticas bem diversas.

Na época da Grande Mãe, quando ainda fluíam a Tradição do Sol e a da Lua, havia uma cerimônia dedicada à Mãe Terra, que consistia em preparar uma bebida à base de cascas de frutas, que era colocada em uma igaçaba em forma de ventre e enterrada nos arredores da aldeia, na lua crescente, e retirada na lua cheia com cantos e danças de reverência e gratidão. A cada indivíduo, depois de um grande brinde, cabia um gole daquela bebida mágica, que celebrava a prosperidade e a abundância que a Mãe Terra ofertava a seus filhos.

Nessa época (milênios atrás?), não havia necessidade de batalhas nem de antropofagia. De acordo com a memória cultural, no início dos tempos todos os seres humanos conversavam e viam os seres-espíritos da natureza, assim como os espíritos dos antepassados. Com o passar do tempo, esses mundos se distanciaram, de modo que as relações com os seres da natureza e o espírito somente puderam continuar pelo Caminho do Sonho. Alguns seres humanos desenvolveram a arte de manter o espírito mais vivo e se tornaram ponte entre os mundos apartados. Algumas pessoas se tornaram especiais por dominarem essas técnicas. Com o tempo, uns preferiram trabalhar com os seres-espíritos através da lei da aliança e outros optaram pela lei do controle e do domínio. Esses seres eram os pajés.

No período que se seguiu à chegada de Cabral, havia vários tipos de pajé, a maior parte distante das antigas tradições e ao mesmo tempo, inconscientemente, saudosa delas. Havia os que se aproveitavam da memória cultural dos povos para manterem relações de poder ou vaidade. Existiam também os visionários, que eram os pajés que tinham sensibilidade espiritual aflorada, mas faziam interpretações deturpadas das visões e sinais espirituais. Alguns acabaram levando muitos povos por caminhos errados. Mas existiam alguns grandes pajés, silenciosos, reclusos, habitantes solitários de cavernas ou interiores de florestas, que, no caos do século, procuravam ensinar, sempre que eram solicitados, a arte de andar pela Noite, pois, de acordo com a memória cultural, essa época era o início da Grande Noite da Terra. Nesse Ciclo, os descendentes dos antigos Tupy foram adormecendo a tradição.

O SONHO DA PACIFICAÇÃO DO BRANCO

Quando o Brasil foi dividido pelos Dragões, os Tapuia se refugiaram no centro do país, lugar que futuramente seria conhecido como Goiás. Dragões eram os governadores das capitanias. Por esse tempo, os Tupinambá, distantes da Tradição do Sol, fizeram a passagem para sua morada espiritual, a Terra sem Males, pelo caminho da Batalha. Os Tupy-Guarani, após dois séculos de guerras, buscaram a Terra sem Males pelo caminho da Oração, através de seus cantos e peregrinações a lugares de Poder, ou seja, lugares que ligam os mundos do Céu e da Terra através de tapés, que são portais de luz. Os Tapuia seguiram o Sonho. E nessa época, dos antigos povos Tapuia, os que mais preservaram a tradição do Sonho foram os Xavante.

O sonho é o momento sagrado em que o espírito está livre e em que ele realiza várias tarefas: purifica o corpo físico, sua morada; viaja até a morada ancestral; muitas vezes, voa pela aldeia; e, algumas vezes, através de Wahutedew'á, o Espírito do Tempo, vai até as margens do futuro, assim como caminha pelas trilhas do passado. Era o Sonho que centralizava uma aldeia xavante.

Uma aldeia xavante é semicircular; tem o formato de uma ferradura que se abre para o rio. As ocas são divididas nesse semicírculo da seguinte maneira: casa das famílias, casa dos solteiros, casa das jovens, casa dos anciães. No centro fica o pátio das atividades: cerimônias, festas, roda do conselho e roda do sonho. Foi no pátio que se narrou, a partir do sonho, o início da história do amansamento do branco.

O Sonho da Pacificação do Branco começou em 1784 quando o tenente dos dragões da Coroa José Rodrigues Freitão da Cunha, a mando de Tristão da Cunha – que perante o rei do povo vindo das Grandes Canoas dos Ventos era quem governava Goiás –, embrenhou-se para apresar e acabrestar os Xavante, tido como "os Tapuia do centro brasílico". No mesmo instante, na aldeia, o avô do futuro cacique Apoena sonhou que era chegada a hora de iniciar o "Amansamento do Homem Branco".

Assim que narrou a mensagem a toda a aldeia na roda do sonho, do outro lado do tempo o tenente dos dragões passara o comando a um alferes, pois lhe sobreveio uma queda de cavalo. Era o sinal de que o mundo, através desse gesto, estava do lado dos filhos da Terra, pois o mesmo acontecimento havia sido sonhado para ocorrer.

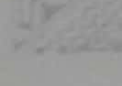
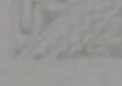
O alferes, de nome Miguel de Arruda e Sá, saiu com seus 98 soldados cheios de autoridade e poder de fogo, mas era tal a imensidão de mistérios que o cerrado de Goiás guardava, que nada conseguiram. Quando as trilhas pareciam levar à aldeia, deparavam-se com o sem-fim. Não sabiam que aquelas terras estavam também protegidas pelo Sonho.

Quando o avô de Apoena narrou o sonho, participaram dele muitos espíritos dirigentes da natureza, inclusive Wahutedew'á. E a mensagem dizia que um novo ciclo estava se iniciando no mundo espiritual e que no mundo-terra haveria que se lutar ao lado dos ventos, enquanto os ritos cuidavam das sementes do renascimento das tribos.

Na época do alferes, os Kayapó não tinham ainda sonhado esse sonho, pois muitos estavam catequizados. Acabaram sendo aliciados pelo alferes, e aceitaram encaminhá-lo com suas tropas até a aldeia xavante. Os soldados não haviam encontrado a aldeia antes porque os pajés haviam feito magia junto com os espíritos da natureza para que os brancos se perdessem, mas a magia não funcionava com os parentes Kayapó. De modo que os soldados do alferes e os Kayapó atacaram os Xavante, que resistiram, porém mudaram para outro lugar.

Os Kayapó eram aliados do alferes dos dragões porque em 1734 Antônio Pires do Campo e seus dragões massacraram a aldeia dos Kayapó que impedia o acesso às minas de ouro daquela região, e nessa ocasião foram aliados dos dragões os guerreiros Bororo, tornando-se inimigos desde então.

Os Bororo ajudaram os dragões porque suas aldeias já haviam sido devastadas por mineradores, já sabiam da notícia de que os Pareci tinham sido devastados algumas luas antes e muitos outros povos, devastados até seus nomes, já não existiam em torno de Cuiabá, a Grande Montanha Sagrada. A própria montanha, com o tempo, passou a morar feito lenda na memória dos Bororo.

O século XVIII foi assim. A Mãe Terra era saqueada por causa da pedra dourada que brotava de seu ventre. Assim nasceram Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso, na passagem para o próximo tempo. Mas no coração do Brasil o avô de Apoena tinha sonhado, e nenhum sonho para um índio fica em vão.

"Os séculos seguintes do Brasil foram de batalhas com o objetivo de escravização, que se expandia ano a ano. São Paulo foi a região que mais realizou escravização indígena. De lá saíam as famosas 'bandeiras' de apresamento, pelo mar, em direção ao sul e ao norte do país; pela terra, seguindo trilhas milenares indígenas, como o caminho de Peabiru, que ligava Cananéia a Asunción (Paraguai), onde apresavam centenas de Tupy-Guarani. E também, no primeiro período da febre do ouro, pelo interior do país."

OS AVANÇOS DO SONHO

Para o povo indígena, os ancestrais que regem a natureza acompanham toda a evolução humana, como semeadores que espalham sementes pela terra e observam, nutrem e cuidam até elas frutificarem. O índio surgiu desses ancestrais sagrados: sol, lua, arco-íris, terra, água, fogo e ar. Dos reinos vegetal, animal, mineral. O ser índio foi se amalgamando com esses seres sagrados. E dessa diversidade emergiram tribos, povos, línguas. Essas tribos, de tão antigas, guardam a história de suas civilizações como um sonho-memória, de um tempo tão remoto que parece até mesmo anteceder a memória do próprio tempo.

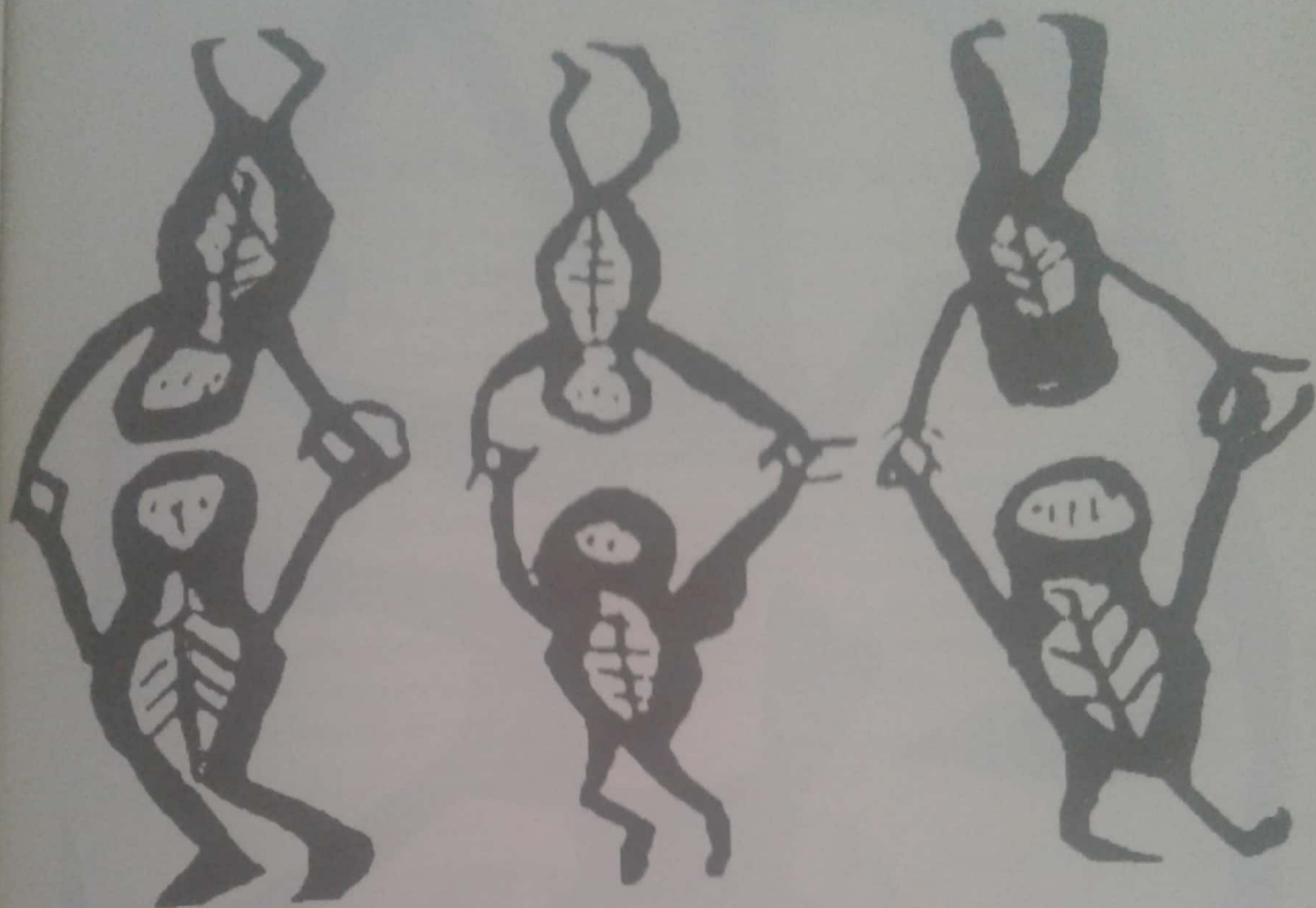
Esse sonho-memória foi avivando a tradição dos povos de Goiás, Mato Grosso, Minas Gerais. A essa memória cultural os estudiosos, por ser muito diferente de sua idéia de história, chamaram "mitos". E registraram muitos mitos indígenas, que expressam não uma invenção de um povo, mas uma voz distante no tempo que tenta traduzir aproximadamente fatos, ocorrências, transformações, mutações do homem, da natureza, antes e depois do tempo. Tal memória tem sido muito abalada nos últimos quinhentos anos, não tanto pela influência que possa ter recebido de fora, mas principalmente pelo fato de ter sido negada e pelo fato de os antigos terem passado um longo período de guerras, mortes, fugas, escravização.

Quando o Império morreu, os pajés continuaram sonhando, e nasceram na República algumas idéias menos violentas a respeito dos povos indígenas. Um mestiço terena, que se tornou soldado republicano, embora vivesse o veneno da civilização, conseguiu impor perante as relações com os povos da floresta um ideal de pacificação: "Morrer se preciso for, matar nunca", era o que dizia, e ficou conhecido como general Rondon.

Por essa época mais uma vez os Tupy-Guarani retomaram sua busca da Terra sem Males, mas dessa vez com o desejo de que ela também florescesse no mundo material, assim com o era no mundo espiritual. Muitas danças se passaram desde então.

Mas a tarefa de pacificar o branco não era tão simples, pois, conforme as civilizações imperiais e republicanas do mundo progrediam em sua ciência e tecnologia, avançava também sua capacidade de violentar a Terra. De maneira que punha em risco não mais os Povos da Floresta, mas a Mãe que abundantemente oferta a sua vida para o crescimento, a alimentação, a prosperidade e a evolução de todas as vidas em todos os reinos: vegetal, animal, mineral e humano.

No Brasil, houve na metade do século XX mais um tempo de rasgar o coração da terra em busca do ouro, do seringal, da fundação de cidades, da catequização. Povos da Amazônia sonhavam com a dor da terra, os Xavante sonhavam com a respiração do branco ansiosa de conquistas, explorações.

A dança foi doutrinando a pacificação pelo sonho. De modo que foram colocados à frente de empreitadas de conquista seres de corações mais flexíveis, como os irmãos Villas Boas, que, embora seguissem a missão da alastrar caminhos para sugar as veias sagradas da Mãe Terra, não promoveram chacinas ou genocídios. Avanços que em tempos antigos custariam a vida de

milhares de índios foram feitos sem violência. Mas o avanço continuava, embora os cantos e as rezas conseguissem manter a tradição preservada no Parque Nacional do Xingu, na Amazônia e em alguns lugares sagrados do Mato Grosso.

Com o passar do tempo, um pajé yanomami, da Amazônia, sonhou que a Terra tinha buracos no céu, produzidos pela fumaça da civilização, e que devido a esses buracos o céu poderia desabar. A civilização não quis ouvir o pajé, mas tempos depois a própria ciência civilizada chamou esses buracos de "rompimento da camada de ozônio da Terra", e se preocupa até hoje em adquirir meios de recompor a tal camada, que provoca desarmonia e caos no mundo.

A mentalidade usurpadora desta terra está prestes a fazer quinhentos anos, e os povos indígenas continuam o Sonho Sagrado e dançam e cantam para dissolver esse espírito mau.

Guerreiros de várias tribos saíram das aldeias para estudar esse tipo de pensamento que escurece o coração dos povos da floresta de pedra, aço e cimento. Na década de 1980 fundaram associações, entidades, uniões, confederações, organizações, para agir no seio da confusão que é a cidade urbana, correndo o risco de se perderem durante a batalha, mas com o objetivo de sensibilizar o humano, que se esqueceu do chão de seu nascimento e ficou sem raiz, alma, coração.

"SOMOS PARTE DA TERRA E ELA É PARTE DE NÓS"

Os olhos e as mentes intelectuais da humanidade começaram no século XX a reconhecer os povos nativos como culturas diferentes das civilizações oficiais e vislumbraram contribuições sociais e ambientais deixadas pelos guerreiros que tiveram o sonho como professores.

Mas a maior contribuição que os povos da floresta podem deixar ao homem branco é a prática de ser uno com a natureza interna de si. A Tradição do Sol, da Lua e da Grande Mãe ensinam que tudo se desdobra de uma fonte única, formando uma trama sagrada de relações e inter-relações, de modo que tudo se conecta a tudo. O pulsar de uma estrela na noite é o mesmo do coração. Homens, árvores, serras, rios e mares são um corpo, com ações interdependentes. Esse conceito só pode ser compreendido através do coração, ou seja, da natureza interna de cada um. Quando o humano das cidades petrificadas largarem as armas do intelecto, essa contribuição será compreendida. Nesse momento entraremos no Ciclo da Unicidade, e a Terra sem Males se manifestará no reino humano.

O COMEÇO DO MUNDO

Alguns mitos indígenas dizem que o território situado entre o que é hoje o planalto Central e a região amazônica guarda a memória do começo do mundo. Os povos que habitavam próximo ao rio Tapajós deixaram uma arte complexa e bela, admirada até hoje no mundo inteiro. Uma das culturas que se desenvolveram naquela região é a tradição marajoara, devido a já citada cerâmica. Baseado em relatos colhidos a partir do início do século XVI, inicialmente por aventureiros em busca do Eldorado, como Francisco de Orellana, e posteriormente por jesuítas, dos mitos nativos e da ciência antropológica, desenvolveu-se ali uma civilização que primava pela arte e que cultuava a Grande Mãe, ou, como prefere a arqueologia, idolatrava ídolos femininos. Havia uma cidade poderosa, conhecida como Paititi, com casas piramidais, feitas de ouro, em algum momento entre 3.000 e 1.000 anos atrás. Uma das cerimônias difundidas nessa cidade era a pintura de um cacique em ouro em pó, simbolizando o parentesco com o sol e ao mesmo tempo invocando a presença do resplendor e sabedoria solar. Essa cidade, milênios depois, tornou-se alvo dos aventureiros, pois ficou conhecida como o Eldorado.

Floresceu ali um povo que plantava milho, considerado sagrado, semente do próprio sol, cultivava a mandioca, praticava uma agricultura chamada "coivara", que consistia em queimar um pequeno trecho de mata para ali realizar plantações. Quando a terra se esgotava, mudava-se para outra região, enquanto aquele lugar se recuperava. Esse povo ficou conhecido como "os antigos Tupy". Eram guerreiros, bons caçadores, pescadores e grandes navegadores. Dominavam magistralmente a arte de navegar pelos rios. Outros povos lhes chamavam "maracatins", ou seja, "navegadores". Foi através dos cursos d'água que penetraram no planalto brasileiro.

Povos do Amazonas deixaram fragmentos do "começo do mundo em suas histórias". Hoje, tais passagens são tidas como lendas e mitos.

Para percebermos como o pensamento indígena se espalhou e como expressa sua memória cultural e esse jeito de contar a sua história, vamos observar alguns mitos de diferentes povos brasileiros. Foram escolhidos quatro mitos de povos completamente distintos em termos de língua e cultura: o povo Dessâna, que habita a região amazônica em sentido ao Peru; o povo Tupy-Guarani, que se expandiu milenarmente a partir do centro amazônico, influenciando muitos povos, e dominou todo o litoral brasileiro; o povo Xavante, que habita a região do centro geográfico brasileiro, entre Mato Grosso e Goiás; e o povo Yanomami, que habita o extremo norte da Amazônia, em direção à Venezuela.

ORIGEM DO MUNDO E DA HUMANIDADE

Segundo o povo Dessâna, que habita entre os rios Tiquié e Papuri, no Amazonas.

"No princípio o mundo não existia. As trevas cobriam tudo. Enquanto não havia nada, apareceu a mulher por si mesma. Isso aconteceu no meio das trevas. Ela apareceu sustentando-se sobre o seu banco de quartzo branco. Enquanto aparecia, ela cobriu-se com enfeites e fez como um quarto. Esse quarto chama-se 'Uhtaboho taribu', o quarto de quartzo branco. Ela se chamava Yebá Burô, a 'Avó do Mundo', ou 'Avó da Terra'.

(...)

Havia coisas misteriosas para ela criar por si mesma. Havia seis coisas misteriosas: um banco de quartzo branco, uma forquilha para segurar o cigarro, uma cuia de ipadu, o suporte dessa cuia de ipadu, uma cuia de farinha de tapioca e o suporte dessa cuia. Sobre essas coisas misteriosas é que ela se transformou por si mesma. Por isso ela se chama a 'Não Criada'.

Foi ela que pensou o futuro mundo, sobre os futuros seres. Depois de ter aparecido, ela começou a pensar como deveria ser o mundo. No seu quarto de quartzo branco, ela comeu ipadu, fumou o cigarro e se pôs a pensar como deveria ser o mundo.

Enquanto ela pensava no quarto de quartzo branco, começou a se levantar algo, como se fosse um balão, e em cima dele apareceu uma espécie de torre. Isso aconteceu com o seu pensamento. O balão, enquanto se levantava, envolveu a escuridão, de maneira que esta ficou dentro daquele. O balão era o mun-

do. Não havia ainda luz. Só no quarto dela, no quarto de quartzo branco, havia luz. Tendo feito isso, ela chamou o balão Umukowii, 'Maloca do Universo'.

Ela o chamou como se fosse uma grande maloca. Este é o nome mais mencionado nas cerimônias até hoje.

OS CINCO TROVÕES - Depois ela pensou em colocar pessoas nessa grande maloca do universo. Voltou a mascar ipadu e a fumar cigarro. Todas essas coisas eram especiais; não eram feitas como as de hoje. Ela então tirou ipadu da boca e fez transformar em homens, os 'Avôs do Mundo'. Eles eram trovões, eram chamados em conjunto Uhtabohowerimahsã, quer dizer, 'homens de quartzo branco', porque eles são eternos, eles não são como nós. Isso ela fez no quarto de quartzo branco, onde ela apareceu. Em seguida, ela saudou os homens por ela criados, chamando-os Umukosurã, isto é, 'irmãos do mundo'. Saudou-os como se fossem seus irmãos. Eles responderam chamando-a Umukosurãnehko, isto é, 'tataravó do mundo'. Quer dizer que ela era avó de todo ser que existe no mundo.

Feito isso, ela deu a cada um deles um quarto nessa grande maloca que é a Maloca do Mundo. Os trovões eram cinco. Nós os chamamos 'Avôs do Mundo'. O primeiro, como primogênito, recebeu o quarto do chefe. O segundo, o quarto da direita, acima do primeiro. O terceiro, o quarto no alto do 'jirau do jabuti', no lugar onde se costumava guardar o casco de jabuti tocado nos dias especiais de dança. Assim também era na Maloca do Universo. O quarto trovão recebeu o quarto da esquerda, acima do primeiro e em frente ao segundo quarto. Por fim, o quinto, o quarto bem na entrada, perto da porta, onde dormem os hóspedes.

Como disse antes, o mundo terminava em forma de torre. Na ponta da torre, ficava um sexto quarto, onde havia um morcego enorme, parecido com um grande gavião. O lugar onde ele estava chama-se Umusidoro (funil do alto), quer dizer, o 'Fim (os confins) do Mundo'.

Cada um recebeu assim o seu quarto nessa grande Maloca do Universo. Esses mesmos quartos tornaram-se malocas, que se chamam Umukowi'iri, 'Malocas do Universo'. Cada trovão ficou morando em sua própria maloca. Ainda não havia luz no mundo. Só nessas malocas havia luz, do mesmo modo que na maloca de Yebá Burô. No resto do mundo tudo ainda era escuridão."

UM MITO TUPY-GUARANI

"O Criador, cujo coração é o Sol, tataravô desse Sol que vemos, soprou seu cachimbo sagrado e da fumaça desse cachimbo se fez a Mãe Terra. Chamou sete anciães e disse: 'Gostaria que criassem ali uma humanidade'. Os anciães navegaram em uma canoa que era como uma cobra de fogo pelo céu; e a cobra-canoa levou-os até a Terra. Logo eles ali depositaram os desenhos-sementes de tudo o que viria a existir. Então eles criaram o primeiro ser humano e disseram: 'Você é o guardião da roça'. Estava criado o homem. O primeiro homem desceu do céu através do arco-íris em que os anciães se transformaram. Seu nome era Nanderuvuçu, o nosso Pai Antepassado, o que viria a ser Sol. E logo os anciães fizeram surgir das Águas do Grande Rio Nanderykei-cy, a nossa Mãe Antepassada. Depois que eles geraram a humanidade, um se transformou no Sol, e a outra, na Lua. São nossos tataravós."

A ORIGEM DO MUNDO SEGUNDO OS XAVANTE

"Dois homens foram postos na Terra por meio do arco-íris. Eram Butsewawë e Tsa'amri. Seus nomes foram dados pela Voz do Alto. Eles tiveram compaixão um do outro porque não havia companheira. Após sentir tal compaixão, a Voz do Alto disse: 'Tire quatro pauzinhos e coloque dois de cada lado. Risque um de vermelho e um de preto'. Terminado o trabalho, Butsewawë chamou Tsa'amri e disse: 'Escolha conforme a sua preferência'. E Tsa'amri escolheu o pauzinho de risco vermelho. O pauzinho de risco preto ficou para Butsewawë. Logo depois, surgiu uma mulher para Tsa'amri, do pauzinho vermelho. E do pauzinho preto surgiu uma mulher para Butsewawë. Daí aconteceu o primeiro casamento. E os dois entenderam o significado do pauzinho da seguinte maneira: a cor do pauzinho que se tinha transformado em mulher era, conforme a escolha deles, a marca do clã, estabelecendo assim a organização da descendência. Depois disso, cada um deu o nome à própria mulher.

Butsewawë chamou sua esposa de Tsinhotse'e-wawë e Tsa'amri chamou a sua de Wa'utomowawë. Após cada um ter dado o nome a sua esposa, perfuraram as orelhas com um osso de onça parda para dar força ao espírito sobre o chão.

Em seguida, os dois faziam cantos todos os dias, virados para o sol nascente, segurando na mão direita a flecha sagrada. Essas flechas tinham sido postas pela Voz do Alto no corpo do Arco-Íris. A oração era dirigida aos Danhimite, os espíritos bons que dão vida às Crianças, e repetidas três vezes por dia: 'He, he, he, we wate damé dato pibui ho lhe, tô tané', que eram cantos de gratidão pelas almas dos futuros Xavante que viriam.

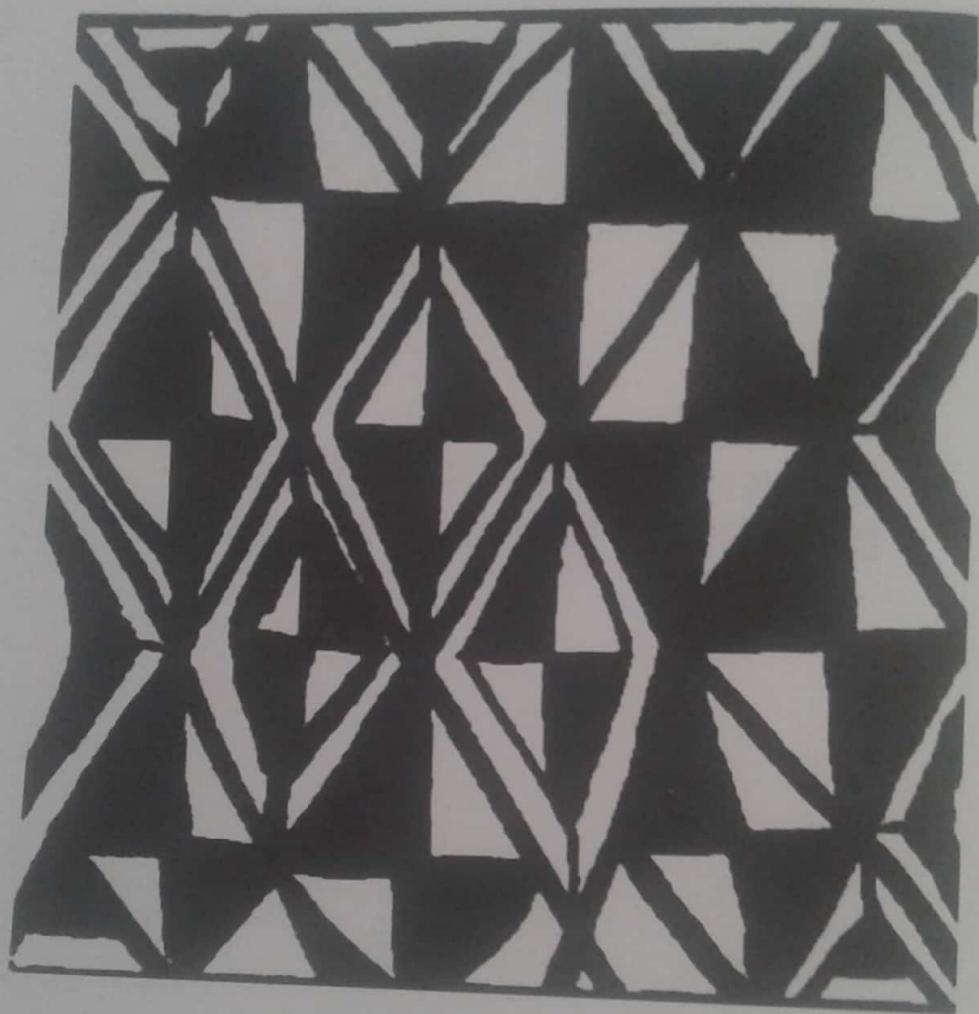
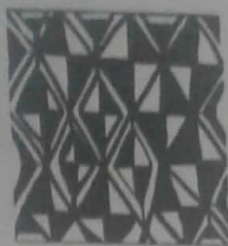
E assim tiveram os primeiros filhos. Em seguida, duas filhas. Passados os anos, Butsewawë casou o seu filho Pini'ru com a filha de Tsa'amri. E assim foi indo."

A CRIAÇÃO DO MUNDO SEGUNDO OS YANOMAMI

Omam – O Pai Grande –
Teperesi – pai, filha – que ainda não
A mulher grande, bonita que ainda não
Na cachoeira moravam.
A roça. A roça imensa.
A tainha, a mandioca, a banana pacovi, a tainha.
O Pai Grande enormes plantas criou,
Ofereceu roça,
Tanga
Tanga bonita
O Pai vem chegando, mudas de bananeiras pacovi
trazendo
Anzol pescou Omam pelos pés na casa.

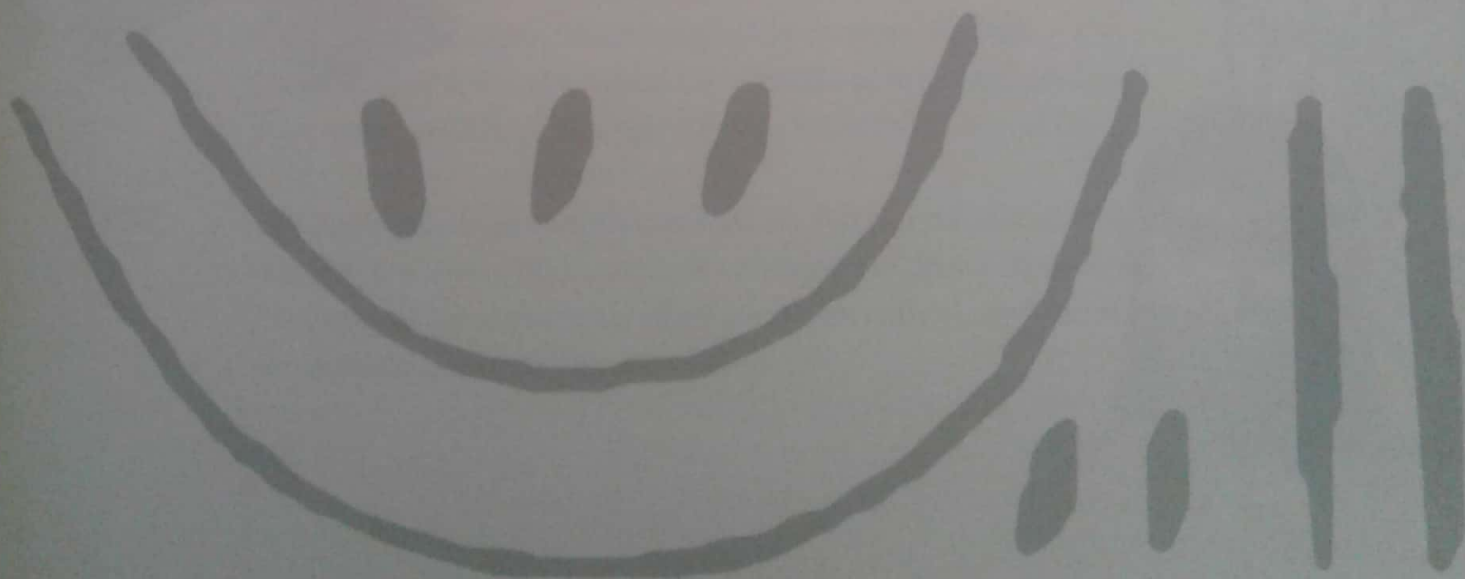
Mulheres não havia antigamente não
Yanomami não
Omam somente mora
Omam dele semente
Primeira fez-se Ioinani,
Fundo estava água dentro fundo.
Omam de si Mulher filha
Sexo muito fechado
Sexo buraco guarda mistério
Água espírito
Ioinani, Omam floriu
Urina o buraco pequeno muito
Como ânus beija-flor. Omam floriu
Rio, mulher se fez
Do mistério água
Rio toma banho, grande rio, cachoeira
Omam azul
Grávida, grávida enorme, serra
Árvore, mato, arara.

Essas histórias revelam o jeito do povo indígena contar a sua origem, a origem do mundo, do cosmos, e também mostra como funciona o pensamento nativo. Os antropólogos chamam de mitos, e algumas dessas histórias são denominadas lendas. No entanto, para o povo indígena é um jeito de narrar outras realidades ou contrapartes do mundo em que vivemos. De maneira geral, pode-se dizer que o índio classifica a realidade como uma pedra de cristal lapidado que tem muitas faces. Nós vivemos em sua totalidade, porém só apreendemos parte dela através dos olhos externos. Para serem descritas, é necessário ativar o encanto para imaginarmos como são as faces que não podem ser expressas por palavras.

PEQUENA SÍNTESE CRONOLÓGICA DA HISTÓRIA INDÍGENA BRASILEIRA

WAHUTEDEW'Á, O ESPÍRITO DO TEMPO

O tempo, para os povos indígenas, é uma divindade sagrada encarregada de manter a Lei dos Ciclos: as estações da Terra e as estações do Céu. As estações da Terra podem ser medidas pelo Sol e as estações do Céu, pela Lua. O tempo faz a ligação do ritmo – que é coordenado pelo coração – com a ação e a inação. O Pai Tempo tem muitos nomes entre os povos. O povo Xavante chama o espírito do tempo de Wahutedew'á.

Quando chegaram as Grandes Canoas dos Ventos (as caravelas portuguesas), tentaram banir o espírito do tempo, algemando-o no pulso do Homem da civilização. Dessa época em diante, o tempo passou a ser contado de modo diferente. Esse modo de contar o tempo gerou a História, e mesmo a História passou a ser contada sempre do modo como aconteceu para alguns e não do modo como aconteceu para todos.

Aqui, a partir desse tempo inventado pela civilização, foram resumidos os principais fatos desse tempo – inventado, mas de ações humanas reais e, infelizmente, na maior parte da vezes, cruéis.

1500

Cabral encontra os Tupinikim, da grande família tupinambá (tronco tupi-guarani) que ocupava quase toda a costa, do Pará ao Rio Grande do Sul.

1501

Instalação das primeiras feitorias portuguesas no Brasil (Cabo Frio, Bahia, Pernambuco) para o tráfico do *pau-de-tinta* e escravos.

1511

Em Cabo Frio, a nau *Bretoa* embarca 35 escravos índios para a metrópole. Incursões de corsários franceses interessados em pau-brasil.

1531

Expedição de Martim Afonso de Souza e Pero Lopes de Souza de reconhecimento e posse da terra.
Endurecimento dos termos de intercâmbio (escambo) de produtos nativos por manufaturas européias.
Contingenciamento da mão-de-obra indígena para todo tipo de trabalho, ainda através do escambo.
Mais embarque de escravos para Portugal.

1534

Implantação do regime de capitanias hereditárias. Aumenta a imigração de colonos, atentando contra a mulher indígena, a posse da terra e a liberdade dos índios.

1537

Breve papal de Paulo III proclama os índios "verdadeiros homens e livres", isto é, criaturas de Deus iguais a todos.

1540

Reações dos Tupy à conquista: 12.000 índios emigram da Bahia ou Pernambuco; somente 300 chegam a Chachapoya, no Peru.
Sessenta mil Tupinambá fogem da opressão portuguesa, exaurindo-se pelo caminho, até atingir a foz do Madeira (1530 – 1612).

1547

Os Carijó, grupo guarani da capitania de São Vicente, são assaltados por preadores de escravos e vendidos em várias capitanias. Para escapar à escravização, tribos guerreiam entre si, arrebanhando escravos para a indústria canavieira.

1549	Chega a primeira missão jesuítica, chefiada por Manuel da Nóbrega, com oito missionários, entre os quais José de Anchieta. Dissolve-se o regime de capitanias. É estabelecido o governo-geral. Tomé de Souza, primeiro governador-geral, reimplanta o escambo para obter alimentos e trabalho dos índios, mas não impede a escravização.
1553	O segundo governador-geral, Duarte da Costa, permite que os colonos escravizem e tomem as terras dos grupos tribais mais próximos dos estabelecimentos coloniais. Violentos confrontos entre índios e brancos na Bahia (1555).
1557	Chegada de Mem de Sá, terceiro governador-geral. Os índios da Bahia recusam-se a plantar, sobrevindo a fome em toda a província. Os jesuítas agrupam 34.000 índios Tupinambá em onze paróquias (1557 – 1562).
1560	Expulsão dos franceses do Rio de Janeiro com a ajuda de índios Tupinambá.
1562	Para conseguir escravos "legítimos", Mem de Sá move "guerra justa" aos Caeté, sob a alegação de serem pagãos e terem trucidado o primeiro bispo do Brasil, em 1556.
1563	Conseqüência da guerra aos Caeté; epidemias de fome e de varíola dizimam 70.000 índios na Bahia.
1568	Início provável do tráfego regular de escravos negros ao Brasil.
1584	Epidemia de varíola se alastra pelas aldeias indígenas na Bahia. Os sobreviventes se oferecem como escravos por um prato de farinha.
1591	O abuso da exploração de trabalho indígena e os castigos infligidos às missões levaram a Companhia de Jesus a recomendar moderação aos sacerdotes, proibindo-os também de receber "esmolas" dos índios.

1610 Instalação das primeiras reduções jesuíticas na bacia do Prata, hábitat de inúmeros grupos guaranis e núcleo do que viria a ser a "República Cristã dos Guarani".

1611 A legislação portuguesa reconhece a liberdade dos índios, exceto dos "aprisionados em guerra justa e dos resgatados quando cativos de outros índios".

1612 Os franceses desembarcam no Maranhão. Aliam-se aos Tupinambá e constroem o forte de São Luís. Padres capuchinhos Abbeville e D'Evreux encarregam-se da catequese.

1615 Ajudados pelos Tremembé, grupo tapuia, os portugueses expulsam La Ravardière do Maranhão. Os 12.000 Tupinambá, aliados dos franceses, são sanguinariamente reprimidos.

1621 Uma epidemia de varíola aniquila os remanescentes Tupinambá da costa do Maranhão e Grão-Pará.

1622 Os jesuítas fundam colégios em São Luís e Belém. A metrópole confia aos inacianos a missão dos "descimentos": buscar os índios nos altos rios e reparti-los ao serviço público e particular.

1628 Os bandeirantes atacam as reduções jesuíticas de Guairá (Paraná). Quinze mil escravos guaranis, postos a ferro, são levados a São Paulo.

1631 A devastação dos bandeirantes obriga os padres a transferir 100.000 Guarani das reduções de Guairá para além das cataratas de Iguaçu. Chegam apenas 10.000.

1639 Quatro mil Guarani derrotam os bandeirantes com flechas, lanças e fuzis, importados e fabricados pelos jesuítas por licença da Coroa espanhola.

1640 Levante de colonos em São Paulo contra a bula de Urbano VIII. Os jesuítas são expulsos e reintegrados em 1643 por ordem régia. A bula reafirma a excomunhão dos que incorrem no cativeiro de índios.

1641 Os bandeirantes são mais uma vez derrotados pelos Guarani na batalha de Mbororé (margem direita do rio Uruguai).

1651 Depois de haver escravizado ou aniquilado cerca de 300.000 Guarani, os bandeirantes paulistas cessam suas incursões de "caça ao índio" nas reduções jesuíticas do sul.
A expansão pastoril do nordeste atinge um subgrupo aimoré, Gueren, em Ilhéus, Bahia. Primeira etapa da chamada "Guerra dos Bárbaros".

1652 Chegada do padre Antônio Vieira ao Maranhão. Por ordem da Coroa, a questão indígena no norte é entregue aos jesuítas.

1653 A provisão de 17 de outubro de 1653 reintroduz na legislação a faculdade de escravizar os índios por motivo de "guerra justa" e de "resgate". Reiniciam-se as entradas para captura de índios.

1671 Bandeirantes exterminam os Paiaia, grupo tapuia do sertão da Bahia, para entregar suas terras ao gado. Outra etapa da "Guerra dos Bárbaros", que acabou com inúmeras tribos.

1674 Bandeirantes paulistas iniciam o "ciclo do ouro" com a expedição de Fernão Dias Paes Leme a Minas Gerais.

1679 Bento Maciel Parente, filho do exterminador dos Tupinambá do Maranhão, dizima os Tremembé, grupo cariri do litoral do Ceará.

1680 Novo regimento das Missões do Estado do Maranhão. A metrópole retira dos colonos a administração das aldeias e as expedições de resgate, que são entregues outra vez aos jesuítas.

1684 Nova lei atende os moradores do Estado do Maranhão para o governo dos índios.

1685 Vitória dos jesuítas sobre os colonos no Estado do Maranhão. No entanto, são obrigados a dividir o poder sobre os índios com outras ordens religiosas.

1692 Os Janduí, subgrupo dos Tarairiu, que fora aliado dos holandeses, firmam um "tratado de paz" com a Coroa, o primeiro da história do Brasil. São considerados "livres".

1701 Os bandeirantes descobrem jazidas de ouro no rio das Velhas (Minas Gerais). As populações indígenas são exterminadas sem que a história registre seus nomes.

1712 Última grande revolta dos Tapuia do nordeste destrói estabelecimentos granadeiros do Piauí, Ceará e Maranhão.

1718 A legislação colonial, sob argumentos falsos, reintroduz e justifica a escravização dos índios.
O bandeirante Antônio Pires do Campo encontra ouro em Cuiabá e Guaporé. Entra em contato com os Pareci, cujas aldeias são devastadas pelos mineradores.

1726 Bartolomeu Bueno da Silva, o "Anhangüera", forma uma bandeira com Carijó (Guarani) e descobre ouro em Goiás. Os índios fogem para o Tocantins. São provavelmente os ancestrais dos Avá-Canoeiro.

1727 Guerra de extermínio aos Timbira do Maranhão, que resistem ao cativeiro e à expansão do gado sobre suas terras.

1728 Belchior Mendes de Moraes extermina 20.000 Manao da foz do rio Negro. Na resistência se destaca Ajuricaba.

1734 Antônio Pires do Campo entra em contato com os Bororo do Mato Grosso. Com sua ajuda, ataca os Kayapó de Goiás, que impediam o acesso às minas desse Estado.
É decretada "guerra justa" contra os Mbayá-Guaicuru e seus aliados, os canoeiros Paiaguá, que impediam as passagens das monções paulistas no rio Paraguai rumo ao ouro de Cuiabá. Os Paiaguá são massacrados.

1742 É declarada "guerra justa" aos Kayapó de Goiás.

1744	Bula papal de Benedito XIV proíbe, sob pena de excomunhão, o cativeiro secular ou eclesiástico dos índios.
1750	Os Guarani são atacados por um exército luso-espanhol para desocuparem os Sete Povos das Missões. Pelo Tratado de Madri, esse território passa para a Coroa espanhola.
1755	Lei de 6 de junho de 1755 extingue o cativeiro dos índios. Nominalmente estavam alforriados.
1757	O marquês de Pombal cria o regime de diretório em substituição à ação missionária para governo dos índios.
1759	Por ordem de Pombal, a Companhia de Jesus é expulsa do Brasil. Todos os seus bens revertem ao Estado.
1808	Três cartas régias de d. João VI reeditam a escravização dos índios por "guerra justa". Os Botocudo de Minas Gerais são dizimados.
1823	José Bonifácio, o "Patriarca da Independência", apresenta a memória: "Apontamentos para a civilização dos índios bravos do Brasil". A Constituição de 1824 não incorpora esses princípios. Alguns deles são depois retomados por Rondon.
1824	Os Xavante, divisão dos Akwen, pressionados pela expansão pastoril, chegam ao Tocantins. Depois (1859) emigram ao Araguaia e, por último, ao rio das Mortes, Mato Grosso. Os Xerente (outra divisão dos Akwen) permanecem no Tocantins. Recebem uma reserva para seu usufruto do imperador d. Pedro II. Um capuchinho traz sertanejos para suas terras. A população dos Xerente declina de 4.000, em 1824, a 1.360, em 1900, 800 em 1929 e 350 em 1957.
1831	Revogação das leis de 1808 e 1809 que permitiam a "guerra justa" contra os índios.
1835	Eclode a Cabanagem na Amazônia, principal insurreição nativista do Brasil. Os Munduruku e Mawé, do Tapajós e Madeira, os Mura, do Madeira, bem como grupos do rio Negro aderem aos cabanos.

1839 Rendição dos cabanos. Epidemias e a atroz perseguição às tribos que com eles combatiam devastam enormes áreas da Amazônia.

1840 Início da fase extrativista de gomas elásticas na Amazônia, principalmente da borracha (1879-1910), que dará cabo de inúmeras etnias tribais.

1843 O governo imperial autoriza a vinda de padres capuchinhos para catequizar os índios.

1845 São criados o diretor-geral de índios em cada província e o diretor de aldeia para regular as relações entre índios e brancos. Prevalecem, como era de se esperar, os interesses destes últimos.

1850 A lei número 601 de 18 de dezembro de 1850 regula a posse da terra pela aquisição e não pela ocupação efetiva. Os territórios tribais são incluídos na categoria "terras particulares", sujeitas à legalização em cartório.

1897 Os Kayapó de Pau d'Arco, região de campos do Araguaia, são reunidos por um missionário dominicano como moradores locais. Dos 1.500 índios então existentes não resta nenhum.

1904 Cândido Mariano da Silva Rondon inicia a construção de linhas telegráficas de Cuiabá ao Amazonas. Entra em contato amistoso e pacífico com inúmeras tribos de Mato Grosso e Guaporé.

1910 Rondon e um grupo de militares positivistas, professores universitários e sertanistas fundam o Serviço de Proteção ao Índio (lei 8.072 de 20 de julho de 1910).

1912 A Comissão Rondon pacifica os Nambikwara, tribo muito aguerrida, calculada em cerca de 20.000 índios.
O etnólogo Curt Nimuendaju recolhe os sobreviventes Apopokuva-Guarani que em fins do século XIX iniciaram uma migração de Mato Grosso ao Atlântico em busca da Terra sem Males.

1914 Pacificação dos Kaingang paulistas, atingidos pela expansão das lavouras de café no noroeste de São Paulo.
Pacificação dos Xocleng de Santa Catarina, cujas terras ricas em araucárias são entregues aos alemães.

1924 Pacificação dos Baenãn remanescentes dos Botocudo do sul da Bahia. As densas florestas que habitavam são derrubadas para dar lugar às plantações de cacau.

1946 Pacificação dos Xavante do rio das Mortes, área de expansão de fazendas de gado.

1950-1960 Pacificação de diversos grupos dos Kayapó do sul do Pará: Gorotire, Xikrin, Kuben-kran-ken e outros, cujas terras são invadidas por seringueiros e castanheiros.

1965 Deslocamento das fontes de expansão agropecuária e mineradora para a Amazônia e centro-oeste, onde se concentra 60 por cento da população indígena atual.

1967 O artigo 198 da Constituição de 24 de janeiro de 1967 diz: "As terras habitadas pelos silvícolas são inalienáveis nos termos que a lei federal determinar, a eles cabendo sua posse permanente e ficando reconhecido o seu direito ao usufruto exclusivo das riquezas naturais e de todas as utilidades nelas existentes".
Extinto o Serviço de Proteção ao Índio, é instituída a Funai (lei 5.371).

1970 O levantamento aerofotogramétrico do projeto Radam revela grandes jazidas de minérios em áreas ocupadas por grupos tribais na Amazônia. A exploração agropecuária, madeireira e mineira por grandes latifúndios e empresas multinacionais, a implantação de infra-estruturas de estradas e hidrelétricas ameaçam a sobrevivência desses grupos.

1973 O Estatuto do Índio (lei 6.001 de 19 de dezembro de 1973) prevê no seu artigo 19 a demarcação das terras indígenas, ainda não efetivada.

1974 Projetado o Parque Indígena Kayapó, no sul do Pará; até hoje não foi demarcado.

1980 Fundada a UNI (União das Nações Indígenas), ainda não reconhecida pela Funai.

1981 Projeto Polonoroeste (Mato Grosso e Rondônia) e o Grande Karajás (Pará e Maranhão) deslocam índios de suas terras e causam grande impacto ambiental.

1982 Resistência dos Pataxó Hã-Hã-Hãe, no sul da Bahia, às tentativas de expulsão de suas terras.
Histórica eleição de Mário Juruna à Câmara Federal em 15 de novembro.

1983 Movimento pró-diretas-já com Mário Juruna enviando vários projetos ao Senado.
Cresce número de garimpos em terras indígenas.

1984 Crise na Funai com troca de três presidentes durante o ano. Comissão da UNI entrega documento (com introdução de Ailton Krenak) em Brasília reivindicando a criação de um novo órgão indigenista.

1985 Organizações de apoio ao índio e UNI enviam proposta de texto sobre direitos indígenas para a Comissão Afonso Arinos, constituída por decreto do presidente José Sarney para elaborar anteprojetos para a nova constituição.

1986 Há oito candidatos indígenas à Constituinte em sete unidades da federação: Davi Yanomami (RR); Gilberto P. Lima Macuxi (RR); Alváro Tukano (AM); Biraci Brasil Iauanauá (AC); Nicolau Tsererowe Xavante (MT); Idjahurí Karajá (GO); Marcos Terena (DF), e Mário Juruna Xavante (RJ). Nenhum dos candidatos conseguiu se eleger.

1987 Índios Txucarramãe fazem pajelança na rampa do Congresso Nacional a fim de afastar os maus espíritos e atrair os bons para proteger os constituintes e dão um cocar de presente a Ulysses Guimarães.

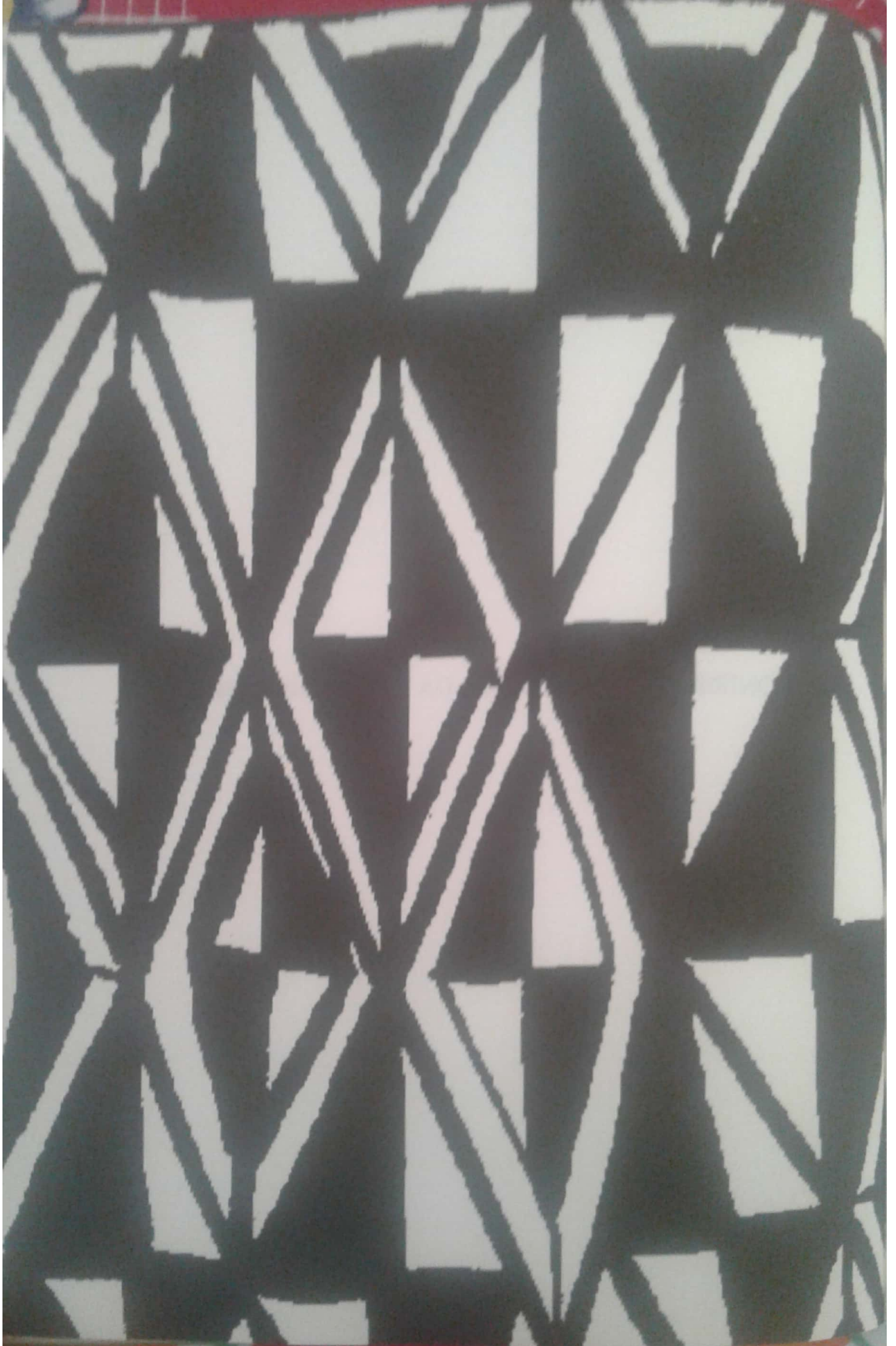
1988	No dia 28 de março, 14 índios Tikuna do alto Solimões (Amazonas) são assassinados, 23 foram feridos e 5 desaparecem numa chacina encomendada por madeireiros. Bernardo Cabral (relator da Constituinte) altera direitos dos índios já aprovados em primeiro turno – entre eles houve a exclusão do trecho que estabelece que as terras tradicionalmente ocupadas pelos índios são destinadas a suas posses permanentes.
1989	Projeto Calha Norte gera polêmica entre povos indígenas e o governo. Realização do Encontro de Altamira. Entre os temas do encontro está a construção do Complexo Hidrelétrico do Xingu. Na mesma ocasião ocorreu a Festa do Milho, realizada pelos Kayapó.
1990	Colônias indígenas do alto rio Negro, local do projeto Calha Norte, passam através de decreto a ser área indígena; seria esse um meio do Estado para se livrar das responsabilidades em matéria de desenvolvimento comunitário que estão ligadas à figura de colônia indígena.
1991	Os Kayapó A'Ukre firmam contrato com uma indústria inglesa para a exportação de óleo de castanha-do-pará. Isso deu maior importância a Paulinho Paiakan como o indígena do ecologismo, pois somente extraem o óleo sem derrubar as castanheiras.
1992	ECO 92.
1993	Garimpos invadem área dos Munduruku no oeste do Pará. Trinta e quatro índios Sateré-Mawe recebem certificado de professores após curso de quarenta e cinco dias.
1994	Concedido liminar proibindo exploração de madeira na aldeia indígena Xikrin do Cateté no sul do Pará. Funai e Ibama apertam o cerco contra madeireiros no sul do Pará.

1995 Mogno retirado de reserva caiapó é apreendido e vai a leilão. A exploração era feita por integrantes do exército brasileiro. Paiakan, liderança caiapó do Pará, quer implantar nas terras indígenas a Universidade Kayapó Mebegnokre, com a finalidade de resgatar os costumes da tribo.

1996 É realizado na Guatemala encontro com vistas ao resgate do espírito e da ciência nativa. Participam remanescentes dos povos Maia, Ketchua, Aymara, Tupy, Tapuia, Karib e Kahuna. Pela primeira vez em sua história, a Universidade de Oxford, Inglaterra, convida um índio brasileiro, que é respeitado como membro e representante de uma tradição religiosa, espiritualista e milenar.

1997 Oitenta anciãos indígenas da América do Sul se encontram na floresta colombiana para realizar rituais de paz e solidariedade entre os povos.

1998 O Instituto Nova Tribo denuncia em Stanford, Califórnia, a presença constante de missões americanas catequizadoras e aliciadoras de povos indígenas na Amazônia e a biopirataria (utilização da sabedoria indígena por parte de grupos que representam multinacionais instaladas na Amazônia, através de estratégias aliciadoras).

CONTRIBUIÇÃO DOS FILHOS DA TERRA À HUMANIDADE

A CONTRIBUIÇÃO TAPUIA À CULTURA BRASILEIRA

Os povos chamados "Tapuia" no século XVI pelos Tupinambá e "negros da terra" pelos primeiros colonos portugueses de São Paulo são catalogados hoje por antropólogos em número de 206 "nações" indígenas, somados os que restaram dos guerreiros descendentes dos Tupy. No correr destes últimos quinhentos anos, a civilização ocidental cresceu, expandiu-se e, principalmente no século XX, voltaram a encontrá-los, e até hoje, de vez em quando, topam com povos nunca antes vistos, nem pelos próprios Tapuia.

Nessa década, a partir de 1980, historiadores e antropólogos procuraram fazer um levantamento da contribuição nativa para a sociedade brasileira.

Embora não reconhecida pela sociedade, é enorme a contribuição indígena à cultura brasileira. Infelizmente, há também a exploração do saber indígena, por exemplo, em relação à fitoterapia por parte de laboratórios farmacêuticos estrangeiros com falsos intuitos científicos e grandes propósitos de lucros fáceis. E, em relação ao seu saber espiritual, proliferam pelas metrópoles "xamãs" diplomados. Hoje, os Tapuia, depois de milênios, são os povos que despertam mais interesse de aprendizado por parte da ciência da psicologia, da biologia e da educação ambiental.

As biotecnologias desenvolvidas pelos índios, muitas vezes adquiridas a partir da tradição dos Tapuia do Sonho, contribuíram sensivelmente para o equilíbrio da Mãe Terra.

Segundo estudiosos da civilização urbana, as formas nativas de lidar com a flora e a fauna a fim de manter um equilíbrio sustentável levaram os povos da floresta a desenvolver técnicas de manejamento de solo, de plantio e processamento de alimentos, bem como técnicas e equipamentos para caça e pesca. Classificaram e nomearam em sua língua tribal árvores e plantas utilizadas na alimentação, medicamentos, confecção de instrumentos de caça e pesca, construção de moradias, barcos, etc.

CULTIVO DA TERRA

Fato desconhecido pelo ocidental, a terra já era cultivada pelos indígenas. A exemplo disso, os Kayapó, apesar da diversidade ecológica das savanas e cerrados, sabiam que o ciclo das chuvas e secas fornece grande abundância de recursos naturais. Assim, os Kayapó localizavam depressões no terreno de 1 a 2 metros de diâmetro e de 50 a 60 centímetros de profundidade e as preenchiam com palha misturada com cupinzeiros e pedaços esmagados de formigueiro, bem como cupins e formigas vivas, para que estes brigassem entre si, deixando assim os brotos em paz e decompondo e agregando nutrientes ao solo, onde plantavam espécies úteis, formando ilhas de florestas em pleno cerrado. Essas ilhas são compostas de arvores frutíferas que atraem caça, trepadeiras que produzem água potável, árvores que dão sombra, lenha, formando espécies semidomesticadas e ilhas de recursos. Afora esse método, também outros ameríndios faziam o remanejo intencional do hábitat a fim de estimular o crescimento de comunidades vegetais e a sua integração com comunidades animais e com o próprio homem.

CLASSIFICAÇÃO DE PLANTAS

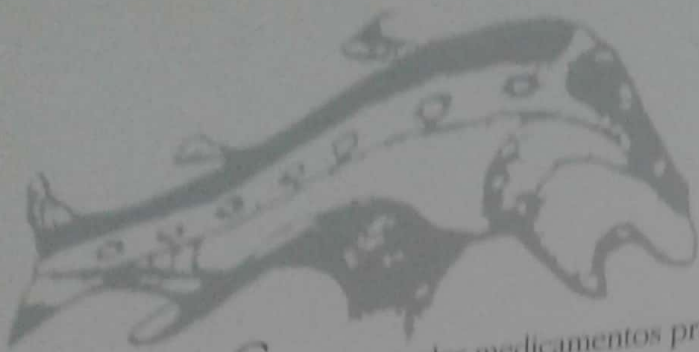
Não existe um levantamento exato das espécies vegetais conhecidas e utilizadas pelos indígenas, mesmo porque os índios "batizam" as plantas em sua língua nativa. Assim, muitas espécies ainda não têm equivalentes às plantas cientificamente catalogadas.

As numerosas espécies de plantas usadas pelos indígenas, umas silvestres, outras cultivadas, são empregadas para diversos fins, tais como alimentação, tecnologia (construção de casas, meios de transporte, utensílios domésticos e de trabalho), ornamentação pessoal e produção de corantes, venenos ou drogas; uso mágico e jogos.

As principais plantas utilizadas pela humanidade na alimentação e na industria (farmacêutica, cosmética, alimentícia) foram descobertas e domesticadas pelos índios da América.

Das espécies alimentícias podemos citar a batata-inglesa (erroneamente chamada de inglesa, pois é originária do Peru), o milho, a mandioca, o tomate, feijões e favas, como o amendoim; e, dentre as frutíferas, o mamão, o caju, o cacau, sem contar muitas que ainda hoje são desconhecidas dos povos "civilizados": guacari, ingá, abio, murici, cupuaçu, araticum, etc.

Inúmeras outras espécies utilizadas pelos índios foram adotadas pela civilização européia, como a seringueira, que produz o látex e que os índios já utilizavam para confeccionar bolas, impermeabilizar objetos. A borracha foi descoberta somente em meados do século XIX, quando a Amazônia era o único lugar do mundo a ter a seringueira.

Várias espécies de palmeiras também eram conhecidas dos índios, que delas retiravam o palmito, o fruto, a castanha para produzir azeites para vários fins, as fibras para coberturas de casas, cestarias, esteiras, ou as fibras mais finas para produzir fios e tecidos, e por fim a madeira para inúmeras finalidades. As mais utilizadas são o babaçu, o buriti, o açaí, a bocaiúva, a aupunha.

Grande parte dos medicamentos produzidos pelos laboratórios tem como base as plantas curativas indígenas, e essa origem é praticamente ignorada pela civilização ocidental. Os povos indígenas não receberam reconhecimento nem respeito por sua contribuição nessa área. As populações rurais empregam a flora medicinal nativa para curar inúmeros males. Podemos citar algumas dessas espécies:

- quinina: para a cura da malária;
- copaíba: para curar feridas e outras enfermidades;
- coca: usada pelos índios como estimulante.

Outras espécies de planta eram usadas para ornamentação pessoal, como os corantes, retirados do urucum (corante vermelho), do jenipapo (corante preto), dentre outros.

Das plantas estimulantes usadas pelos índios, algumas delas hoje se espalharam pelo mundo, como o guaraná (estimulante notável, com baixo teor de cafeína), o tabaco (era usado principalmente para efeitos mágicos, como terapêutica medicinal e como estimulante), a erva-mate (ao que tudo indica, foi principalmente consumida pelos Guarani, que a usavam ao natural com fins medicinais).

Não podemos nos esquecer de citar o algodão e a piaçava, usados para inúmeros fins, como a confecção de tecido e vassouras.

Com relação aos recursos da fauna, os índios desenvolveram técnicas adequadas ao seu manejo:

- viver em pequenos núcleos, minimizando assim o impacto da exploração humana sobre peixes e demais animais da floresta;
- cuidar de terras não habitadas a fim de formar reservas faunísticas;
- controle de natalidade;
- dispersão de comunidades ao invés de amontoamento;
- salvaguardar espécies ameaçadas através de tabus alimentares;
- cultivo de roças ribeirinhas e demais pontos da floresta como clareiras a fim de atrair e alimentar a população faunística.

Os povos que viviam nas margens dos rios, principalmente na Amazônia, desenvolveram métodos para a fabricação de canoas e utensílios de pesca e tinham nos rios grande fonte de alimentos:

• *pirarucu:* peixe de grande porte, cerca de 1,70 metro e 80 quilos. De carne saborosa, ao subir à superfície para respirar proporcionava ao índio pescador o uso do arpão para fisgá-lo;

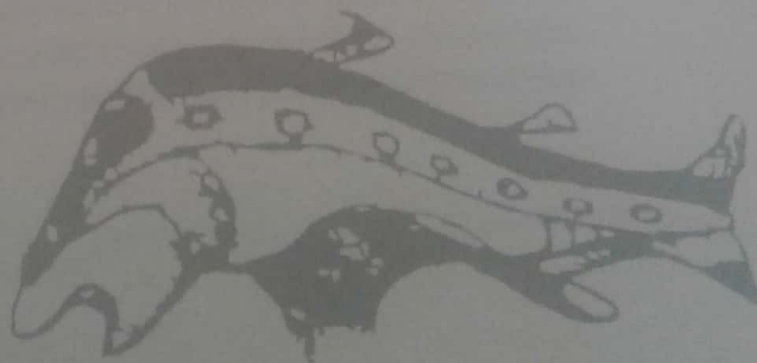
• *tartaruga fluvial:* quelônio que numa única desova deposita entre 100 e 150 ovos. Apesar da enorme população, essa espécie foi quase extinta, pois, além de alimento, seus ovos forneciam um óleo que, misturado ao alcatrão, era utilizado na vedação de navios e na argamassa empregada para a construção de casas;

• *piraíba:* maior peixe de couro do Brasil, chega a medir 2,3 metros de comprimento e a pesar 140 quilos. Alimenta-se do pasto existente na várzea do Amazonas.

Da fauna terrestre comestível, destacam-se a paca, a cutia, o tatu, a capivara, o veado e a anta. Espécies herbívoras, elas encontram nas folhagens, tubérculos e frutos das roças os alimentos de que necessitam.

O que faz do índio um bom caçador não são suas habilidades com o arco e flecha, e sim sua capacidade de seguir a caça pacientemente e conhecer seus hábitos, bem como suas pegadas e preferências alimentares e o hábitat.

Outro hábito alimentar dos indígenas é o consumo de alguns insetos, de onde retiram grande parte da proteína necessária à sua alimentação.

Algumas receitas indígenas, como a pamonha, o cuscuz e a canjica, são adotadas pela civilização ocidental e muito consumidas nos dias de hoje.

CONTRIBUIÇÃO PARA A SAÚDE, A ÉTICA E A FILOSOFIA

Entre o final do século XIX e o início do XX, um médico e historiador paraguaio, profundo estudioso do povo guarani, dr. Moisés Santiago Bertoni, autor de uma grande obra intitulada *A Civilização Guarani,* incluiu em um dos seus volumes o relato das contribuições que a cultura nativa havia deixado para a saúde, a ética e a filosofia, pois tais contribuições poderiam ser de grande utilidade para a então sociedade emergente, ocidental e mestiça, que, de certa forma, resulta na civilização atual.

Bertoni enumera as seguintes contribuições, higiênicas, científicas e cabíveis em qualquer sociedade:

O SEGREDO DA BOA SAÚDE E LONGEVIDADE – Só quebrado na época das guerras e sistemas de escravidão do passado, que obrigou muitas vezes a alterar o ritmo tradicional, que consistia em banhos freqüentíssimos; a sabedoria de empregar exercícios físicos com moderação desde a infância, na forma de ritos interativos com a natureza e através da arte da dança e dos cantos; a utilização do jejum como higiene interna, como medicamento e como fortalecimento espiritual. O respeito ao ritmo e ciclo do organismo e das funções orgânicas, através do descanso apropriado e da atividade correta, reconhecendo o sono como sagrado tanto quanto a ação. A alimentação à base de frutas, mel, raízes (mandioca, batata, milho, etc.), sementes energéticas (amendoim, guaraná, fei-

jão, etc.), a carne de peixe dentro do ciclo da estação propícia, e a carne de animal somente de maneira ritual, muito bem assada, para eliminar toxinas e a ligação psicoespiritual do sofrimento. O uso da bebida levemente fermentada ao invés da bebida alcoólica, consumida de maneira moderada.

O DESENVOLVIMENTO ÉTICO – A prática da filosofia guarani, ensinada nas aldeias, é a arte do domínio sobre si mesmo. O desenvolvimento da capacidade de lidar com suas dores físicas e morais invocando sempre o espírito da sabedoria. O domínio sobre si mesmo começa na infância: as crianças são conscientizadas da diferença entre alimentação e gula. Os ritos de passagem criança–jovem–adulto têm por finalidade ética atentar para o domínio dos reflexos, dos sentidos, dos desejos e paixões. Nunca tais ritos tiveram ou têm por premissa a repressão e sim o desafio de viver no espaço da liberdade. Por isso, não se castigam os filhos, mas estimulam sua liberdade individual e contam com o ciclo do tempo e das estações internas do ser para aos poucos mostrar-se a responsabilidade da liberdade.

Bertoni também atenta para várias contribuições científicas, desde o uso do veneno da cobra para curar o mal da própria cobra, que veio da sabedoria dos pajés e chegou ao Ocidente como soro antiofídico, até procedimentos de medicina terapêutica, como a hidroterapia, o escalda-pés, a escarificação e a naturoterapia, que muitos médicos adotaram e que consiste na prescrição de banhos de sol ou de lua para curar males psíquicos; o uso da terra, da água, do ar e do fogo para curas de determinados estados do ser, e a fitoterapia, que é a sabedoria da medicina das plantas, do ponto de vista botânico, psíquico e espiritual.

A EDUCAÇÃO DA TRIBO

A tribo dividiu-se para multiplicar as experiências do ser. A tribo surgiu no mundo externo para o ser conseguir suportar a sua grande noite. Assim pensam os Kaiowá, os seres da mata. Na tradição guarani, cada coisa que vemos hoje é uma imagem da imagem do que verdadeiramente é; por isso, recorre-se aos cantos de origem e às danças do clã, para suportarem ser um pálido reflexo do ser. Uma imagem que se esvanece diante da raiz ancestral. Para os Bororo, somos o eco dos ancestrais; por isso, habitamos na caverna do mundo, e da visão dos ancestrais temos as estrelas. As estrelas são os nossos avós e irmãos mais velhos. Amanhã seremos estrelas e também deixaremos ecos nesta caverna. Esta caverna é sagrada, a escola onde o som aprende a fazer brilhar seu pulsar.

Tribo e espírito caminham juntos. Para o índio, são sinônimos. Pela sua memória, ele sabe e apalpa o espírito através da tribo: pai, mãe, filho, rio, pedra, girino, cachoeira, floresta, mar, nuvem, chuva, onça, arara, irmão. E dentro da tribo coexiste o criar, sim, o criar, que é a conseqüência do aprender, que por sua vez é o motivo pelo qual sua alma-luz corporificou-se, para apre(e)nder-se e criar. A instituição do criar promovida pelo índio é a arte, a cerimônia e a celebração. Que se desdobram em beleza, ordem e alegria. A arte gera a beleza porque trata da exteriorização do fluir do espírito; a cerimônia gera ordem porque trata da exteriorização da comunicação do espírito com a matéria, ou seja, da tradução do céu para a terra; e a celebração gera alegria porque trata da animação da tribo externa pela tribo interna, pois essa tribo é uma qualidade superior de fogo, que anima, que vivifica.

O ESPÍRITO DO ESPÍRITO - Quando se percorre o caminho do guerreiro, o aprendizado baseia-se na seiva da memória que percorre das raízes, passando pelo tronco, aos galhos e folhas dessa árvore da vida que busca o sol. Como já disse, pela memória sabe-se que tribo e espírito acontecem juntos. O espírito acontece dentro de você, e você é uma interconexão de muitos. No caminho do guerreiro, cabe a você discernir os seus muitos, os verdadeiros e os falsos. O que foi tecido pelos fios divinos e o que foi tecido pelos fios humanos. Cabe a você des-a-fiar. Quando você principia a discernir, você torna-se um txukarramãe, ou seja, torna-se um guerreiro sem armas.

Por quê?

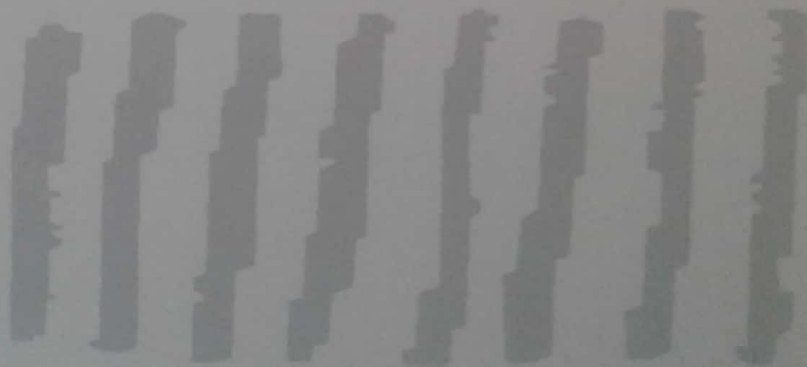
Os fios tecidos pela mão do humano formam pedaços vivificados pelo seu espírito, passando a fazer parte da tribo. Por isso numa tribo existiram o canibal, o homem-morcego, o usurpador, o vaidoso, o orgulhoso, o conquistador. Foi tecido pelo poder de criar que a mão manifesta. Foram criados pela sua palavra. Esse é o poder do *popyguá* que nos foi dado. Essa mão gerou todos os tipos de criação. E quando você descobre que muitas coisas que fazem parte de você, para se defender do mundo externo, na verdade foram geradas pela sua própria mão, da matéria indelével que é o pensamento, então você descobre a raiz da questão. Busca discernir em seu momento o que você tem feito de você e como é sua dança no mundo. Assim, desapega-se aos poucos das armas, que são criações feitas para matar criações. De repente descobriu-se que, quando se pára de criar o inimigo, extingue-se a necessidade das armas.

O espírito aqui é noite e dia, como já vimos, e mais tudo aquilo que sua mão teceu, fio por fio. Então, você percebe que o espírito manchou-se de criações impróprias, de si próprio. Esse é o risco do percurso da alma-luz, e é natural. Isso acontece na grande noite da alma, quando ela esquece de se enxergar, luz que é, quando não se invoca a sabedoria da coruja, que vê no escuro. Então, de tempos em tempos, o espírito busca purificar-se – isso faz parte do caminho do guerreiro. O espírito é uma qualidade superior de fogo, a divindade

que lhe dá forma – o Tupi-Guarani chama de *Jakaira*, que é a Bruma Originária, a fumaça sagrada. O espírito fez-se e é esse fogo-bruma soprado pelo Criador. Ele possui matizes, cores, tons; colocados pelos Anciães do Arco-Íris , que nada mais são do que uma expressão, um desdobramento do Grande Espírito Criador, ou o Grande Sol, o Grande Bisavô, ou seja, Este, que tem muitos nomes e nenhum o abarca.

Quando se caminha para a consciência do espírito, caminha-se para a consciência da tribo. Da mesma forma que *Namandu (O que Tem Muitos Nomes, o Grande Espírito)*, desdobra-se em muitos e sustenta sua presença-luz tanto na gota do orvalho quanto na soma das galáxias; o ser humano faz o caminho do dobrar-se para a unificação com Ele. Assim é que tudo pulsa e flui. E o espírito humano desdobrou-se, separou-se, para dobrar-se diante Daquele que Foi-É-Será.

O espírito preenche-se e esvazia-se do Grande Espírito, que por sua vez preenche-se e esvazia-se. Dessa forma, o espírito tem um ritmo, assim como no corpo físico o pulmão testemunha sua ação tocada pelo coração. Esse ritmo tem quatro tons. No Grande Espírito, concebemos como os quatro cantos, os pontos cardeais. O Grande Espírito inspira no Leste nos trazendo sua divina Luz. Prossegue no Sul, brotando a Vida. Retem-se no Oeste, transformando a Vida; e expira-se ao Norte, retornando a Si. Assim *Namandu* criou a *Cy-Ibi*, a Mãe Terra.

Através da Mãe Terra, a vida vai contando a história dos ciclos, dos temperamentos, das transformações, das respirações, dos elementos. Essa história é a história do espírito humano. Por isso, espírito e tribo andam juntos, mesmo em se tratando de um indivíduo. O índio está para a tribo, mesmo só, assim como esta é para o espírito, mesmo ensombrecida. Pela memória ancestral sabemos que a solidão e as sombras fazem parte da tarefa; quando o caminho se encruzilha, é justamente com eles que se intensificará o ponto de maturação do espírito.

A SURDEZ E A AUDIÇÃO DA RELIGIÃO - Índio, clã, tribo, espírito se integram de tal maneira que não se carece de religião, no sentido ocidental da palavra e também no sentido do que fizeram do sentido original da palavra. Conforme se diz, a palavra vem do latim *religare*, religar. Religar com alguma coisa. Com o Divino, com Deus. Foi essa a idéia trazida para estes trópicos no século XVI.

Vimos que no decorrer deste século tem-se tentado manifestar essas idéias nos templos, catedrais, capelas, livros. E vê-se que essa idéia não se manifesta na atitude da civilização. Enquanto isso, o espaço entre a idéia e a atitude tem gerado a miséria humana. A palavra corre pelo governo humano sem espírito, sem cumprimento do que se diz. Pois palavra e espírito estão longe. A voz sai morta, porém recheada de maquilagem para dar a impressão de vida. A palavra assina tratado de paz enquanto a mão acena guerra. A religião é surda, pois o espírito está mudo.

Então, nesse sentido, não foi possível catequizar o índio a essa religião. Foi possível somente torná-lo bêbado e miserável. Mas a um povo que tem em sua ancestralidade a memória de si como um som, uma música que reflete um tom da Grande Sinfonia Cósmica, não coube ser catequizado a essa surdez. Coube, sim, ter sido temporariamente soterrado, desterrado de si. Havendo então a arqueologia, a antroposofia e a teosofia como possibilidades de apoio de levantamento da natividade brasileira.

Pois dessa linguagem primeira, antiga, que se tornou tão diversa, espalhada pelo tempo, pela América, entre os trópicos; tornada fragmento, fóssil, resto de fogueira, ponta de flecha, pedaço de alma desterrada, estilhaço de cultura pelo chão da urbanidade; escombra-se a mais ancestral religiosidade humana.

Uma religiosidade onde o povo-em-pé, o povo-nuvem, o povo-pedra, o povo-água são reconhecidos como nações. De uma memória que sabe que seu coração tem o mesmo pulsar das estrelas e é habitado pelo fogo-alma, chama-palavra, som que caminha sobre dois pés. Sua memória sabe que o Grande Espírito fala pelo silêncio presente em tudo.

E, nesse momento, que ele pode chamar de sua vida dentro da Vida, não há re-ligação a fazer. Há um resgate a realizar. Quando as raízes mergulharem de novo na terra, a árvore terá força para compreender as sombras que o Dia gera.

OS SINAIS DO ESPÍRITO

A arte de ler os sinais através do movimento dos pássaros, dos ventos, dos rios e do fogo é para o povo indígena a maneira pela qual a Mãe Terra conversa com o ser humano. Essa fala silenciosa faz parte do caminho do coração.

1 Cada desenho que um pássaro faz no céu em seu vôo é uma tarefa que realiza de comum acordo com a Mãe Terra. Nenhum vôo é gratuito; nenhum pouso é vão. Além dos pássaros que vemos há os Pássaros Raios e os Pássaros Trovões. Estes são Grandes Espíritos. O falcão, o gavião-real, a águia e a pomba, sendo pássaros superiores, todos os invernos vão à morada dos Pássaros Trovões, e quando chega a primavera dançam pelo céu a força e o poder do Trovão, inspirando a Criação.

2 Quando um desses pássaros surge à vista de uma pessoa, ela está sendo solicitada a agir com o poder do coração, morada do espírito em cada ser. Se aparecer em sonho, o próprio espírito está falando: eu sou sua força.

3 O beija-flor visita moradas de espíritos relâmpagos. Quando é visto, inspira boas idéias e diz que é hora de semeá-las. O beija-flor foi a primeira forma que Namandu, o Grande Mistério, assumiu para revelar-se.

4 A segunda forma que Namandu assumiu, para refletir sobre a criação dos Pássaros Trovões, foi a da coruja, que, durante o Nada da Noite, empoleirou-se sobre si mesmo e criou a sabedoria.

5 Quando as asas bateram, os ventos passaram a existir como mensageiros:
Quando sopram do sul: uma aventura inesperada, um rumo não previsto na caminhada.
Quando sopram do oeste: o que tem que morrer morrerá.
Quando sopram do norte: a clareza da jornada com proteção dos ancestrais.
Quando sopram do leste: a fortuna, o início.

6 Todo rio traz mensagem de prosperidade; toda cachoeira traz abundância, renovação permanente, desde que o espírito siga o rio, em seu exemplo, e sua mensagem de fonte irradiante.

7 O pássaro kuchiu é bem-aventurado. Seu canto, no entanto, é um lamento. Sabendo que a Terra ia ser inundada, lamentou-se em um canto, e por compaixão o Nosso Pai não deixou o céu desabar.

8 Quando a Terra e as leis da natureza cósmica e terrena foram criadas, os anciães da sabedoria fizeram uma roda e as narraram diante de uma fogueira, de modo que todo o fogo gravou na memória todas as leis e o calor da sabedoria dos anciães. Por isso, quando uma fogueira se acender e um círculo de pessoas se unir em torno do fogo, as leis serão aquecidas novamente no coração humano.

GRAMÁTICA INDÍGENA

Existem algumas características fonéticas na estrutura da língua indígena totalmente diferentes das da língua portuguesa. Como a cultura indígena é tradicionalmente oral e no passado possuiu uma escrita ideogramática, suas expressões foram adaptadas para a gramática ocidental.

No Brasil, foi José de Anchieta quem primeiro organizou a gramática indígena, no século XVI, unificando os falares da floresta a uma língua geral, que foi chamada na época de *nheengatu*, que significa "língua boa". A partir do século XVIII agregaram-se as influências karib e aruak da região amazônica.

O nheengatu, ou nhencatu, foi a língua oficial brasileira até o século XIX – o português era falado somente pela corte nas reuniões parlamentares. Mas, através de um decreto, d. João VI determinou a proibição da fala dos chamados brasilienses, os mestiços descendentes da saga das três raças que formaram o povo brasileiro, para que Portugal não perdesse a hegemonia política e cultural. Assim, o português foi se impondo nestes últimos duzentos anos e acabou se tornando a língua oficial do país.

Com o tempo a convenção gramatical nheengatu foi se constituindo numa referência para antropólogos e etnólogos. A fonologia moderna aprofundou ainda mais a complexidade e a sutileza da linguagem dos povos da floresta com suas nasalidades e sibilações, organizando uma espécie de gramática para os povos da floresta, de maneira que possa ser reproduzido a particularidade de alguns sons. No entanto, algumas convenções incorporadas aos falares dos indígenas ferem a lógica da gramática portuguesa.

Neste livro, há algumas convenções usadas ainda por Anchieta, que se tornaram clássicas e que o autor preferiu adotar. A seguir, algumas observações a respeito dos sons dos filhos desta terra:

1. Nome dos povos no singular, com a primeira letra em maiúsculo.

Os Guarani, em vez de os guaranis.

2. Ortografia e fonética.

Da solução gráfica dada pelos missionários do passado às palavras ouvidas nas selvas concluiu-se que às principais línguas indígenas (principalmente o Tupy) falta o som representado por *f, l, lh, rr , v, z* As palavras grafadas, portanto, com *v* e *z* já refletem a influência das línguas européias, e parte do povo brasileiro atual não registra esses sons em seus falares:

Páia, em vez de palha; fáia, em lugar de falha.

Não existe o som equivalente a RR (dois erres). Por exemplo, a palavra "retama" deve ser pronunciada com o som de R, como em *cara, arara.*

O W no começo da palavra atualmente tem o som de V. Na língua tupi, seu som é "mb", o que tem provocado também na escrita portuguesa a adequação para o som B. Por exemplo: *Werá, por Iberá ou Verá.*

Por isso preferiu-se, sempre que possível, manter os nomes de acordo com a fonética indígena:

Mbaecuaá = sabedoria, em vez de "baécuaá" ou "vaécuaá", que não traduzem o espírito-som da palavra.

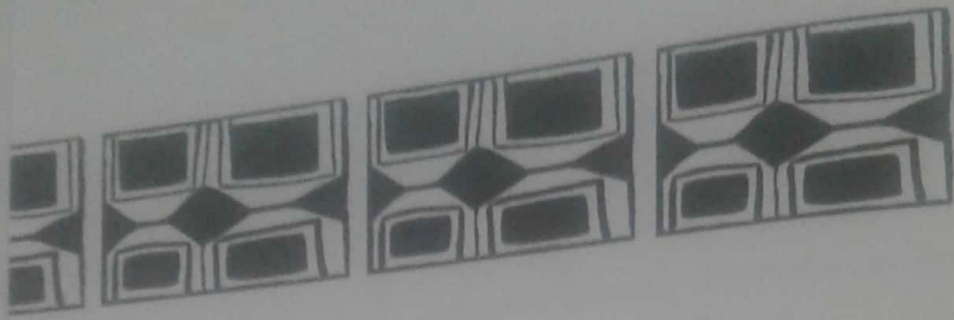
CONTRIBUIÇÕES DA LÍNGUA INDÍGENA PARA O BRASIL

A língua indígena, principalmente o Tupy, através dos Tupinambá, está presente até hoje no nosso cotidiano: na fauna, flora, topônimos e expressões cotidianas. Estudiosos verificaram, por exemplo, que de mil nomes de aves 350 eram designações tupis; de 550 peixes, metade é identificada com nomes tupis, e a geografia brasileira é praticamente batizada com nomes nativos.

E até hoje temos a presença do nheengatu – basta observar a fala brasileira do interior e o português cotidiano das cidades:

"Chega de *nhenhenhém*". *(nhem = fala, na língua tupi)*

"Não deixe a *peteca* cair" (*peteca*, palavra tupi, que significa "bater com as mãos")

Algumas outras palavras: soco, socar, amendoim, paca, maracujá, caatinga, pereba, piranha, pororoca, pipoca, samambaia, igara, igarapé, jaci, jaca, jacu, tainá, jacaré, pitanga, caipira, caipora, caiçara, cumbica, cumbuca, iara.

POVOS INDÍGENAS DO BRASIL CONTEMPORÂNEO

	Nome	Outros nomes ou grafias	Tronco/língua	UF (Brasil) Países limítrofes	População Censo/estimativa	Ano
1	Aikanã	Aikanã, Massaká, Tubarão	Aikanã	RO	175	1995
2	Ajuru		Tupari	RO	38	1990
3	Amanayé	Amanaié	Tupi-Guarani	PA	66	1990
4	Anambé		Tupi-Guarani	PA	105	1994
5	Aparai	Apalai	Karib	PA	?	
6	Apiaká	Apiacá	Tupi-Guarani	MT	43	1989
7	Apinayé	Apinajé, Apinaié	Jê	TO	718	1989
8	Apurinã		Aruák	AM	2.800	1991
9	Arapaço	Arapasso	Tukano	AM	317	1992
10	Arara	Ukarãgmã, Ukarãngmã	Karib	PA	165	1995
11	Arara	Karo	Ramarama	RO	130	1989
12	Arara	Shawanauá	Pano	AC	300	1993
13	Arara do Beiradão	Arara do Beiradão	?	MT	150	1994
14	Araweté	Arauetê	Tupi-Guarani	PA	230	1995
15	Arikapu	Aricapu	Jaboti	RO	6	1990
16	Arikem	Ariquem	Arikem	RO	?	
17	Aruá		Mondé	RO	36	1990
18	Asurini do Tocantins	Akuáwa	Tupi-Guarani	PA	233	1995
19	Asurini do Xingu	Awaeté	Tupi-Guarani	PA	81	1995
20	Atikum	Aticum	**	PE	2.799	1989
21	Avá-Canoeiro		Tupi-Guarani	TO/GO	14	1995
22	Aweti	Aueti	Aweti	MT	93	1995
23	Bakairi	Bacairi	Karib	MT	570	1989
24	Banawa Yafi		Arawá	AM	120	1991
25	Baniwa*	Baniua, Baniva	Aruák	AM	3.189	1995
				Colômbia	?	
				Venezuela	(1.192)	1992
26	Bará*		Tukano	AM	40	1992
				Colômbia	(296)	1988
27	Baré*		Nheegatu	AM	2.170	1992
				Venezuela	(1.136)	1992
28	Bororo	Boe	Bororo	MT	914	1994
29	Chamacoco*		Samuko	MS	40	1994
				Paraguai	(908)	1992
30	Cinta Larga	Matétamãe	Mondé	MT/RO	643	1993
31	Columbiara	Corumbiara	?	RO	?	
32	Deni		Arawá	AM	570	1995
33	Dessano*	Desâna, Desano, Wira	Tukano	AM	1.458	1992
				Colômbia	(2.036)	1988
34	Enawenê-Nawê	Salumã	Aruák	MT	253	1995
35	Fulni-ô		Yatê	PE	2.788	1989
36	Galibi Marworno	Galibi do Uaçá, Aruã	Karib	AP	1.249	1993

	Nome	Outros nomes ou grafias	Tronco/língua	UF (Brasil) Países limítrofes	População Censo/estimativa	Ano
37	Galibi*	Galibi do Oiapoque	Karib	AP	37	1993
				Guiana Francesa	(2.000)	1982
38	Gavião	Digút	Mondé	RO	360	1989
39	Gavião	Parkatejê,	Jê	PA	333	1995
		Gavião do Mãe Maria				
40	Gavião	Pukobiê,Pykopjê,	Jê	MA	150	1990
		Gavião do MA				
41	Guajá	Awá, Avá	Tupi-Guarani	MA	370	
42	Guajajara	Tenethehara	Tupi-Guarani	MA	10.200	1995
43	Guarani*		Tupi-Guarani	MS/SP/RJ/	30.000	1995
				PR/ES/SC/RS		
	Kaiowá	Pãi Tavyterã	Tupi-Guarani	MS, Paraguai	(25.000)	1995
	Ñandeva	Avakatueté, Chiripá	Tupi-Guarani	MS/SP/PR/		
				Paraguai		
	M'bya		Tupi-Guarani	SP/RJ/ES/PR/		
				SC/RS		
				Argentina/Paraguai		
44	Guató		Guató	MS	700	1993
45	Hixkaryana	Hixkariana	Karib	AM/PA	?	
46	Ingarikó *	Ingaricó	Karib	RR	1.000	1994
	Akawaio, Kapon			Guiana	(4.000)	1990
				Venezuela	(728)	1992
47	Iranxe	Irantxe	Iranxe	MT	250	1994
48	Jaboti		Jaboti	RO	67	1990
49	Jamamadi	Yamamadi, Djeoromitxi	Arawá	AM	250	1987
50	Jaminawa *	Iamináua	Pano	AC	370	1987
	Yaminahua			Peru	(600)	1988
51	Jarawara	Jarauara	Arawá	AM	160	1990
52	Jenipapo-Kanindé		**	CE	?	
53	Jiripancó	Jeripancó	**	AL	842	1992
54	Juma	Yuma	Tupi-Guarani	AM	7	1994
55	Juruna	Yuruna,Yudjá	Juruna	PA	212	1995
56	Kaapor	Urubu-Kaapor,Kaápor,	Tupi-Guarani	MA	500	
		Kaaporté				
57	Kadiweu	Caduveo, Cadiuéu	Guaikuru			
58	Kaimbé	Caimbé	**			1993
59	Kaingang	Caingangue	Jê	BA	1.200	1989
60	Kaixana	Caixana	**	SP/PR/SC/RS	20.000	1994
61	Kalapalo	Calapalo		AM	?	
62	Kamayurá	Camaiurá	Karib	MT	326	1995
63	Kamba	Camba	Tupi-Guarani	MT	303	
64	Kambeba	Cambeba, Omágua	?	MS	?	
65	Kambiwá	Cambiuá	Tupi-Guarani	AM		1989
66	Kampá*	Campa	**	PE	1.255	
	Ashãninka, Ashaninka		Aruák	AC	763	1994
				Peru	(55.000)	1993

	Nome	Outros nomes ou grafias	Tronco/língua	UF (Brasil) Países limítrofes	População Censo/estimativa	Ano
67	Kanamanti	Canamanti	Arawá	AM	150	1990
68	Kanamari	Canamari	Katukina	AM	1.300	1994
69	Kanela Apaniekra	Canela, Timbira	Jê	MA	336	1990
70	Kanela Rankokamekra	Canela, timbira	Jê	MA	883	
71	Kanoe	Canoe	Kanoe	RO	61	1990
72	Kantaruré	Cantaruré	**	BA	?	
73	Kapinawá	Capinauá	**	PE	354	1989
74	Karafawyana		Karib	PA/AM	?	
75	Karajá	Carajá	Karajá	MT/ TO/PA	1.900	1995
	Karajá/Javaé		Karajá	TO	750	1995
	Karajá/Xambioá	Karajá do Norte	Karajá	TO	250	1995
76	Karapanã*	Carapanã	Tukano	AM	40	1992
	Colômbia	(412)	1988			
77	Karapotó	Carapotó	**	AL	1.050	1994
78	Karipuna	Caripuna	Tupi-Guarani	RO	8	1995
79	Karipuna do Amapá	Caripuna	Creoulo Francês	AP	1.353	1993
80	Kariri	Cariri	**	CE	?	
81	Kariri-Xocó	Cariri-chocó	**	AL	1.500	1990
82	Karitiana	Caritiana	Arikem	RO	171	1994
83	Katuena	Catuena	Karib	PA/AM	?	
84	Katukina	Pedá Djapá	Katukina	AM	250	1990
85	Katukina	Shanenawa	Pano	AC	400	1990
86	Kaxarari	Caxarari	Pano	AM/RO	220	1989
87	Kaxinawá*	Cashinauá, Caxinauá	Pano	AC	3.387	1994
	Cashinahua			Peru	(1.200)	1988
88	Kaxixó		**	MG	?	
89	Kaxuyana	Caxuiana	Karib	PA	?	
90	Kayabi	Caiabi, Kaiabi	Tupi-Guarani	MT/PA	1.200	1995
91	Kayapó	Kaiapó, Caiapó	Jê	MT/PA	4.000	1993
	Mebegnokre					
	A'Ukre, Gorotire					
	Kikretum, Mekragnoti					
	Kuben-kran-ken					
	Kokraimoro, Kubemkokre					
	Metuktire, Pukanu					
	Xikrin do Bacajá					
	Xikrin do Cateté					
	Kararaô					
92	Kiriri		**	BA	1.526	1994
93	Kocama*	Cocama	Tupi-Guarani	AM	320	1989
				Colômbia	(236)	1988
94	Kokuiregatejê	Timbira	Jê	MA	?	
95	Krahô	Craô, Kraô, Timbira	Jê	TO	1198	1989
96	Kreje	Timbira	Jê	PA	?	
97	Krenak	Crenaque	Krenak	MG	99	

	Nome	Outros nomes ou grafias	Tronco/língua	UF (Brasil) Países limítrofes	População Censo/estimativa	Ano
98	Krikati	Krinkati, Timbira	Jê	MA	420	1990
99	Kwazá	Coaiá, Koaiá	Língua isolada	RO	15	1995
100	Kubeo*	Cubeo	Tukano	AM	219	1992
				Colômbia	(5.837)	1988
	Cobewa					
101	Kuikuro	Kuikuru	Karib	MT	343	1995
102	Kujubim	Kuyubi	Txapakura	RO	14	1990
103	Kulina/Madihá*	Culina, Madija	Arawá	AC/AM	2.500	1991
				Peru	(500)	1988
	Madiha					
104	Kulina	Culina	Pano	AM	50	1990
105	Kuripako*	Curipaco, Curripaco	Aruák	AM	880	1995
				Venezuela	(2.585)	1992
				Colômbia	(6.790)	1988
106	Kuruaia	Curuáia	Munduruku	PA	?	
107	Machineri	Manchineri	Aruák	AC	332	1994
108	Macurap	Makurap	Tupari	RO	129	1990
109	Maku*	Macu	Maku	AM	2.050	1989
	Maku Yuhupde		Maku			
	Maku Hupdá		Maku			
	Maku Nadeb		Maku			
	Maku Dow		Maku			
	Maku Cacua e Nucak		Maku	Colômbia	(786)	1988
110	Makuna*	Macuna, Yepamahsã	Tukano	AM	34	1992
				Colômbia	528	1988
111	Makuxi*	Macuxi, Macushi, Pemon	Karib	RR	15.000	1994
				Guiana	(7.500)	1990
112	Marubo		Pano	AM	960	1994
113	Matipu		Karib	MT	62	1995
114	Matis		Pano	AM	178	1994
115	Matsé*	Mayoruna	Pano	AM	640	1994
				Peru	(1.000)	1988
116	Mawayana		Karib	PA/AM	?	
117	Maxakali	Maxacali	Maxakali	MG	594	1989
118	Mehinako	Meináku, Meinacu	Aruák	MT	149	1994
119	Menky	Myky,Munku, Menki	Iranxe	MT	62	1995
120	Mequém		Tupari	RO	?	
121	Miranha*	Mirãnha, Miranã	Bora	AM	400	1994
				Colômbia	(445)	1988
122	Miriti Tapuia		Tukano	AM	120	1992
123	Munduruku	Mundurucu	Munduruku	PA	3.000	1990
124	Mura		Mura	AM	1.400	1990
125	Nahukwá	Nafuquá	Karib	MT	64	1995

	Nome	Outros nomes ou grafias	Tronco/língua	UF (Brasil) Países limítrofes	População Censo/estimativa	Ano
126	Nambikwara	Anunsu, Nhambiquara	Nambikwara	MT/RO	885	1989
	Nambikwara do Campo	Halotesu, Kithaulu, Wakalitesu Sawentesu	Nambikwara			
	Nambikwara do Norte	Negarotê, Mamaindê, Latundê Sabanê e Manduka, Tawandê	Nambikwara			
	Nambikwara do Sul	Hahaintesu, Alantesu, Waikisu Alaketesu, Wasusu, Sararé	Nambikwara			
127	Nukini	Nuquini	Pano	AC	400	1994
128	Ofaié	Ofayé-Xavante	Ofaié	MS	87	1991
129	Paiaku		**	CE	?	
130	Pakaa Nova	Wari, Pacaás Novos	Txapakura	RO	1.300	1989
131	Palikur*	Aukwayene, Aukuyene	Aruák	AP	722	1993
	Paliku'ene			Guiana Francesa	(470)	1980
132	Panará	Krenhakarore, Krenakore	Jê	MT	160	1995
	Krenakore					
	Índios Gigantes					
	Kreen-Akarore					
133	Pankararé	Pancararé	**	BA	723	
134	Pankararu	Pancararu	**	PE	3.676	1989
135	Pankaru	Pancaru	**	BA	74	1992
136	Parakanã	Paracanã, Apiterewa	Tupi-Guarani	PA	624	1995
137	Pareci	Paresi, Haliti	Aruák	MT	1.200	1995
138	Parintintin		Tupi-Guarani	AM	130	1990
139	Patamona*	Kapon	Karib	RR	50	
				Guiana	(5.500)	1990
140	Pataxó		**	BA	1.759	1989
141	Pataxó Hã-Hã-Hãe		**	BA	1.665	1993
142	Paumari	Palmari	Arawá	AM	539	1988
143	Paumelenho		?	RO	?	
144	Pirahã	Mura Prahã	Mura	AM	179	1993
145	Piratuapuia*	Piratapuya, Piratapuyo	Tukano	AM	926	1992
				Colômbia	(400)	1988
146	Pitaguari		**	CE	?	
147	Potiguara		**	PB	6.120	1989
148	Poyanawa	Poianáua	Pano	AC	385	
149	Rikbaktsa	Canoeiros, Erigpaktsa	Rikbaktsa	MT	690	1993
150	Sakirabiap		Tupari	RO	?	
151	Sateré-Mawé	Sateré-Maué	Mawé	AM	5.825	1991
152	Suruí	Aikewara	Tupi-Guarani	PA	185	1995
153	Suruí	Paiter	Mondé	RO	586	1992
154	Suyá	Suiá	Jê	MT	213	1995
155	Tapayuna	Beiço-de-Pau	Jê	MT	58	1995
156	Tapeba		**	CE	1.143	1992
157	Tapirapé	Tapi'irape	Tupi-Guarani	MT	380	1995
158	Tapuia	Tapuia-Xavante	**	GO	?	

	Nome	Outros nomes ou grafias	Tronco/língua	UF (Brasil) Países limítrofes	População Censo/estimativa	Ano
159	Tariano*		Aruák	AM	1.630	
				Colômbia	(205)	1988
160	Taurepang*	Taulipang	Karib	RR	200	1989
	Pemon, Arekuna			Venezuela	(20.607)	1992
161	Tembé		Tupi-Guarani	PA/MA	800	1990
162	Tenharim		Tupi-Guarani	AM	360	1994
163	Terena		Aruák	MS	15.000	1994
164	Ticuna*	Tikuna, Tukuna, Magüta	Ticuna	AM	23.000	1994
				Peru	(4.200)	1988
				Colômbia	(4.535)	1988
165	Tingui Botó		**	AL	180	1991
166	Tiryó*	Trio, Tarona, Yawi, Pianokoto	Karib	PA	380	1994
	Piano			Suriname	(376)	1974
167	Torá		Txapakura	AM	25	1989
168	Tremembé		**	CE	2.247	1992
169	Truká		**	PE	909	1990
170	Trumai		Trumai	MT	89	1995
171	Tsohom Djapá	Tsunhum-Djapá	Katukina	AM	100	1985
172	Tukano*	Tucano	Tukano	AM	2.868	1992
				Colômbia	(6.330)	1988
173	Tupari		Tupari	RO	204	1992
174	Tupiniquim		**	ES	884	1987
175	Turiwara		Tupi-Guarani	PA	39	1990
176	Tuxá		**	BA/PE	929	1992
177	Tuyuká	Tuluca	Tukano	AM	518	1992
				Colômbia	(570)	1988
178	Txikão	Txicão, Ikpeng	Karib	MT	214	1995
179	Umutina	Omotina, Barbados	Bororo	MT	100	1989
180	Uru-Eu-Wau-Wau	Urueu-Uau-Uau, Uru Pan In	Tupi-Guarani	RO	106	1994
		Amundáwa		RO		
181	Wai Wai	Waiwai	Karib	RR/AM/PA	1.366	
182	Waiãpi*	Wayampi, Oyampi, Wayãpy	Tupi-Guarani	AP	498	1994
				Guiana Francesa	(412)	1982
183	Waimiri Atroari	Kinã	Karib	RR/AM	611	1994
184	Wanano*	Uanano	Tukano	AM	506	
				Colômbia	(1.113)	
185	Wapixana*	Uapixana, Vapidiana, Wapisiana	Aruák	RR	5.000	1994
				Guiana	(4.000)	1990
186	Warekena*	Uarequena	Aruák	AM	476	1992
				Venezuela	(420)	1992
187	Wassu		**	AL	1.220	1994
188	Waurá	Uaurá, Wauja	Aruák	MT	226	1995
189	Wayana*	Waiana, Uaiana	Karib	PA	?	
				Suriname	(150)	1972
				Guiana Francesa	(510)	1980

	Nome	Outros nomes ou grafias	Tronco/língua	UF (Brasil) Países limítrofes	População Censo/estimativa	Ano
190	Witoto*	Uitoto, Huitoto	Witoto	AM	?	
				Colômbia	(5.939)	1988
				Peru	(2.775)	1988
191	Xkriabá	Xacriabá	Jê	MG	4.952	1994
192	Xavante	Akwe, Awen, Akwen	Jê	MT	7.100	1994
193	Xerente	Akwe, Awen, Akwen	Jê	TO	1.552	1994
194	Xereu		Karib	PA/AM	?	
195	Xipaia	Shipaya	Juruna	PA	?	
196	Xokó	Xocó, Chocó	**	SE	250	1987
197	Xokleng	Shokleng	Jê	SC	1.650	1994
198	Xukuru	Xucuru	**	PE	3.254	1992
199	Xukuru Kariri	Xucuru-Kariri	**	AL	1.520	1989
200	Yanomami*	Ianomâmi, Ianoama, Xirianá	Yanomami	RR/AM	9.975	1988
	Yanoman		Yanomami	Venezuela	(15.193)	1992
	Sanumá		Yanomami			
	Ninam		Yanomami			
201	Yawalapiti	Iualapiti	Aruák	MT	196	1995
202	Ywanawá	Iuanauá	Pano	AC	270	1994
203	Yekuana*	Maiongong, Ye'kuana, Yekwana	Karib	RR	180	1990
				Venezuela	(3.632)	1992
204	Zo'e	Poturu	Tupi-Guarani	PA	110	1990
205	Zoró		Mondé	MT	257	1992
206	Zuruahã	Sorowaha, Suruwaha	Arawá	AM	143	1995

(*) Povos que estão em mais de um país – (**) Já não falam a língua original; usam o português regional.
Obs. As famílias lingüísticas Tupi-Guarani, Aweti, Munduruku, Mawé, Tupari, Arikem, Mondé, Ramarama e Juruna fazem parte do tronco Tupi. As famílias lingüísticas Jê, Maxakali, Krenak, Yatê, Karajá, Ofaié, Guató, Rikbaktsa e Bororo fazem parte do tronco macro-jê.

POSFÁCIO

UM NOVO OLHAR

Em julho de 1997, a Fundação Peirópolis teve a oportunidade de participar da Conferência Internacional de Educação em Valores Humanos, na Índia. Nosso coração bateu mais forte quando nos deparamos com o número de participantes: mais de 20 mil pessoas, educadores e jovens, compartilhando seu conhecimento, suas experiências e seus anseios. Era gente do mundo todo, de diferentes culturas, com diferentes visões de mundo. O retrato de um renascimento. Uma fotografia da rica paisagem mental que ainda tem espaço no mundo, focada no amor, na paz, no respeito pelas diferenças e na busca de propostas integradoras que possam alterar os rumos da vida neste planeta.

Muita coisa surpreendente aconteceu por lá, mas houve um momento que nos fez refletir muito. Uma daquelas coisas que ficam ressoando dentro da gente até encontrar um lugar para se acomodar. A iniciativa desse encontro partiu do grande educador indiano Sri Sathya Sai Baba, que, entre tantas outras apresentações, disse duas coisas preciosas. Em primeiro lugar, agradeceu aos estrangeiros pela boa vontade em partilhar da vida de uma cultura que não lhes era familiar, comendo, se vestindo, dormindo e agindo de acordo com os padrões locais. Esse recado era sutil, mas direto: a proposta de uma educação em valores humanos não é uma proposta indiana, mas, sim, fundamentada em valores universais. Para praticá-la, portanto, não há necessidade de recorrer exclusivamente aos referenciais dessa cultura. E acrescentou: "Não levem um galho da Índia para o seu país. Levem uma semente. Plantem no seu solo, e deixem nascer a sua árvore".

Essa frase ficou ressoando dentro de nós, pois vinha ao encontro do que já estávamos construindo, ou seja, nossos próprios referenciais como contribuição a uma proposta de valores universais.

Durante a nossa estada, tivemos a oportunidade de visitar inúmeras escolas, universidades e centros de excelência em pós-graduação, todos eles trabalhando a proposta de educação em valores humanos. Teria sido engraçado, se não fosse trágico, observarmos o ar desconcertado de uma professora brasileira quando, em resposta à sua pergunta sobre as dificuldades de fazer com que seus alunos fossem levados a vivenciar alguns valores humanos, a diretora de uma dessas escolas exclamou de forma magnífica: "Será que na sua língua, no seu país, não há nada que você possa dizer ou fazer com seus alunos que os conduza ao amor e à paz?"

Talvez tenhamos realmente nos esquecido do que dizer ou fazer sobre isso. Talvez o modelo fragmentado de educação ao qual nos submetemos e a violência do modelo de vida que adotamos nos tenham feito simplesmente esquecer o quanto somos seres interdependentes. Mas a humanidade vem há milênios formando culturas, tradições e conhecimentos que renovam e revivem, cada uma à sua maneira, a possibilidade de nos mantermos vivos, integrando nossas múltiplas inteligências e nossa atuação no mundo.

Na volta dessa viagem, com tudo isso ressoando dentro de nós, tivemos um encontro muito significativo: Kaka Werá Jecupé. E instantaneamente nos lembramos da recomendação "plantem a semente a deixem nascer a árvore do seu país, da sua cultura".

O que temos hoje é o fruto da árvore que já nasceu. E, ao que tudo indica, está virando floresta. Nas raízes das culturas indígenas, vislumbramos valores universais. Floresceu um programa de educação em valores humanos que vem equiparando e integrando essas tradições a outras, que, nascidas no Oriente e no Ocidente, também trazem essa contribuição e, se revisitadas, fazem nascer novas propostas metodológicas inseridas num contexto de complexidade e complementaridade, em sintonia com os novos paradigmas na ciência e com as necessidades urgentes do surgimento de uma nova ética.

As tradições indígenas merecem um outro olhar. Um olhar inteligente, sensível e competente, sintonizado com as transformações que vêm ocorrendo em todas as áreas do conhecimento. Não se trata mais de um olhar de conquista ou de ajuda, resultado de relações desequilibradas. É o olhar entre seres humanos buscando a harmonia entre seus saberes, respeitando suas diferenças e aceitando uma mútua contribuição. Esse é o olhar inteligente do coração que nos encaminha para uma nova síntese.

"No caminho do guerreiro, cabe a você discernir o que foi tecido pelos fios divinos e o que foi tecido pelos fios humanos. Quando você principia a discernir, você se torna um txucarramãe – um guerreiro sem armas. Porque os fios tecidos pela mão do humano formam pedaços vivificados pelo seu espírito. Essa mão gera todos os tipos de criação. Muitas coisas fazem parte de você para se defender do mundo externo, geradas pela sua própria mão e pelo seu pensamento. Quando você descobre o que tem feito da sua vida e como é a sua dança no mundo, desapega-se aos poucos das armas, que são criações feitas para matar criações. De repente, descobre-se que, quando paramos de criar o inimigo, extingue-se a necessidade das armas."

Kaka Werá Jecupé

Palavras de um índio do Brasil de hoje. Quase no século XXI e ainda não conseguimos perceber com a devida integridade que nesta nossa terra, tão próximo de nós, uma milenar visão integrada de ser humano se mantém e deve ser revisitada.

Vale a pena renovar o nosso olhar sobre as tradições indígenas. Deixar de ver o índio como personagem de uma história remota, como reduto de festas folclóricas ou como estorvo incapaz perante a lei. Afinal, até mesmo a ciência racional do Ocidente começa a tocar de leve um universo onde o coração indígena sempre esteve: o seio da terra.

A teia da vida se renova e podemos trabalhar para que a identidade do povo brasileiro se enriqueça, agregando a noção de que somos também uma etnia milenar, berço de uma cultura que pode e deve ser alçada à altura daquelas que servem de esteio às nossas ações no mundo.

Podemos fazer das novas gerações e de nós mesmos seres mais inteiros e íntegros, reintegrando a contribuição dessas tradições com a perspectiva de valores universais que podem e devem ser vivenciados.

Tarefa difícil? Nem tanto. Possível? Com certeza. Válida? Mais do que isso, urgente e necessária. O coração se emociona. O conhecimento se expande. O ser humano cresce. E a vida agradece.

Regina de Fátima Migliori,
diretora do Campus 21 da Fundação Peirópolis.

O AUTOR

Kaka Werá Jecupé é filho de pais tapuias, ou txucarramães (guerreiros sem armas), como prefere chamá-los, que saíram do Araguaia para habitar no norte de Minas Gerais, entre o Rio São Franscisco e a cidade de Montes Claros no início dos anos 60. Família de tradição nômade, juntaram-se aos Guarani da região que rumavam para São Paulo, onde Werá nasceu em 1964, próximo à represa Billings, limite da zona sul de São Paulo. Foi batizado por Tiramãe Werá, cacique e pajé da aldeia de Pró-Mirim, que era então responsável pelo nimongaraí (cerimônia de batismo) das aldeias guaranis do litoral paulista e do recente aldeamento de São Paulo, em terras cedidas por um sitiante japonês.

Anos depois, parte dessa região se tornaria a periferia paulistana, onde Kaka Werá fez os estudos básicos, em escola pública, e viveu parte de sua infância e adolescência. Nessa época, uma separação se instalou, pois fora orientado (juntamente com os pais) a deixar o paganismo e obter um batismo cristão, tornando-se Carlos Alberto dos Santos, cidadão paulistano.

Na década de 80 fez uma peregrinação por várias aldeias guaranis do sudeste ao sul do Brasil, até o Paraguai, buscando sentido para a vida e sua verdadeira identidade. Seguiu a mesma trajetória de um episódio conhecido como "A Busca da Terra sem Males" pelos historiadores, que ocorreu nos séculos XVI e XVII, em que os Tupy-Guarani espalharam-se por aldeias do Paraguai ao Espírito Santo, fragmentando sua sabedoria ancestral nessa rota.

De 1989 a 1992 atuou na Aldeia Morro da Saudade em São Paulo, apoiando os

Guarani na construção do Centro de Cultura Indígena, onde foi rebatizado por Guirá-Pepó, cacique e pajé daquela comunidade.

Em 1992 criou uma comissão intertribal para lutar pela cidadania cultural indígena, com Roman Ketchua, Daniel Munduruku, entre outros. Iniciou um aprofundamento espiritual, a partir da purificação de suas mazelas pessoais, através da natureza e dos quatro elementos: terra, água, fogo e ar, orientado por Espíritos Ancestrais.

Em 1994 criou a Nova Tribo, destinada a resgatar e difundir a sabedoria indígena, publicou o livro *Todas as Vezes que Dissemos Adeus* e realizou uma peregrinação ao norte do país, em busca da sabedoria dos povos amazônicos e dos cerrados. Em Tocantins, foi batizado nas águas deste rio através do povo krahô, onde é reconhecido pelo nome de Txutk (semente de fruto maduro), e se tornou um *Pabi* (um ser-ponte, entre culturas). A Nova Tribo tornou-se um instituto dedicado à reunião e ao desenvolvimento da medicina nativa, à difusão da sabedoria espiritual dos indígenas brasileiros e coordenadora de projetos, edições e eventos dos povos da floresta.

Em 1996 foi convidado pela Universidade de Oxford (Inglaterra) para falar sobre a religiosidade indígena. Nessa ocasião pediu respeito e não-imposição das tradições religiosas milenares (judaico-cristã) em relação às tradições religiosas imemoriais (indígenas), e em 1997, a convite da Universidade de Stanford (Estados Unidos), discursou sobre a religiosidade ancestral indígena, em um encontro inter-religioso que reuniu duzentos líderes religiosos de todo o mundo.

Através do Instituto Nova Tribo, em parceria com a Fundação Peirópolis, coordena uma ação de educação em valores humanos da sabedoria indígena para os povos urbanos.

Na virada do milênio, em que se discute a ética, quebram-se paradigmas e em que, nas palavras dos índios, chegou a hora da "pacificação do branco", é preciso remodelar a nossa visão da identidade do povo brasileiro, agregando-lhe a noção de que também nós somos uma etnia milenar.
Uma das mais nobres e eficientes formas de concretizar isso é reintegrar ao universo da educação a perspectiva universal dos valores contidos na tradição indígena.
A Terra dos mil povos relembra esses valores, e também a ética, a forma de pensar e de agir, de amar a natureza e de ter fé do índio.
Kaka Werá Jecupé, índio txucarramãe, nos conta o que lhe contaram seus pais, avós, bisavós e as gerações ancestrais de sua nação, com a mesma oralidade e a mesma fé – um pouco da história brasileira esquecida pelos livros didáticos.
Este livro integra o Projeto Arapoty, campanha de resgate da cultura indígena idealizada pelo Instituto Nova Tribo, com o apoio da Fundação Peirópolis e da Fundação Odebrecht.

SÉRIE EDUCAÇÃO PARA A PAZ

Eu sou Kaka Werá Jecupé.
Kaka é um apelido, um escudo. De acordo com a nossa tradição, uma palavra pode proteger ou destruir uma pessoa; o poder de uma palavra na boca é o mesmo de uma flecha no arco, de modo que às vezes usamos apelidos como patuás.
Werá Jecupé é o meu tom, ou seja, meu espírito nomeado. De acordo com esse nome, meu espírito veio do leste, fazendo um movimento para o sul, entonando assim um som, uma dança, um gesto do espírito para a matéria, que nos apresenta ao mundo como uma assinatura. Essa assinatura, registrada na alma, me faz algo como neto do Trovão, bisneto de Tupã. É dessa maneira que somos nomeados, para que não se perca a qualidade da Natureza de que descendemos.